



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARCELA YAEMI OGO

**A PERMANÊNCIA NA CARREIRA DO PROFESSOR DE
CIÊNCIAS: UMA LEITURA BASEADA EM CHARLOT**

Londrina
2010

MARCELA YAEMI OGO

**A PERMANÊNCIA NA CARREIRA DO PROFESSOR DE
CIÊNCIAS: UMA LEITURA BASEADA EM CHARLOT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Laburú

Londrina
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

O35p Ogo, Marcela Yaemi.

A permanência na carreira do professor de ciências : uma leitura baseada em
Charlot / Marcela Yaemi Ogo. – Londrina, 2010.
144 f. : il.

Orientador: Carlos Eduardo Laburú.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) –
Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-
Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Charlot, Bernard – Crítica e interpretação – Teses. 2. Professores de ciências –
Carreiras e oportunidades – Teses. 3. Ciências – Prática de ensino – Teses. 4. Professores
– Personalidade e ocupação – Teses. 5. Ciências – Estudo e ensino – Teses. I. Laburú,
Carlos Eduardo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de
Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. III. Título.

CDU 50:37.02

MARCELA YAEMI OGO

**A PERMANÊNCIA NA CARREIRA DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS:
UMA LEITURA BASEADA EM CHARLOT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Eduardo Laburú
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Silmara Sartoreto de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Paulo Bassani
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 19 março de 2010.

Dedico este trabalho aos meus pais Massae Ogo e Jorge Toshiaki Ogo (in memoriam), que sempre me ensinaram os verdadeiros valores da vida, o significado do trabalho e a importância do seu reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, meu refúgio e minha fortaleza em todos os momentos difíceis e felizes de minha vida e sem O qual eu não teria chegado até aqui.

À minha mãe que sempre acreditou em mim e reconheceu meus esforços e a meu pai que mesmo não estando presente me deixou os melhores valores da vida e seu amor.

Ao meu orientador, prof. Dr. Carlos Eduardo Laburú, pela sua paciência e dedicação. Por me ajudar e orientar neste trabalho e contribuir para o meu crescimento e amadurecimento profissional.

Aos colegas do grupo de estudos pelas observações, conselhos e sugestões durante as apresentações.

Aos meus amigos, que sempre torceram por mim e estiveram me apoiando nas horas difíceis. À Marcela, Caroline, Karina, Elisangela, Vanessa, Leo, Erika, Leandro, Daniel, Wesley, Denise, Fátima, Priscila, Adriane, Denise K., Andrea, enfim, às pessoas que acreditaram no meu trabalho e no meu sucesso.

Ao meu namorado Danilo, peça fundamental na minha trajetória, pelo apoio, compreensão, respeito e por acreditar em mim e no meu trabalho.

À minha amiga d. Nair que sempre me apoiou e ajudou quando tudo parecia muito difícil.

Ao meu amigo Ricardo, pelas correções de língua portuguesa, ótimas sugestões e adequação às novas regras gramaticais.

Àquelas pessoas que nem sempre estiveram por perto, mas que sempre me apoiaram e me deram forças.

Aos professores Silmara Sartoreto de Oliveira, Paulo Bassani e Marcelo Alves Barros pelas grandes contribuições ao meu trabalho e às sugestões e críticas construtivas lançadas, para a melhoria do mesmo.

À Capes pelo apoio financeiro.

Porque a sua indignação dura apenas um momento, enquanto sua benevolência é para toda a vida. Pela tarde,
vem o pranto, mas, de manhã, volta a alegria.
Salmos, 30:6

Há duas maneiras de viver a vida. Uma, é como se nada fosse milagre. A outra, como se tudo fosse milagre.
Albert Einstein (1879-1955)

Um professor afeta a eternidade. Ele nunca será capaz de dizer quando a sua influência se detém.
Henry Adams (1838-1918)

Três coisas trazem infelicidade: saber e não ensinar; ensinar e não fazer; ignorar e não perguntar.
São Beda (672-735)

Não Sei

"Não sei... se a vida é curta
ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita.

Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja curta, nem longa demais
Mas que seja intensa
Verdadeira, pura...
Enquanto durar”

Cora Coralina (1889-1985)

OGO, Marcela Yaemi. **A permanência na carreira do professor de ciências**: uma leitura baseada em Charlot. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

O ciclo de vida profissional do professor já foi delimitado por autores como Huberman. Coloca-se à literatura a necessidade da realização de pesquisas que tragam novas perspectivas sobre a carreira desse profissional e em específico do professor de Ciências. Ao compararmos os obstáculos e as satisfações encontradas na carreira encontramos nítidas diferenças entre os profissionais docentes, o que justifica a preocupação de focar atenção nos aspectos que mantêm o docente de Ciências na carreira, apesar dos inúmeros desafios por ele encontrados. O referencial teórico utilizado baseia-se em uma leitura das relações com o saber de Charlot, a fim de buscar um novo olhar para esse problema. Também empregamos o referencial de ciclo de vida de professores de Huberman para obter a história de vida dos professores, definir o professorado a ser analisado e construir um instrumento de entrevista. A amostra selecionada de professores encontra-se na terceira fase descrita pelo autor anterior, de Diversificação ou Questionamento. O referencial de Charlot servirá para analisar essa fase da carreira docente para que compreendamos a razão ou razões que fazem com que o professor de Ciências persista na carreira.

Palavras-chave: Charlot. Huberman. Ciclo de vida profissional do professor de ciências.

OGO, Marcela Yaemi. **The permanence in the career of the Science teacher**: a reading based on Charlot. 2010. 144p. Dissertation (Master's degree on Science Education and Math Education) – State University of Londrina, Londrina, 2009.

ABSTRACT

The professional cycle of life of the teacher has been defined by authors such as Huberman. There is also, the need in the literature for conducting researches that bring new perspectives about the career of this professional and specially the science teacher. When comparing the obstacles and career satisfaction found, we clearly notice differences between professional teachers, which justify the worry on focusing attention on those aspects that keep the Science teacher in this career, despite the numerous challenges he encounters. The theoretical reference used is based on a reading of the relationship with knowledge by Charlot, in order to get a new look for this issue. We also use the reference of the life cycle of teachers by Huberman to get the life story of the teachers, define the teaching set to be analyzed and build an instrument of interview. The selected sample of teachers is in the third stage described by the previous author, Diversification or Questioning. The referential of Charlot will serve to analyze this phase of the teaching profession to understand the reason or reasons that make the Science teacher persists in his career.

Keywords: Charlot. Huberman. Science teacher's professional cycle of life.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS	11
2.1 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS	11
2.2 PERMANÊNCIA NA CARREIRA DOCENTE	15
2.3 HISTÓRIA DE VIDA DOS PROFESSORES	16
2.4 A OBRA DE CHARLOT.....	24
2.4.1 Uma leitura própria das relações com o saber de Charlot.	28
3 METODOLOGIA	31
3.1 TIPO DE PESQUISA	31
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA	31
3.3 OBTENÇÃO DE DADOS	33
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	33
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	35
4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR A	35
4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA B	41
4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA C	45
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR D	49
4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA E	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	65
ANEXO 1 – Quadro: perguntas básicas das entrevistas	66
ANEXO 2 – Transcrições das entrevistas	68

1 INTRODUÇÃO

O estudo da história de vida dos professores permite a colocação desses profissionais como tema central das problemáticas de investigação no Ensino de Ciências. Devido ao tipo de atividade, o trabalho docente lida com muitos indivíduos, de modo que não é possível separar o sujeito profissional do sujeito pessoal.

As investigações acerca do ciclo de vida dos professores permitem o levantamento de questões sobre os estudos biográficos dos docentes, ampliando o estudo de formação dos professores. Nosso foco neste trabalho foram os estudos do ciclo de vida profissional, que fazem parte das pesquisas sobre a história de vida docente, pois podem contribuir na elaboração de propostas alternativas na formação de professores.

A compreensão do ciclo de vida docente permite levar a um paralelismo com as relações do saber descritas por Bernard Charlot (2000). O trabalho de Charlot trata das relações com o saber dos estudantes e sua relação com o fracasso escolar, porém, esta pesquisa está voltada para o estudo das relações com o saber profissional dos professores, como já estudados por Kanbach (2005), Mamprim (2008), Assis (2009) e Salvadego (2009).

As relações com o saber profissional dos professores poderão auxiliar na explicação de como ocorre a construção da identidade profissional ao longo do tempo. Como resultado dessa construção é possível elucidar as relações que o professor mantém com a sua carreira, com os alunos, com o conhecimento da disciplina que ministra, com a escola e consigo mesmo. Desse modo, a pergunta que norteia a pesquisa é: o que mantêm os professores de Ciências na carreira?

Para responder a essa questão, nos veio como inspiração as características descritas por Huberman (1995) nas diferentes fases da carreira docente. Complementando a análise, nos baseamos em uma leitura da relação do saber descrita por Charlot (2000). Com isso, o objetivo deste trabalho é o de investigar o que mantêm os professores de Ciências na carreira ao longo do tempo.

Michaël Huberman destacou-se nos estudos sobre o ciclo de vida profissional dos professores durante as décadas de 70 e 80. Este autor encontrou características semelhantes entre os professores em diferentes fases da carreira e as agrupou em categorias. Consideramos relevante um estudo das diferentes fases delineadas neste ciclo profissional, nos professores de Ciências.

Por outro lado, a leitura do trabalho de Charlot atua como ferramenta analítica para explicar uma das fases descritas por Huberman no ciclo de vida profissional dos professores de Ciências, mostrando quais são os fatores que influenciam a permanência desse profissional na carreira. Por meio da análise de proposta de Charlot, baseada nas relações dos indivíduos com o *Eu*, o *Outro* e o *Mundo*, espera-se encontrar fatores que interferem nas diferentes fases da carreira docente.

Não tivemos o intuito de avaliar a história de vida, as escolhas ou os méritos dos professores entrevistados. Buscamos identificar as relações destes com a profissão, como forma de verificar sua permanência na carreira, longe de qualquer juízo de valor prévio.

Este estudo verificou quais motivos mantêm os professores de Ciências na carreira, com base na análise das relações dos docentes segundo o referencial de Charlot. Para descrever a construção das relações com o saber profissional, buscamos professores de Ciências da rede pública de Ensino do Estado do Paraná.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo expomos o problema de pesquisa, os objetivos do trabalho e a justificativa para sua realização. No segundo capítulo tratamos a formação de professores, a resistência e a desistência da carreira. Nesse capítulo também enfocamos o estudo sobre a história de vida dos professores e a descrição do trabalho de Huberman sobre o ciclo de vida profissional dos docentes, além de abordarmos, também o referencial teórico de Charlot. No capítulo seguinte, localiza-se a metodologia de pesquisa, com a descrição dos critérios e procedimentos adotados na seleção da amostra, na coleta de entrevistas, na transcrição das mesmas e suas análises. O quarto capítulo contém as análises das entrevistas e discussões sobre os resultados. Por fim, no quinto, estão explicitadas as conclusões e considerações finais do trabalho.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

2.1 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS

O debate sobre a formação de professores vem crescendo nas últimas décadas. A preocupação com a qualidade do ensino aumentou a ênfase nos estudos de formação docente. No Plano Nacional de Educação consta que a formação do professorado depende da formação inicial, das condições de trabalho, do salário, da carreira e da formação continuada (BRASIL, 2001).

O professor é um profissional de ensino e um conceito que deve ser lembrado é o de desenvolvimento profissional desses. Este termo vai além da linha entre a formação inicial e a formação continuada dos professores. É preciso levar em conta que o aperfeiçoamento docente é contínuo e pessoal. Durante a trajetória de vida, o docente constrói e reconstrói os conhecimentos sobre sua profissão de acordo com suas experiências e sua vivência.

É importante ressaltar que estamos considerando a formação de professores como um processo contínuo, que tem início nos cursos de licenciatura e continua durante toda a carreira docente. Consideramos que essa trajetória não tem fim, pois o profissional precisa manter-se atualizado e em busca de reciclagem constantemente.

A profissão docente passou, e ainda passa, por um processo de desvalorização e desprestígio tanto interno quanto externo. A classe docente está em um processo de profissionalização, que possibilita reverter tal situação. A formação de professores tem desempenhado importante papel neste sentido. A formação profissional depende além de cursos de aperfeiçoamento, reciclagem e de formação permanente de um processo de reflexão crítica sobre sua própria prática. Por isso, os estudos recentes sobre a formação de professores têm buscado compreender a prática pedagógica e atuar sobre ela.

O professor como profissional da educação deve compreender a realidade à sua volta, ter consciência dela, refletir criticamente para interferir nas condições do ensino e assim atuar na sociedade (PIMENTA et al., 2000). Para que a formação docente possa atuar na melhoria da qualidade do ensino é preciso que comece pela formação inicial e que tenha sequência durante toda a carreira. A formação inicial não deve ser vista como pronta ou

suficiente para a realização da prática docente, mas um dos passos para a formação profissional.

Dos cursos de licenciatura espera-se que desenvolvam nos alunos conhecimentos e habilidades que possibilitem a construção de saber fazer. Os graduandos precisam ser preparados para mobilizar os conhecimentos específicos e didáticos e assim compreender e investigar a própria prática, permitindo a construção de uma identidade profissional. Esta, por sua vez, é constituída ao longo da trajetória de um indivíduo e está historicamente situada. É influenciada pela história de vida, os saberes, as angústias e os anseios de um professor (PIMENTA, et al., 2000).

Segundo Pimenta et al. (2000), para que ocorra a construção da identidade é necessário mobilizar os saberes da docência: a experiência, o conhecimento e os saberes pedagógicos. Trazemos conosco a experiência desde o início da vida escolar. Chegando ao curso de licenciatura, o indivíduo já tem a experiência de ter sido aluno. Ele carrega consigo as imagens de seus professores, aqueles que considerava bons ou que apresentavam didática, os que influenciaram sua formação como cidadão ou como ser humano. O conhecimento necessário para o exercício da docência é mais do que o conhecimento específico exigido do profissional. Os saberes pedagógicos envolvem os conhecimentos sobre a didática e sobre a pedagogia e podem estar aliados à prática docente.

Tem-se percebido um distanciamento entre as pesquisas realizadas na área de formação de professores e o ensino de Ciências (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2006). O ensino é concebido como simples, exigindo somente conhecimento da matéria, alguma prática e conhecimento pouco conhecimento pedagógico. Assim, propaga-se a ideia da formação do professor como mera transmissão de conhecimentos. É necessária uma maior familiarização dos professores de Ensino Fundamental e Ensino Médio com as pesquisas na área de Ensino de Ciências.

O aprofundamento das questões que envolvem a formação dos professores pode proporcionar reflexão e debates sobre o ensino de Ciências e suas atribuições. São necessários determinados conhecimentos que os professores em formação inicial e em formação contínua precisam adquirir. Para Gene e Gil-Pérez (1987); Shuell (1987); Hewson e Hewson (1988); Calderhead (1986); Porlan (1990) apud Carvalho e Gil-Pérez (2006, p. 26-7): “Com efeito, começa-se hoje a compreender que os professores têm ideias, atitudes e comportamentos sobre o ensino, devido a uma longa formação “ambiental” durante o período em que foram alunos.”

Ainda para Carvalho e Gil-Pérez (2006, p.28-9), é preciso levantar alguns questionamentos sobre o pensamento e o comportamento docente espontâneo dos professores de Ciências ao questionar:

- a) a visão simplista do que é Ciência e o trabalho científico;
- b) a redução do aprendizado das Ciências a certos conhecimentos e algumas destrezas, esquecendo aspectos históricos e sociais;
- c) o caráter do fracasso generalizado dos alunos nas disciplinas científicas e as expectativas negativas que são formadas a partir disso. Os professores devem perguntar a si mesmos se o fracasso escolar está ligado a fatores biológicos (alunos espertos ou medíocres) ou sociais (alunos culturalmente desfavorecidos);
- d) a atribuição de atitudes negativas em relação à Ciência e sua aprendizagem a causas externas;
- e) o autoritarismo da organização escolar;
- f) o clima generalizado de frustração associado à tarefa docente. É preciso refletir sobre a tarefa criativa que o ensino proporciona e não devemos depositar na educação algo como que sozinha possa ser capaz de “mudar o mundo”;
- g) a ideia de que ensinar é fácil e que vai além da apropriação de alguns conhecimentos científicos, experiência e senso comum. O professor de Ciências deve conhecer a Didática das Ciências.

Dessa forma, é patente ultrapassar os obstáculos na formação de professores para que se possa transformar a atividade docente. Por meio de trabalhos de pesquisa, inovação e colaboração dos professores é presumível uma evolução neste sentido. A união entre a prática cotidiana de ensino e a pesquisa didática é possível a partir de uma ideia de ação/pesquisa em que o professor deve ser capaz de intervir na sua própria prática.

Os professores devem procurar aproximação com os referenciais acadêmicos e considerar criticamente as implicações dos trabalhos gerados nas universidades. Assim, ocorrerá a formação de um vínculo entre os objetos de pesquisas acadêmicos e aquilo que os professores realizam em sala de aula. Como afirmam Carvalho e Gil-Pérez (2006, p.63):

A iniciação do professor à pesquisa transforma-se assim em uma necessidade formativa de primeira ordem. Não se trata, é claro, de outro componente de preparação à docência, a ser adicionado àquelas que vínhamos considerando, mas de orientar a formação de professor como uma (re)construção dos conhecimentos docente [...].

A formação de professores exige do docente tarefa de pesquisa e inovação permanentes, não se restringindo aos primeiros anos de graduação ou de experiência profissional. Trata-se de uma abordagem constante, que depende da atualização e reflexão de cada sujeito com relação à sua prática de ensino. O professor precisa saber avaliar o que ocorre em sala de aula, como se desenvolve a aprendizagem, conhecer meios que facilitem sua tarefa e muito bem os conhecimentos específicos, perceber as reais necessidades de aprendizagem e as dificuldades encontradas pelos alunos e deve avaliar sua própria prática, refletindo sobre meios de melhorar o processo de ensino.

Além disso, atualmente os professores têm que estar preparados para situações não acadêmicas com seus alunos. A violência e a agressividade vêm atravessando os muros da escola e se instalando nas salas de aula. É fundamental que o professor seja capaz de perceber, refletir e atuar nesses momentos. As exigências para o exercício da docência aumentaram, pois o professor deve preparar o aluno para compreender e exercer sua cidadania, além de ensinar os conteúdos específicos.

A educação escolar possibilita a criação de condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas cada vez mais amplas (BRASIL, 1997). A formação de professores é contínua, não acaba, mas se renova. Os professores precisam assumir a perspectiva de construção de cidadania, a valorização da cultura de sua própria comunidade e propiciar aos alunos o acesso ao saber, sem excluir qualquer indivíduo.

Assim, o exercício da docência requer mais do que saberes específicos ou didáticos, exige uma reconstrução da identidade do professor, da sua autonomia, dos seus conhecimentos, dos métodos e maior humanização nas relações. A reflexão do professor deve ser minuciosa, transformando-se em ações que lhe garantam o exercício profissional. A docência é social, lida com indivíduos de diferentes crenças, valores, etnias e culturas. Por isso, o professor deve estar atento para as necessidades dos alunos na aprendizagem e permitir seu acesso ao saber, à cultura, à política, à economia, à ciência e principalmente, à cidadania.

Além da formação continuada dos professores de Ciências é necessária uma expansão dos conhecimentos acerca das Ciências Naturais e das Ciências Humanas. Para Lemke (2006), a integração entre as ciências podem auxiliar a encontrar soluções para os problemas sociais e científicos que envolvem a humanidade. Em vez de separá-las, sua fusão pode contribuir para a atuação docente e aprendizagem do alunado, levando a uma união de conhecimentos envolvendo sociedade, política, tecnologia e cultura para todos.

2.2 PERMANÊNCIA NA CARREIRA DOCENTE

Ao planejar esta pesquisa esperávamos encontrar qual fator que, na profissão docente, na sala de aula ou na Educação, faça um indivíduo manter-se na carreira. É possível dizer que há um encanto na docência, na sala de aula, nos alunos, na Pedagogia e um investimento em um futuro incerto. Sempre ouvimos falar que professores “remam contra a corrente”, em uma sociedade em que a Educação e o professor encontram-se tão desvalorizados.

Por muitos anos, o professor na sua prática recebeu diversos adjetivos: abnegação, sacrifício, bondade, paciência, sabedoria. Mas hoje se exige desse mesmo docente: profissionalização, autonomia, revalorização. Ainda assim, as reais deficiências dos professores no exercício profissional se encontram ocultas nas deficiências da instituição escolar, do currículo, das metodologias e dos recursos didáticos. Adiciona-se a isto a desqualificação profissional sofrida pela categoria de professores, os salários, a diminuição do *status* social e as precárias condições de trabalho (BRASIL, 2002).

De fato, esperávamos encontrar entre as queixas os baixos salários, as condições de trabalho inadequadas, laboratórios e salas de aula mal equipadas, o baixo *status* da profissão e os alunos difíceis de lidar. Como veremos nas entrevistas posteriormente encontramos estes problemas. Mas percebemos que existe nos profissionais, que continuam ou que pensam em desistir, algo mais. Em nosso entendimento, há além de teimosia e crença em um futuro melhor, uma certa persistência e resistência na carreira.

Mas por que colocar esse tema dentro da formação docente? Porque a formação de um professor começa antes dele entrar em uma sala de aula e continua diariamente. O seu comportamento frente aos obstáculos que encontra na carreira depende de seu histórico de vida e da solidez de sua formação inicial e continuada.

Apesar de todas as exigências e desgastes da profissão docente, muitos continuam educando. Para Freire (1997, p. 8) a docência:

É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. [...] É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer *não* à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais.

Acreditamos que ao estudar as histórias de vida, o desenvolvimento profissional e principalmente o ciclo de vida dos professores seja possível contribuir para os estudos acerca da permanência e resistência dos professores.

2.3 HISTÓRIA DE VIDA DOS PROFESSORES

A profissão docente destaca-se, entre outras características, pelas relações interpessoais. Muitos estudos no século XX detiveram-se nos estudos com dimensões racionais na formação de professores. Nesse período as pesquisas separavam os estudos sobre o eu pessoal e o eu profissional. O professor é uma pessoa que possui uma identidade, cujas atitudes profissionais refletem suas características pessoais.

Durante a evolução da investigação pedagógica sobre as histórias de vida dos professores ocorreram três grandes fases: a primeira buscava as características de um “bom professor”, a segunda centrava-se no melhor método de ensino e a terceira procurava analisar o ensino no contexto da sala de aula. (NÓVOA, 1995). Após fases sem a existência de uma preocupação com os professores, na década de 80 surgiram estudos com foco na vida e na identidade do professor (GONÇALVES, 1995; STANO, 2001; TARDIF, 2002; PASSOS, 2008).

Nos estudos sobre a história de vida dos professores houve a preocupação com a crise de identidade pela qual esses profissionais passam. A construção da identidade profissional é um processo que depende da história pessoal e profissional do indivíduo e sobre o qual o professor constrói uma história de vida. Desse modo, é importante verificar como o docente se sente e se vê como professor.

As histórias de vida dos professores podem gerar reflexões e práticas sobre a docência. Há uma grande diversidade dos estudos sobre tais histórias, o que dificulta sua categorização. Nóvoa (1995), agrupou em nove tipos os estudos relativos às histórias de vida docente, de acordo com os objetivos e as dimensões que as diferentes abordagens tratam:

a) Objetivos essencialmente teóricos relacionados com a investigação e a pessoa do professor: são estudos baseados na história oral ou em memórias escritas. Têm perspectiva psicológica ligada ao estresse e à saúde mental ou às fases da vida pessoal dos docentes.

b) Objetivos essencialmente teóricos relacionados com a investigação e as práticas dos professores: são investigações sobre a compreensão das práticas pedagógicas a partir de narrativas ou descrições dos professores.

c) Objetivos essencialmente teóricos relacionados com a investigação e a profissão de professor: são estudos dos ciclos de vida profissional dos professores ou (auto)biografias. Objetivam uma análise das condições para o exercício da profissão docente.

d) Objetivos essencialmente práticos relacionados com a formação e a pessoa do professor: são pesquisas sobre o desenvolvimento pessoal.

e) Objetivos essencialmente práticos relacionados com a formação e as práticas dos professores: são investigações que visam recordar as práticas, por meio de narrativas orais ou relatos escritos. Visam promover uma reflexão sobre a autoformação do docente.

f) Objetivos essencialmente práticos relacionados com a formação e a profissão de professor: são pesquisas sobre as iniciativas institucionais para o desenvolvimento da formação inicial ou contínua, além de práticas de avaliação dos professores.

g) Objetivos essencialmente emancipatórios relacionados com a investigação--formação e a pessoa do professor: são estudos sobre as biografias docentes, em que os professores desempenham os papéis de sujeitos e também de objetos da investigação.

h) Objetivos essencialmente emancipatórios relacionados com a investigação--formação e as práticas dos professores: são pesquisas sobre as experiências autobiográficas que alteram as práticas dos docentes.

i) Objetivos essencialmente emancipatórios relacionados com a investigação--formação e a profissão de professor: são estudos que visam a transformação da profissão docente. Trata-se de: dar voz aos professores; a redação de diários e o desenvolvimento profissional; as condições de trabalho e o desenvolvimento de professores; a identidade profissional; a responsabilidade da mudança para o desenvolvimento profissional.

Nos últimos 30 anos, os estudos sobre as histórias de vida dos professores vêm recebendo destaque e promovendo algumas mudanças. Segundo Josso (1999, p. 13):

No campo da educação, além dos trabalhos de pesquisa-formação, observa-se o desenvolvimento, nos currículos e inclusive na formação de professores (as) da rede escolar, *de uma sensibilidade para a história do aprendiz e de sua relação com o conhecimento*, enquanto as formações contínuas abrem-se ao reconhecimento da experiência. Além disso, numerosos procedimentos biográficos foram introduzidos para acompanhar, orientar, suscitar ou

facilitar a elaboração dos projetos pessoais de indivíduos em busca de uma orientação ou de uma reorientação profissional, [...] de um emprego, de mulheres que desejam trabalhar após um tempo em que acompanharam a educação de suas crianças.

Para Azzi (2000, p. 40):

O trabalho docente constrói-se e transforma-se no cotidiano da vida social; como prática, visa à transformação de uma realidade, a partir das necessidades práticas do homem social. Nesse sentido, a compreensão do trabalho docente demanda que este seja analisado enquanto categoria geral – o trabalho – e em sua especificidade – a docência.

A identidade profissional é a relação que o docente estabelece com a sua profissão e o seu grupo de pares e, ao mesmo tempo, da construção simbólica, pessoal e interpessoal, que ela implica (GONÇALVES, 1995)

Para Nóvoa (1995, p. 25): “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.”

Segundo García (1997), convém prestar atenção especial ao conceito de desenvolvimento profissional dos professores, por ser aquele que melhor se adapta à concepção atual do professor como profissional do ensino. A noção de desenvolvimento tem uma conotação de evolução e de continuidade que nos parece superar a tradicional justaposição entre a formação inicial e o aperfeiçoamento dos professores. O desenvolvimento profissional depende das experiências do professor dentro e fora da sala de aula, além da formação inicial e continuada e das interações do professor com o que e com quem o cerca. Segundo Nóvoa (1995, p. 16):

A resposta à questão, *Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula?*, obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos e até, que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de *segunda pele profissional*.

Para Gonçalves (1995), os estudos sobre a carreira dos professores inserem-se no quadro mais vasto dos trabalhos de pesquisa e das teorizações sobre os ciclos de vida

humana. Em seu trabalho, Huberman (1995, 35-6), encontrou questões que descreve como apaixonantes:

- Será que há “fases” ou “estádios” no ensino? Será que um grande número de professores passam pelas mesmas etapas, as mesmas crises, os mesmos acontecimentos-tipo, o mesmo termo de carreira, independentemente da “geração” a que pertencem, ou haverá percursos diferentes, de acordo com o momento histórico da carreira?

- Que imagem é que as pessoas têm de si, como professores, em situação de sala de aula, em momentos diferentes da sua carreira? Terão a percepção de que modificaram os seus processos de animação, a sua relação com os alunos, a organização das aulas, as suas prioridades, o domínio da matéria que ensinam?

- As pessoas tornam-se mais ou menos “competentes” com os anos? Em caso afirmativo, quais são os domínios de competência pedagógica que entram em jogo?

- As pessoas estão mais ou menos satisfeitas com a sua carreira, em momentos precisos da sua vida de professores? O que é que constitui, em última análise, os “melhores anos” da docência? Se fosse preciso fazer uma nova opção profissional, as pessoas continuariam a escolher o ensino?

- Haverá, como pretende um certo folclore, momentos de “tédio”, de “crise”, de “desgaste”, que afectam uma parte importante da população? Em caso afirmativo, o que é que provoca esses momentos? E como é que as pessoas lhes fazem frente?

- Será que as pessoas, como insinua a sociologia institucional, acabam por se aproximar cada vez mais da instituição em que trabalham? As pessoas tornam-se mais prudentes, mais conservadoras, mais “fatalistas”?

Quais são os acontecimentos da vida privada que se repercutem no trabalho escolar? E com que efeitos?

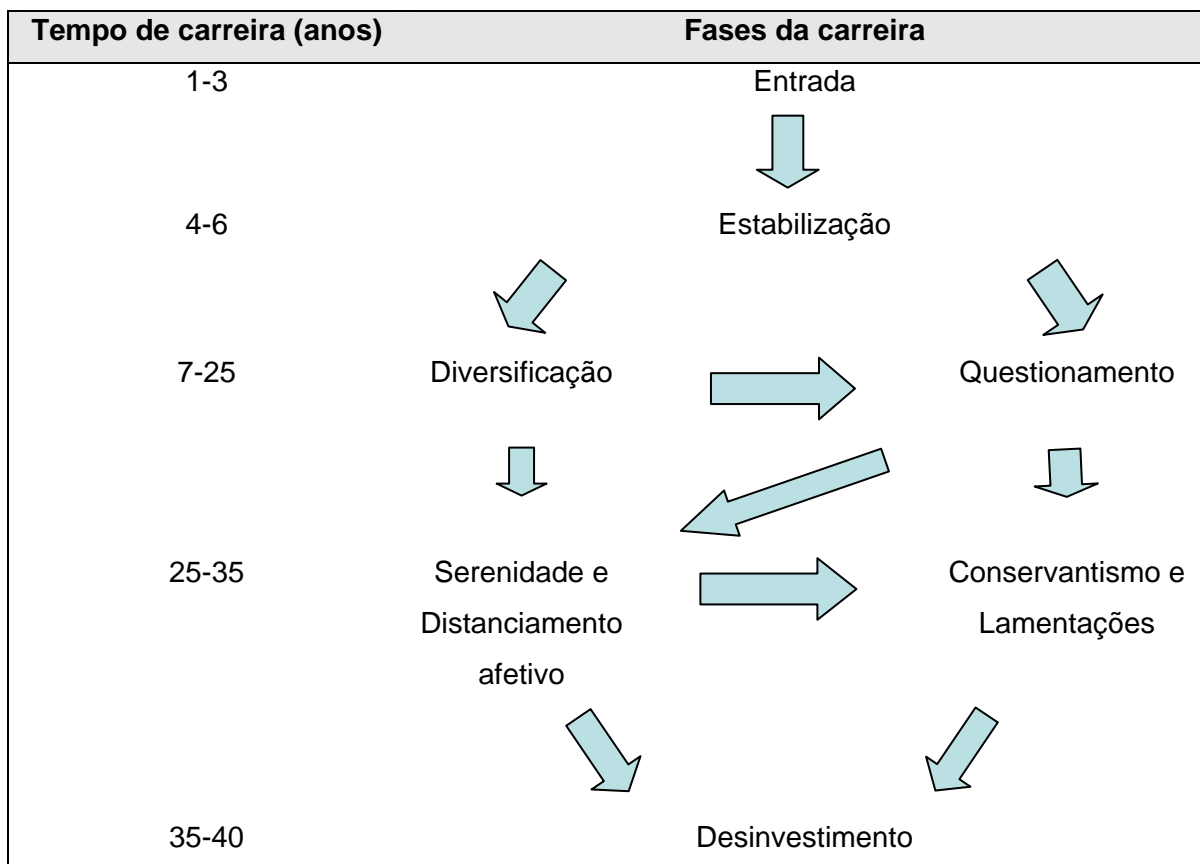
- O que é que distingue, ao longo das carreiras, os professores que chegam ao fim carregados de sofrimento daqueles que o fazem com serenidade? A partir de que momentos será possível as pessoas aperceberem-se, digamos mesmo “predizer”, do fim de carreira?

De modo a responder os questionamentos encontrados por Huberman (1995), é preciso compreender o ciclo de vida profissional dos professores e suas divisões. Este autor trabalha com o ciclo de vida docente, dividindo-o em fases. Embora deva se admitir que as características durante a carreira variem de um indivíduo para o outro, em geral existem caracteres que são comuns à maioria dos professores. Os estudos sobre ciclos de vida profissional dos professores mostram que existem diferentes fases ou etapas, as quais têm

características próprias. Deve-se considerar que uma nova fase pressupõe alteração das características da anterior e a assunção de novas características (GONÇALVES, 1995).

O conceito de carreira é restrito ao estudo da vida de vários indivíduos, levando-se em conta uma abordagem psicológica e sociológica. Este termo refere-se ao percurso de uma pessoa e a compreensão de como suas características influenciam seu trabalho e são influenciadas por ele (HUBERMAN, 1995). Huberman realizou o estudo das etapas da carreira docente, especificamente com professores do nível secundário que não tinham responsabilidades em cargos administrativos. Como ciclo, faz referência a um espaço de tempo em que uma sequência de eventos ocorre, constituindo fases. Huberman (1995) divide o ciclo nas seguintes fases: Entrada, Estabilização, Diversificação, Questionamento, Serenidade e Distanciamento afetivo, Conservantismo e Lamentações e Desinvestimento.

No quadro abaixo mostramos um esquema das tendências encontradas nos estudos de Huberman. Observamos que ele divide o ciclo em número de anos de atuação.



Baseado em: HUBERMAN, Michaël. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

A fase de **Entrada (1-3 anos de carreira)** é um estágio de sobrevivência, exploração e descoberta. Há preocupação consigo; um distanciamento entre os ideais e a realidade na sala de aula; surgem dificuldades com os alunos e com o material didático. É um período de experimentação, no qual o professor adquire maior responsabilidade e passa a sentir-se parte de um corpo profissional.

A **Estabilização (4-6 anos de carreira)** é um momento em que há um comprometimento definitivo com a profissão. O professor passa a tomar mais responsabilidades; adquire uma identidade profissional, pois renuncia a outras identidades, fazendo escolhas. Devido à maior experiência, adquire libertação ou emancipação. Nessa fase ocorre maior uso de recursos técnicos e o professor passa a sentir confiança, apresentando um estilo próprio de ensino. Este sujeito já não se sente responsável por tudo o que acontece em sala de aula, apresentando nas aulas maior flexibilidade, prazer e humor.

No período de **Diversificação (7-25 anos de carreira)** há uma maior diversificação do material didático, dos modos de avaliação, na forma de agrupar os alunos e na sequências das aulas. É uma fase ativista, de maior comprometimento. Os professores que se encontram nesta fase são descritos como os mais motivados, mais dinâmicos e mais empenhados nas equipes pedagógicas. É um período de busca de ambição pessoal, quando o profissional demonstra mais autoridade, responsabilidade e prestígio, buscando até mesmo postos administrativos na instituição. Em geral, demonstra receio em cair na rotina, pois precisa manter o entusiasmo.

Os professores que se encontram na fase de **Questionamento (7-25 anos de carreira)** põe-se em questão, demonstrando sensação de rotina e até mesmo uma crise existencial. Segundo Huberman (1995), geralmente essa fase ocorre entre os 35–50 anos ou 15º-25º anos de ensino, quando o professor faz um balanço da vida profissional e passa a questionar se deve seguir ou não outras carreiras durante o tempo em que ainda é possível. Este professor sofre influências externas, da instituição, do contexto político ou econômico e da vida pessoal. Os homens questionam-se mais e em uma idade mais jovem, pois almejam progressão na carreira. As mulheres questionam-se mais tarde e por menos tempo, devido aos aspectos desagradáveis que as cercam ou por causa das más condições de trabalho.

A fase de **Serenidade e Distanciamento afetivo (25-35 anos de carreira)** ocorre após uma sequência de fases de questionamento, onde o indivíduo pode arrepende-se do ativismo ou tornar-se uma pessoa com serenidade. O nível de ambição do professor cai, ele reduz o investimento, mas a confiança e a serenidade aumentam. Este sujeito passa a pensar em atingir metas mais modestas. Há uma reconciliação entre o *eu* ideal e o *eu* real, passando a

existir um distanciamento entre aluno e professor. Neste período, o docente não tem mais nada a provar.

Os professores em fase de **Conservantismo e Lamentações (25-35 anos de carreira)** se caracterizam por: queixas sobre os alunos: menos disciplinados, menos motivados, “decadentes”. Sua atitude passa a ser negativa para com o ensino, pois criticam a política educacional, alegando que esta é confusa, sem orientação clara e frouxa; criticam também os colegas mais jovens, considerando-os menos sérios e pouco empenhados. Em geral, as mulheres não veem evolução dos alunos e os homens acreditam que as modificações raramente conduzem a melhorias. No exercício da profissão há maior rigidez, prudência e uma resistência mais firme às inovações. Tendem à nostalgia.

A carreira culmina em uma fase chamada **Desinvestimento (35-40 anos de carreira)**, que é um período comum a todos os professores e caracteriza-se por um recuo e uma interiorização no final da carreira. O sujeito apresenta uma postura positiva, com libertação progressiva, sem lamentações. Há também um maior gasto de tempo consigo. Segundo Huberman (1995), os outros docentes, que não puderam chegar longe quanto às ambições desinvestem já no meio da carreira, devido a desilusões com os resultados do trabalho ou das reformas, canalizando para outros lados suas energias. Trata-se de uma fuga aos horrores e decepções da vida social.

Nosso estudo pauta-se somente nas pesquisas de Huberman (1995), já que ele descreve a carreira docente, dividindo-a em períodos relativos ao tempo de docência. Além disso, Santos (2004) ao pesquisar o desenvolvimento profissional de professores, encontrou bons resultados com o referencial de Huberman (1995). Apresentaremos aqui alguns estudos sobre a vida vocacional, pois consideramos importante mostrar as pesquisas de outros autores que tenham estudado a vida profissional.

Em Sikes (1985) apud Santos (2004), existe a distinção do ciclo de vida profissional dos professores em cinco fases. Na etapa exploratória (21-28 anos de idade), o professor busca a autoridade, o domínio dos conteúdos e a socialização profissional. A etapa da estabilização ou desestabilização do emprego (28-33 anos) é o momento da estabilização na carreira escolhida ou de procura de outra profissão; A fase seguinte é a etapa do auge da capacidade física e intelectual (30-40 anos de idade), quando o indivíduo busca aproveitar a experiência adquirida no desenvolvimento de competência ou em uma promoção. O indivíduo segue para uma etapa de adaptação à instituição (40-50 ou 55 anos), em que assume parte das responsabilidades sobre os costumes da escola ou torna-se amargurado. O fim da carreira

ocorre na etapa da preparação para a aposentadoria (após os 55 anos), onde há um preparo para a mesma.

A carreira docente especificamente foi bem delineada por Huberman (1995) e por Sikes (1985) apud Santos (2004). É importante ressaltar que a docência é uma profissão diferenciada das demais, por isso, optamos por utilizar Huberman (1995) em vez de outros referenciais relativos à ocupação de forma geral, já que este autor contribuiu delineando o ciclo profissional docente. Além disso, Huberman (1995) tomou como base o tempo de carreira em vez da idade dos professores em seus estudos, o que facilita a transposição do seu trabalho para a maioria dos indivíduos. Existem também vastos estudos relativos à vida vocacional de profissões em geral, como veremos a seguir.

Super e Bohn (1975) classificaram os estágios da vida vocacional em cinco etapas. O estágio de crescimento (do nascimento aos 14 anos) ocorre quando os sujeitos identificam-se com as pessoas encontradas na família ou na escola. O indivíduo passa de uma fase de necessidades e imaginação, para uma de imitação. Em seguida o jovem começa a considerar as exigências para o trabalho, e segue para um estágio de exploração (15-24 anos). Nele, as pessoas passam a representar papéis ocupacionais na escola, no lazer ou no trabalho. Inicialmente o jovem avalia as necessidades, os valores e as oportunidades. As tentativas e as escolhas são realizadas no plano imaginário. Depois, define um campo de trabalho. Em seguida, passa ao estágio de estabelecimento (25-44 anos), em que, após encontrar uma área, o sujeito concentra seus esforços para nela permanecer. Até os 30 anos o sujeito pode sentir-se insatisfeito e pode ser que mude uma ou duas vezes até definir-se pela carreira. Após a definição, a pessoa esforça-se para se manter estabilizando-se. Há então o estágio de permanência (45-64 anos), quando o indivíduo passa a preocupar-se em manter sua carreira. Na fase seguinte há o estágio de declínio (dos 65 anos em diante), que se caracteriza por redução das forças físicas e mentais e das atividades de trabalho. Inicialmente o ritmo de trabalho é reduzido e as obrigações são transferidas. Então ocorre a aposentadoria, quando o trabalho cessa.

Havighurst (1964) apud Martins (1978) também dividiu a vida em estágios vocacionais. Inicialmente ocorre a identificação com um trabalhador (5-10 anos), em que a criança identifica-se com os pais ou outras pessoas próximas. Na sequência, há a aquisição de hábitos básicos de indústria (10-15 anos), quando o jovem aprende a organizar-se para o trabalho escolar. A fase seguinte é a aquisição de identidade como trabalhador na estrutura ocupacional (15-25 anos), na qual o indivíduo prepara-se para uma ocupação, buscando experiência de trabalho que lhe garanta independência econômica. Após essa sequência, a

tendência é que o sujeito possa tornar-se pessoa produtiva (25-40 anos), buscando o aperfeiçoamento nas habilidades exigidas na profissão escolhida. Ele vai então para uma fase de subsistência em uma sociedade de produção (40-70 anos), em que se sente um cidadão responsável em uma sociedade produtiva, o que seria o topo da carreira. O término é a contemplação de uma vida produtiva e responsável (após os 70 anos), quando a pessoa está aposentada ou em vias de retirar-se do trabalho. Mesmo que não tenha alcançado todas as ambições, aceita as circunstâncias e considera produtiva a vida que teve.

Como afirmamos anteriormente não nos baseamos nesses referenciais, pois são orientações para as profissões de modo geral e não são restritos à profissão docente, que é nosso objetivo neste estudo. Apresentamos uma pequena síntese desses trabalhos para mostrar outros referenciais acerca do desenvolvimento profissional. Além disso, essas pesquisas dividiam as carreiras de acordo com as faixas etárias. Acreditamos que isso não seja o mais adequado atualmente, já que a idade de ingresso na carreira profissional varia de uma pessoa para outra. Já Huberman dividiu em fases de acordo com o tempo de carreira, o que nos permite uma transposição parcial para os tempos atuais.

2.4 A OBRA DE CHARLOT

O trabalho de Charlot aborda o dito “fracasso escolar”, analisando as relações com o saber dos alunos. A expressão “fracasso escolar” é uma maneira de verbalizar a experiência, a vivência e a prática, tendo em vista a reprovação e também a não aquisição de certo conhecimentos ou competências.

Segundo Charlot, não existe o fracasso escolar, mas alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é ofertado. Embora existam muitos estudos que afirmem que a origem social é a causa do fracasso escolar, Charlot afirma que o fracasso escolar não é apenas diferença, mas decorre de situações vivenciadas pelos alunos.

O fracasso escolar ajuda a interpretar o que ocorre nas salas de aula, nas instituições de ensino, nos bairros e as situações sociais às quais os alunos estão submetidos. Eles estão inseridos em múltiplas situações sociais, econômicas e políticas. Essa perspectiva permite questionar a aprendizagem, a atuação e eficácia dos professores, os recursos financeiros necessários à Educação, a equidade de chances para os diferentes alunos. O

fracasso escolar pode ser analisado tanto do âmbito da desigualdade social, quanto da ineficiência pedagógica.

A abordagem baseada no fracasso escolar permite uma proximidade do pesquisador. Ele não deve se expor, e tem que saber observar e ouvir. O pesquisador deve interrogar-se sobre como as pessoas analisadas lhe falam e como enxergam o mundo.

Para Charlot, não existe um objeto que possa ser chamado de fracasso escolar. O que comumente se chama de fracasso escolar é um conjunto de fatores encontrados nas salas de aula: alunos que não adquirem os saberes programados; não constroem determinadas competências, indisciplina e violência. Para ele existem, na realidade, alunos fracassados ou em situação de histórias escolares que não terminam como o esperado.

Ao tratar o fracasso escolar, a culpa recai em uma ausência de resultados, de saberes ou competências ou em não haver vontade de estudar. O autor conclui, então, que o fracasso escolar é uma diferença existente entre os alunos, os currículos e as instituições de ensino. Se tratarmos o fracasso escolar como uma questão de diferenças entre os alunos, voltamos ao discurso de que o fracasso escolar tem origem nas deficiências sociais e culturais. Para Charlot, o fracasso escolar tem origem também na experiência do aluno, no que ele vivencia. Ao pensar em diferenças, somente elas são acentuadas, sem levar em conta a realidade social, cultural e econômica em que os alunos estão inseridos.

O aluno nesta situação apresenta dificuldades devido às condições sobre ele impostas, o que o leva a construir uma imagem já desvalorizada de si. Não estão nas posições sociais que são encontrados os motivos do fracasso escolar. Charlot relata a obra de Bourdieu sobre a sociologia das diferenças. Segundo ele, as diferenças entre as posições sociais dos pais têm correspondência nas diferenças entre as posições escolares dos filhos, havendo uma reprodução dessas diferenças durante a vida adulta dos alunos. Devido à essas diferenças é que Charlot elaborou as relações com o saber envolvidas no fracasso escolar.

A teoria que aborda o fracasso escolar como tendo origem na realidade social trata de faltas, mostrando uma leitura negativa. Já a análise da relação com o saber aborda uma leitura positiva da realidade, ligada à experiência dos alunos, como eles interpretam o mundo e sua atividade. (CHARLOT, 2000). A interpretação positiva busca descobrir o que ocorre, qual a atividade implementada pelo aluno, qual o sentido que determinada situação tem para ele e qual o tipo das relações mantidas pelos alunos.

Segundo Charlot, o sujeito é um ser humano, portador de desejos e movido por eles, que nasce e cresce em uma família, ocupa uma posição em um espaço social, inscrito em relações sociais. Trata-se de um ser único na espécie humana, que tem uma história, que é

capaz de interpretar o mundo e dar um sentido a ele e às suas relações com os outros. Esse sujeito age no mundo e sobre si mesmo.

Desse modo, estudar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado com sua necessidade de aprender e a presença de saber no mundo, sendo essencial durante o estudo da educação (CHARLOT, 2000).

Esse sujeito pode ser analisado de modo rigoroso: constitui-se através de processos psíquicos e sociais que podem ser analisados, define-se com um conjunto de relações (consigo, com os outros e com o mundo) que pode ser conceitualmente inventariado e articulado. (CHARLOT, 2000, p. 57).

Charlot afirma que o saber diferencia-se do conhecimento e da informação. A informação é externa e pode ser armazenada pelo sujeito. Já o conhecimento é o resultado de uma experiência pessoal, não podendo ser transmitido, pois é individual e oriundo de algum fato que tem qualidades afetivo-cognitivas. E o saber é uma informação de que um sujeito apropria-se, e que pode ser disponibilizada a outra pessoa.

O autor afirma que não há saber que não esteja inscrito em relações de saber. Ele é construído em uma história coletiva que é a da mente humana e das atividades do homem, estando submetido a processos coletivos de validação, capitalização e transmissão. Como tal, é o produto de relações epistemológicas entre os homens. Os homens mantêm com o mundo e entre si, relações que não são apenas epistemológicas. Um saber só continua válido enquanto a comunidade científica o reconhecer como tal, enquanto uma sociedade continuar considerando que é um saber que tem valor e merece ser transmitido (CHARLOT, 2000).

O ser humano é um sujeito de saber que mantém relações com o mundo. O sujeito do saber desenvolve a argumentação, a verificação, a experimentação, a demonstração, a provação e a validação. Essa atividade implica em uma relação com os outros. A ideia de saber refere-se a um sujeito, a atividade desse sujeito, à relação dele consigo mesmo e à relação desse sujeito com os outros.

A relação com o mundo é uma relação consigo e com os outros, o que implica em uma forma de atividade, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo.

A mobilização consiste em pôr-se em movimento. Charlot (2000, p. 55) prefere o termo mobilizar-se ao termo motivação: “A mobilização implica mobilizar-se (“de dentro”), enquanto que a motivação enfatiza o fato de que se é motivado por alguém ou por algo (“de fora”).”

Mobilizar-se, porém, é também engajar-se em uma atividade originada por móveis, porque existem “boas razões” para fazê-lo. [...] Ações são operações implementadas durante a atividade. A meta é o resultado que essas ações permitem alcançar. O móbil, que deve ser distinguido da meta, é o desejo que esse resultado permite satisfazer e que desencadeou a atividade (CHARLOT, 2000, p. 55).

Assim, o aluno mobiliza-se ao realizar uma atividade, investindo nela, quando a mesma é colocada em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor.

Charlot afirma que o desejo refere-se ao outro, ao mundo ou a si mesmo. Trata-se do desejo de aprender, de saber. O objeto do desejo é o outro, o mundo ou si próprio, ou seja, está sempre presente.

O autor mostra que aprender ocorre em um determinado local e em um certo momento. O aprender está ligado ao espaço-tempo da humanidade, da sociedade na qual o aluno está inserido, do espaço em que ocorre o aprendizado, das pessoas que devem ensinar. Aprender envolve algumas relações consigo mesmo e com os outros.

Aprender pode significar apropriar-se do saber, mas depende de objetos empíricos, ocorre em determinados espaços e deve vir de pessoas que já aprenderam. Para aprender deve-se tomar posse do saber e do objeto de aprendizagem. Aprender é passar da não posse à posse, do virtual ao real. No aprender há um Eu e ao aprender, o saber assume a forma de objeto e é intermediado pela linguagem. Pode referir-se a dominar uma atividade ou capacitar-se no uso correto de um objeto. É passar do não domínio ao domínio de uma atividade. Pode-se aprender a ser solidário, desconfiado, responsável, a mentir, a brigar, a entender as pessoas, a construir uma imagem de si mesmo.

Toda relação com o saber é também uma relação com o outro, mas vai além. O outro pode não ser representado apenas por algo ou alguém fisicamente presente. Há casos em que existe o “fantasma de um outro”, que cada um leva consigo (CHARLOT, 2000).

Para exemplificar como ocorrem as relações com o Eu, o Outro e o Mundo, Charlot (2000, p. 73) assim coloca:

[...] uma aula “interessante” é uma aula na qual se estabeleça, em uma forma específica, uma relação com o mundo, uma relação consigo mesmo e uma relação com o outro. Outro exemplo: por que certos alunos, em número bastante grande, afirmam que “há anos em que eu gosto de matemática porque eu gosto do professor e há anos em que eu fico nulo em matemática porque eu não gosto do professor”? A relação com a matemática, nesse caso está na dependência da relação com o docente e da relação do aluno consigo mesmo (ele diz, “eu gosto”); a relação com o mundo depende da relação com o outro e da relação consigo.

2.4.1 Uma Leitura Própria das Relações com o Saber de Charlot

Acreditamos que a permanência do professor na carreira está relacionada às suas relações com o saber. As relações com o Eu, o Outro e o Mundo são indissociáveis e podem esclarecer onde se encontram as relações com o saber de um docente. Então, uma relação com o saber profissional implica em relações com o Eu, o Outro e o Mundo. Esta relação é o resultado da relação existente com as situações educacionais e com o conhecimento.

A relação do sujeito com o Mundo apresenta uma dimensão epistêmica no que se refere à forma de apropriação de um saber que não se possui, e no caso específico do nosso trabalho, esta relação se reduz a relação do professor com os conhecimentos exigidos pela sua profissão (LABURÚ, 2007). A relação com o Mundo tem a ver, então, com o conhecimento pedagógico que o professor cultiva em relação à Ciências, de como aprendê-la e, também, de como ensiná-la, podendo influenciar no uso ou não por ele de atividades experimentais. Portanto, os aspectos que se referem à relação com o conhecimento profissional do professor de Ciências serão aqui compreendidos como uma relação com o Mundo.

A relação com o Eu faz referência à história de vida do profissional, a sua perspectiva de vida, às expectativas, à imagem que quer ter e passar de si e que influenciam na decisão da escolha da profissão. Esta escolha seria uma forma de o indivíduo satisfazer aquilo que sempre quis e planejou para si. Estabelecer relações com Eu é manter situações idealizadas para si, por si mesmo ou por outros (pais, amigos), fantasiar com base em situações e significações a que o sujeito se apega. A realização profissional do indivíduo é, a concretização do que ele projetou para si e está relacionada com o que faz, produz e contribui para a sociedade. Dessa forma, ao analisar a história do professor, suas referências, concepção de vida e expectativas, nos levará a perceber qual o grau de comprometimento e engajamento com seu trabalho. Poderemos também conhecer sua motivação, o vínculo profissional que mantém com sua atividade, o que o mantém na profissão.

Por último, a relação com o saber profissional mantém uma relação com o Outro. O convívio do professor com seus colegas de profissão, com os alunos e seus pais, com os membros da direção do colégio ou a equipe pedagógica que lhe atribui missões ou pressiona a agir de determinada maneira, é a circunstância contextual, por exemplo, burocrática, que o coage a agir de determinada maneira. Nesse último caso, nota-se que o

outro pode ser aquele que não está fisicamente presente, é o “fantasma do outro” e, nesse sentido, de forma semelhante, é ingressar na comunidade virtual daqueles que detêm as mesmas capacidades ou de um imaginário que mantém um olhar de regulação sobre mim (CHARLOT, 2000, p. 72-73). Quando a assunção de papéis comporta uma imitação de um determinado personagem ou de um ideal de outro, por admiração, respeito, consideração, etc., ou seja, quando há tentativa de imitar em razão da influência de outrem, que acaba resultando “em um eu como se fosse ele”, entendemos, de forma semelhante, uma relação com o Outro. Esse tipo específico de relação, baseada em um mecanismo de assunção de papéis, concretiza-se em um ato consciente ou inconsciente de réplica a conduta de “alguém”. Assim, por exemplo, um professor (ou aluno) poderia se espelhar em um imaginário de “bom” professor (ou aluno) e desempenhar tal papel. Essas relações não podem ser analisadas separadamente. Ao estabelecer uma ligação com si próprio, o sujeito mantém uma relação com o Mundo, e ambas dependem da relação com o Outro.

Segundo Charlot (2005), a educação supõe uma relação com o Outro e é inexistente sem um fator externo ao que se educa. O Outro pode ser representado por um conjunto de valores, objetos intelectuais, de práticas ou de outro(s) ser(es) humano(s). O professor é então um sujeito, que possui suas características pessoais, representa a instituição escolar e é um adulto que tem o dever de transmitir patrimônio humano aos mais jovens.

É importante ressaltar que este trabalho abordará uma leitura da teoria de Charlot (2000), que servirá de ferramenta para análise e tratamento dos dados. Por isso haverá um paralelismo de ideias, adequando a teoria de Charlot (2000) para os interesses da investigação, relacionados ao ciclo de vida profissional dos professores de Ciências. Essa adaptação já foi realizada em Laburú (2005), Mamprim (2008) e Salvadego (2009).

O sujeito é uma relação com o saber. Ao encontrarmos o vínculo existente entre o docente e sua prática, podemos perceber que sua atividade é confirmada por meio das relações com o saber. Essas relações estão além do social, histórico, cultural e afetivo (MAMPRIM, 2007).

Com esse referencial podem encontrar e interpretar a história de vida de cada professor, suas experiências, expectativas, atividades, crenças, e verificar o que mantém este sujeito na docência. Os vínculos ou sua ausência com o saber profissional podem explicar os caminhos ou descaminhos dos professores de Ciências.

Assim como o referencial de Huberman (1995), Charlot também busca a história de vida do professor, suas expectativas, sua identidade profissional, além da imagem que esse sujeito tem de si e a que deseja passar aos outros. Ao analisar a trajetória docente,

podemos verificar seus desejos, suas escolhas, a continuidade de sua carreira e o que o influencia na sua permanência.

Acreditamos que os dois referenciais juntos possam contribuir para responder a questão norteadora da pesquisa, pois ambos se complementam. Embora tenham origens e abordagens diferentes, o referencial de Huberman e a leitura do saber de Charlot podem ajudar a elucidar os motivos que cercam a permanência do professor de Ciências, pois ambos buscam a identidade e a trajetória de um sujeito único: o docente.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Neste trabalho utilizamos uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativo. Este tipo de pesquisa, permite trabalhar com as histórias de vida, crenças, atitudes e opiniões dos entrevistados. Tal abordagem metodológica auxiliou na busca da trajetória de cada indivíduo e as relações com o saber existentes. Desse modo, encontramos características, motivos, atitudes, crenças e opiniões dos professores quanto à sua manutenção na carreira docente.

A investigação qualitativa é indutiva, ou seja, não decorre de verificar modelos, teorias ou levantar hipóteses e confirmá-las. Nessa pesquisa, os resultados não estão prontos, mas são construídos à medida em que os dados são recolhidos. Essa abordagem é descritiva, pois baseia-se em dados em forma de palavras em vez de dados numéricos. Os dados são totalmente analisados após sua transcrição. O método qualitativo não tem uma estrutura fechada, pois proporciona uma relação entre o investigador e seu objeto de estudo. Permite a abordagem de informações subjetivas e detalhadas (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Na pesquisa qualitativa é possível registrar as falas dos entrevistados, suas relações com os outros e com o contexto no qual estão inseridos. Nela podemos utilizar trechos de citações de outras pessoas sobre suas trajetórias de vida e suas experiências. A pesquisa qualitativa é assim colocada por Bogdan e Biklen (1994, p. 49): “A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudos.”

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Buscamos professores de Ciências atuantes no ensino público do estado do Paraná, no segundo semestre do ano de 2008. Foram escolhidos cinco docentes. Levamos em

conta a disponibilidade desses profissionais e a facilidade de realizarmos as entrevistas em um período de tempo livre dos mesmos.

Nesta amostragem temos dois professores do sexo masculino e três do sexo feminino. Três deles são formados em Ciências Biológicas; os outros em Ciências; desses, um possui habilitação em Ciências e o outro em Matemática. Todos possuem especializações em seus currículos e todos na área de Educação.

Procuramos professores que estivessem na terceira fase descrita por Huberman (1995), ou seja, em Diversificação ou em Questionamento. Segundo os seus estudos, realizados na Europa, essa fase situa-se entre os sete e os 25 anos de carreira docente. Huberman realizou seus estudos de acordo com um ciclo profissional de 40 anos. No Brasil, no entanto, poucos professores chegam a esse tempo de experiência profissional. Por isso, escolhemos o período total de 30 anos e buscamos adequar às fases de Huberman (1995) nesse ciclo. Como as fases de Diversificação e Questionamento situam-se no meio da carreira, em uma transposição para um ciclo de 30 anos, a média brasileira é de, aproximadamente, 15 anos. Então escolhemos cinco anos antes e cinco anos depois, ou seja, dos 10 aos 20 anos de carreira. Dessa forma, será mais contundente encontrar professores entre os 10 e os 20 anos de docência que já tenham passado pela fase de Estabilização, mas que ainda não vivenciaram a fase de Conservantismo ou de Serenidade.

Esse período de carreira foi escolhido porque se refere às fases ou de Diversificação ou de Questionamento descritas por Huberman. Em sua pesquisa, Santos (2004), considerou esta fase como decisiva para o futuro da profissão, dependendo das relações que o professor estabelece com o conhecimento.

Dividimos as entrevistas e denominamos os professores de **A**, **B**, **C** e **D** e **E**. Os trechos analisados estão destacados e a análise está exposta após as sequências para buscar as relações com o saber dos entrevistados em suas falas.

Para resguardar a verdadeira identidade dos professores entrevistados, alteramos os termos que pudessem levar à sua identificação. Os nomes dos docentes, os nomes das escolas em que ministraram aulas e os nomes dos bairros citados pelos entrevistados foram substituídos por letras; as cidades citadas e os nomes das instituições em que realizaram suas formações iniciais foram trocados por nomes fictícios.

3.3 OBTENÇÃO DE DADOS

Para as coletas de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, no período livre dos professores. Escolhemos entrevistas semiestruturadas por ser essa uma abordagem mais flexível, permitindo que o investigador oriente a entrevista, sem contudo, impor respostas. Antes de cada entrevista, o professor era informado da natureza da pesquisa, com uma rápida explicação dos referenciais teóricos, dos objetivos e do problema de pesquisa. Durante as entrevistas foram formuladas novas questões para esclarecer as falas dos professores. Todos os entrevistados receberam um termo de autorização, consentindo que sua entrevista fosse reproduzida na íntegra e analisada e que suas identidades seriam preservadas.

Os trechos destacados das entrevistas são aqueles que consideramos relacionados ao nosso objeto de estudo, os referentes às falas dos entrevistados estão destacados em negrito e itálico. Cada trecho inicia com sinal de aspas e as supressões foram indicadas com sinais gráficos na forma de colchetes ([...]). As entrevistas estão reproduzidas na íntegra no final do trabalho, no Anexo 2.

Durante a coleta de dados houve a busca da história de vida profissional dos professores escolhidos, de modo a encontrar dados desde a formação inicial até a data da entrevista.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 93):

[...] As histórias de vida sociológicas são, frequentemente, uma tentativa para reconstituir a carreira dos indivíduos, enfatizando o papel das organizações, acontecimentos marcantes e outras pessoas com influências significativas comprovadas na moldagem das definições de si próprios e das suas perspectivas sobre a vida.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O roteiro da entrevista foi elaborado de acordo com as características descritas por Huberman (1995). Assim pudemos nos certificar de que os professores selecionados estavam na terceira fase (Diversificação ou Questionamento), utilizando perguntas que confirmassem ou não as características dessa fase.

A entrevista caracterizou-se pela presença de 32 questões que atuaram como eixos básicos do questionário. No Anexo 1 está um quadro com as questões propostas. Cada questão está classificada de acordo com as relações com o Eu, o Outro e o Mundo que buscávamos encontrar em cada resposta. Aquelas que integravam as três relações foram classificadas como geral. Existiram questões que buscavam apenas uma das três relações e outras, ainda que procuravam duas delas.

O presente trabalho utilizou também como base para busca das relações com o saber os estudos de Kanbach (2005) e Mamprim (2007).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo estão as análises das entrevistas e a discussão dos resultados encontrados. Nesta análise pretendemos encontrar as relações com o saber profissional dos entrevistados que ajudem a elucidar a sua permanência na carreira docente. Ao longo das análises, os comentários baseiam-se principalmente nas relações com o Eu, o Outro e o Mundo dos sujeitos.

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR A

O professor **A** atua há 19 anos na atividade docente. É licenciado em Biologia, tem especialização em Biologia Aplicada à Saúde e ministra aulas de Ciências no município de Londrina. Na época em que a entrevista ocorreu, o docente estava participando do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Relata que prestou vestibular para Biologia devido às condições financeiras da família, pois o curso estava disponível em sua cidade. Informou também que, no início da sua carreira possuía uma relação de desejo com outra área de atuação alternativa à Biologia e que esta não era prioritária: ***“Eu tinha uma outra opção que era fazer Línguas, só que aí inclusive eu tive uma influência, uma professora que eu tinha no segundo grau [...] que aconselhou que Letras não era legal.”*** Essa relação também não se encontrava na licenciatura, pois, ao iniciar a carreira docente, percebeu que a profissão de biólogo era desvalorizada: ***“[...] é muito mais expressivo você fazer Agronomia, você fazer Veterinária, fazer Medicina, Odonto, porque o curso de biólogo [...] não tinha aquela expressividade, né? Então a gente optou mais por dar aula.”*** Vê-se, igualmente, que sua escolha em lecionar a disciplina de Ciências ocorreu por conveniência, ***“eu fui assim analisando essas situações de mercado, de colocação de mercado e acabei ficando com Ciências apesar de ter podido pegar Biologia”***, e que preferia lecionar Biologia, mas sua escolha pela matéria de Ciências ocorreu devido à maior disponibilidade de aulas. É possível verificar que a relação com o Eu se faz presente na necessidade de buscar maior quantidade de aulas, o que o conduz a se afastar de praticar sua licenciatura em Biologia.

As falas anteriores indicam que a relação com o Eu de necessidade econômica do professor é evidenciada pela sua opção em escolher um maior número de aulas de Ciências. Sua relação com o Mundo se encontrava inicialmente no estudo de Línguas, o que foi abortado devido à influência de uma professora que o desaconselhou a seguir essa opção, e também devido à restrição econômica que o obrigava a frequentar o curso de Biologia somente na cidade em que morava. Sua relação com o Mundo mantém um vínculo fraco com a licenciatura de Biologia, o que é evidenciado pelo seu comentário a respeito das outras profissões. A necessidade de reconhecimento profissional é característica da relação com Eu, o que se vê na indicação da desvalorização do biólogo comparado a outros profissionais por ele mencionados, como o veterinário e o dentista.

O professor foi questionado se realmente gostava de ministrar aulas, mas mostrou-se frustrado com algumas condições que encontra atualmente, principalmente devido às políticas pedagógicas. *“[...] Eu gosto de dar aula, mas o gostar de dar aula é eu ver o resultado daquilo que eu almejo. [...] Existem muitas políticas governamentais que estão jogando o aluno pra dentro da escola, mas simplesmente jogando, só pro aluno ficar trancado lá dentro. [...] eu fico frustrado.”* Devido a sua relação com o Eu e o Mundo estar fora da licenciatura de Biologia e Ciências vemos o discurso da queixa sendo colocado para justificar seu descontentamento, responsabilizando as políticas governamentais pela sua frustração. Inclusive, essa postura de depositar num Outro imaginário (políticas governamentais) sua queixa vai de encontro com a afirmação de gostar de dar aulas.

“Tive problemas no preenchimento de papéis. Por exemplo, corrigir provas, [...] Teve momentos em que eu não dei conta de fechar todas as provas, de livro, então, na minha história, eu já tive problemas sérios com registros sim.” Não acredita que esse papel mude o perfil dos alunos e faz os professores perderem tempo, em vez de ministrar suas aulas *“[...] O aluno ele não entra na escola? Ele entrou na escola, ele só vai sair lá no final. Então todo professor perde um tempo preciosíssimo em fazer chamada todas as aulas. [...] Então, chega lá no fim, também não tem muito resultado nessa parte burocrática.”* Apesar de parecer demonstrar preocupação com os alunos, o que poderia representar uma relação com o Outro e assim justificar uma postura favorável para com a profissão, como se pode ver pela quarta fala antecedente a esta, continua havendo um discurso de queixa, agora depositado num Outro burocrático, que inclui a fiscalização de colegas sobre a sua prática e as atividades administrativas, para legitimar menor dedicação aos aprendizes. Logo, o professor responsabiliza as tarefas administrativas, o Outro burocrático, pela falta de um maior tempo para dedicar-se mais aos estudantes.

Continuando a imputar ao Outro burocrático o descontentamento com a profissão, usa mais uma vez o discurso da falta de condições físicas para realizar adequadamente o seu trabalho. Sendo o início de sua carreira em um município do interior do estado de São Paulo, ele compara a política pedagógica vigente em seu estado de origem, com o estado do Paraná, onde trabalha. Sua satisfação com as condições do estado de São Paulo fazem-se nítidas ao compará-las com as condições paranaenses. “[...] *se a gente for analisar a questão de governo, aqui também era mais rudimentar que a escola que eu trabalhava lá (em São Paulo), que quando eu comecei a trabalhar lá, tinha escola lá que tinha laboratório completo. Quando eu cheguei aqui no Paraná, aqui, por exemplo, tinha escola que não tinha nada, né?*” No entanto, é provável que mesmo que as condições de trabalho fossem melhores, não haveria mudanças em seu modo de agir, devido a sua relação com o saber profissional.

O professor foi questionado quanto às dificuldades que encontrou no início da carreira e justificou-as com as possíveis falhas na graduação. “[...] *É por exemplo, questões de metodologia, de aplicação de métodos pra você trabalhar com aluno, questões metodológicas que não foram muito bem explicadas na graduação, teorias educacionais.*” Por esta fala se vê outro típico discurso da falta, ou seja, de uma graduação falha que foi insuficiente para sua formação. E quando lhe foi perguntado por que decidiu continuar ministrando aulas mesmo com as dificuldades iniciais, respondeu: “[...] *e você vai mesmo por necessidade. [...] Depois vem a questão de casamento, filhos, aí então você quer se focar realmente naquilo e seguir né? E também como a minha história de vida é humilde, eu não tinha muita assim, ambição, então perspectiva de dar um passo assim grande. Eu foquei mesmo nessa profissão, e me formei nisso, né? [...] Eu não tive chance de melhorar. [...]*” Pelo que é expresso se verifica uma forte relação com o Eu de necessidade econômica e que o manteve na carreira inicialmente por precisar manter uma família e não devido à profissão escolhida. Além disso, apresentou insegurança em abandonar a carreira, pois acreditava que não deveria trocar seus conhecimentos adquiridos na graduação, “[...] *Olha, como eu te falei, você não pode jogar uma graduação pela janela. Você não pode estudar, se formar, ter um diploma e daí você não exercer.*” E mostrou que o salário também influenciou em sua manutenção – “[...] *De uma certa forma, é a questão financeira, que ajuda um pouco, é financeira, é assim ótimo. É um salário bom, né? [...]*” –, pois seria um fator que o estimularia a continuar, devido à necessidade. “[...] *Salário. É um salário que no fim do mês tá ali. Você vai trabalhando, você paga tuas contas, você planeja, você tá ali, o salário, é o teu ganha-pão, com o suor do teu esforço você vai comer.*”

Assim, fica claro que as relações com o Eu, o Outro e o Mundo deste professor não estão na licenciatura. De fato, a entrevista aponta que o seu desejo de constituir família e de uma decorrente segurança econômica são fatores que o mantém na carreira de professor. Essas exclusivas relações com o Eu não surgem como consequência de um desejado trabalho de docência, pelo contrário, elas são prioritárias ao tipo de trabalho que vem sendo exercido, sendo este uma mera fonte segura de obtenção de renda para satisfazer aqueles desejos. Os diversos discursos de queixa confidenciais e que estão depositados na política pedagógica, na fiscalização dos colegas, na burocracia, nas condições de trabalho locais e na sua formação acadêmica, demonstram sua insatisfação com a profissão e onde se encontra sua relação com o Eu. Sua resignação em não superar esse estado de coisas, mudando de profissão, fica também evidente e configurada pela ansiedade de ataque (PICHON-RIVIÈRE, 2000 apud LABURÚ, 2007). O sentir-se atacado surge do medo ou da insegurança da mudança, do medo da falha, de sair de um estereótipo anterior que é mantido por inércia e de não estar instrumentado o suficiente para se defender dos perigos que acredita estarem incluídos no novo campo ou situação diferente. Em razão das suas relações com o Eu específicas apontadas e que envolvem a superação da ansiedade de ataque depositada num Outro ilusório identificado na origem singela e nas possibilidades externas não favoráveis ***“[...] minha história de vida é humilde [...] Eu não tive chance de melhorar.”***

Quando foi questionado sobre se ainda tinha vontade de participar de mais cursos de especialização, ele respondeu afirmativamente, pois pensava no futuro. ***“Penso, em fazer sim porque a gente ainda tem metade do caminho para percorrer. [...] Então, mestrado, ou então fazer um estudo mais paralelo, pra poder atuar de uma outra forma. Então dá pra melhorar.”*** Embora pareça que sua relação com o Outro estava na carreira, pois demonstra uma relação de desejo no futuro, na possibilidade de realizar mais cursos, ele acredita em renovação, ***“Olha, desistir não, porque é muita coisa em jogo, é trabalho, aposentadoria... desistir não, mudar de profissão, fazer uma troca. Eu tive que trocar de escola, então eu agora estou em outras escolas. Precisa renovar, ter aquela renovação, mas desistir da profissão ainda não.”*** Ele afirmou que não conseguiria continuar na carreira docente: ***“No fundo, no fundo eu to chegando a uma conclusão, que eu vou ter que desenvolver uma outra atividade pra conseguir caminhar mais ainda, porque a gente ainda tem um tanto de vida, o tempo todo na escola não vai ser possível não. Eu até já tô me preparando pra isso, tentando ver se eu consigo montar alguma coisa, algum negócio, pra poder tocar.”*** E o professor ao ser questionado se a nova atividade estaria relacionada ao ensino, respondeu afirmativamente, pois achava adequado aproveitar os conhecimentos

aprendidos. *“É relacionado ao ensino, porque você pode aproveitar, o ‘know-how’ que você já tem pra fazer. Porque você ficar dentro da escola, da sala de aula, nesse ritmo, é complicado, vai te levar a um desgaste.”*; *“Olha, eu agora tô tendo um pouco dessa visão, porque com certeza não vou conseguir finalizar a minha carreira como professor, não vou ter condições referentes à saúde, às condições pessoais, eu não vou ter condições mesmo. Eu vou ter que terminar a carreira uns 10 anos antes.”*, *“A maioria dos professores com quem eu to falando, é unânime não vão conseguir chegar até o fim.”*

Pelas falas antecedentes é patente a demonstração de descontentamento do professor a respeito de sua profissão. Suas declarações – de que está na metade da carreira e que precisa melhorar – não se referem à docência, mas a algo fora desta como se pode ver pela falas: *“em 95, por exemplo, na questão dos computadores, [...] queria montar um laboratório de informática. E me convidou então para gerenciar a construção desse laboratório de informática [...] então nas outras escolas, quando começou a ter a questão da informática, eu já tava um passo assim na frente [...]”* *“[...] eu saí de sala de aula, eu já trabalhei como técnico em outras áreas, do Estado, né? Então, você tem chance de você se especializar vai aumentando teu acervo né? O conhecimento... E você também tem chance de ir atuando em outros setores, né?”*. Aqui se nota que a relação com o Mundo deste professor está afastada da sala de aula (*“[...] eu saí de sala de aula...”*). Ela, de fato, se encontra na informática, no trabalho técnico, em uma atividade profissional mais empreendedora e gerencial ligada ao comércio, como a montagem de um laboratório de informática. A relação de desejo, nesse sentido, é visível na medida em que se identificam nas suas falas expressões como: *“[...] queria montar um laboratório de informática.”*, *“[...] eu já tava um passo assim na frente [...]”* *“[...] você tem chance de você se especializar vai aumentando teu acervo, né?”*.

O professor, em vários momentos, queixou-se das políticas pedagógicas implementadas pelo Governo Estadual, responsabilizando-as pelas dificuldades que encontrou nas escolas *“Essas políticas, assim, eu enfrentei muita dificuldade e assim depois muda [...] a questão de escola, muda que os planos político-pedagógicos que as escolas implantam, a realidade de bairros, por exemplo, são totalmente diferentes[...]”*, *“[...]mas quem é culpado por tudo isso? A política educacional [...]”*

O discurso da queixa do professor A em vários momentos da entrevista garante o argumento de que suas relações com o Eu, o Outro e o Mundo não se voltam para a docência. Viu-se que a sua relação com o Eu está fundamentalmente em resolver seus problemas econômicos e de sustento de sua família. Estas não passam pela profissão

escolhida, havendo uma ausência de comprometimento com a mesma. O seu exercício é tão somente um meio que precisa ser tolerado e suportado para alcançar tal fim **“Não, não volto não (a ministrar aulas). Porque essa situação em sala de aula exige muito de você [...] eu não vou conseguir me aposentar como professor. Eu não vou conseguir, eu vou ter que sair.”** À primeira vista, a relação com o Mundo do professor A parecia estar no estudo de Letras, mas como não tentou prestar o vestibular e nem procurou o curso posteriormente, sua relação de desejo indica não se localizar neste curso, assim como não está localizada na licenciatura, nem relacionada com Ciências ou Biologia. A permanência na carreira durante 19 anos só se justifica a partir de uma relação com o Eu de necessidade em manter um salário para sua manutenção e de seus familiares. Com isso, o fator econômico é o que o mantém na carreira até o momento, mas não é um fator que o faça finalizá-la, pois suas relações com o Eu e o Mundo estão voltadas para atividades em que o magistério não se vê contemplado.

Os motivos que cercam sua possível desistência da carreira podem ter relação com um período de grande desgaste, que gerou sérios problemas em sua saúde, **“[...] Foi muito grande o desgaste. Eu tive problema assim, até emocional, estresse, relacionamento com outros colegas, profissionais na escola, porque você acaba tendo opiniões sobre certas coisas, desgaste.”** Os problemas afetaram também a sua vida pessoal, **“[...] Aí mistura também o lado pessoal seu, o seu trabalho que acaba interferindo na sua vida. O seu trabalho você acaba levando pra casa, questão de provas, de tempo, de famílias.”**

A desistência da profissão docente envolve diversos aspectos, como destacam Lapo e Bueno (2002):

Do mesmo modo que o tornar-se professor é um processo contínuo, através do qual o indivíduo se constrói como professor, também o deixar de ser professor se mostrou, a partir das histórias dos ex-professores como um processo que vai se concretizando ao longo do percurso profissional.

O professor entrevistado apresenta características da terceira fase de Huberman, de Questionamento, que ocorre entre o 15° e o 25° ano de carreira. Isso se justifica pelo discurso da queixa, da insatisfação com as condições. Ele põe em questão a si mesmo e suas escolhas, e os fatores que podem influenciar estes questionamentos são as condições pessoais, como a saúde e o contexto político, citados pelo professor.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA B

A professora **B** atua na atividade docente há 18 anos. Ela é formada em Licenciatura plena em Ciências e Biologia, com especialização em Educação Especial. No ato da entrevista a professora estava participando do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação). Ela relatou que gostava de ministrar aulas e que a vontade surgiu em sua infância. *“Acho que por dom mesmo, desde criança brincando, de professora, queria ser professora. Não sei, desde criança eu queria ser professora, eu não sei do quê. Mas eu queria lecionar desde pequena.”* Nesse trecho é possível verificar uma relação com o Eu em que a entrevistada mostra que apresentava uma vocação para o magistério muito cedo em sua história de vida. A entrevistada confirmou que teve dificuldades no início da carreira, principalmente devido aos conhecimentos didáticos, que teriam sido insuficientes durante o período de graduação.

Ao ser questionada sobre a fase atual da carreira ela remete ao contato com o aluno e sua profissão como uma parte norteadora da sua vida: *“[...] Eu tô muito feliz com o que eu faço. Eu amo o que eu faço. Eu amo estar na sala de aula. eu amo o contato professor-aluno, até mesmo pelo lado humano. [...] Nossa, eu gosto muito. Eu defino como um dos eixos, um dos eixos principais da minha vida.”* As duas falas anteriores são coerentes com a primeira ao mostrarem que há uma afinidade marcante da professora para com o magistério e com a interação que mantém com os aprendizes. Inclusive, ao evidenciar sua forte relação com o Eu, temos a identificação de que as dificuldades didático-pedagógicas não contempladas em sua formação universitária não foram motivos de desânimo, mas que ela atribuía a um problema de adaptação sua à profissão sem maiores conseqüências.

A forte relação com o Eu/Mundo mantida pela professora é comprovada mais uma vez quando demonstra sua motivação em continuar procurando outros cursos além do qual participava no momento da entrevista: *“Tenho (interesse em outra especialização), terminando agora o PDE, eu pretendo terminar ou antes de terminar e começar o mestrado, e o meu maior sonho seria isso mesmo. Estudar, estudar para melhorar mesmo o que eu estou fazendo [...] Cada ano, cada aula tem que ser melhor. [...] como objetivo pessoal e profissional principalmente.”* A carreira é um tema central em sua vida, pois segundo a professora é importante um docente manter-se atualizado, fazendo cursos: *“[...] O professor tem que estar fazendo (os cursos), vendo as tendências, buscando, lendo não pode ficar parado[...].”* Demonstra assim, demonstrando a valorização de diversificação como

uma forma de melhorar sua atuação. E, quando questionada sobre se o mestrado que pretende cursar tem relação com a Educação, ela responde afirmativamente: ***“Tem que ser. Acho que o mestrado voltado para o ensino de Ciências ou Educação. Mas acho que voltado para o ensino de Ciências.”*** Aqui se evidencia uma indissociável relação com o Eu (“... maior sonho...”) e com o Mundo, em que o desejo de estar se aprimorando (“*Estudar, estudar pra melhorar mesmo o que eu estou fazendo [...] cada aula tem que ser a melhor.*”) e atualizando em um mestrado na área é patente.

A professora afirma ter afeto pelos alunos: ***“[...] Tem aluno, que você precisa chegar muito perto dele, participar até do dia a dia dele, tem aluno que prefere que não, tem alunos que preferem até que permaneça uma determinada distância, cada aluno é um aluno. [...]”*** Quando questionada sobre qual é a imagem que tem de si mesma, ela fala dos alunos: ***“[...] Uma professora muito boa, por conta disso, eu sou muito boa, por eu gostar muito do que eu faço, por eu gostar muito dos alunos, por eu me preocupar com os alunos, de gostas deles como pessoas. Por conta disso, muito respeito, muito respeito pelo que eu tenho que passar pra eles. O aluno tem o direito de ter a melhor aula que ele já teve, que trate com educação, mesmo ele não estando num dia muito legal [...].”*** Nessa fala, podemos encontrar, primeiramente, uma relação com o Eu de identidade, onde a professora apresenta uma imagem de autoconfiança como profissional (“... eu sou muito boa [professora]...”) e de relação de desejo com seus estudantes uma vez que diz “gostar muito dos alunos”. Em segundo lugar, percebe-se que se encontra explicitamente estabelecida uma relação como Eu/Outro/Mundo, a qual passa pela preocupação de melhor “ensinar” o seu “estudante”, uma vez que ele “tem o direito de ter a melhor aula que ele já teve”, posição que pode ser confirmada em outra fala: ***“[...] Mas por conta desse respeito como ser humano, eu consigo dar conta direitinho do recado, eu saio da sala de aula e saio realizada. Se o conteúdo foi aceito, se o conceito não foi plenamente aprendido. Se a relação professor e aluno foi bem entendida. Se essa relação foi muito bem cumprida [...]. Todo professor é responsável pelo aluno. Isso é muito sério, um olhar, uma palavra que ele deve dar, uma palavra maldita, isso pode prejudicar o aluno depois, psicologicamente mesmo, mentalmente mesmo.”*** Novamente, há aqui uma explícita relação com o Outro, na medida em que há preocupação e cuidado. Essa relação com o Outro também se estende aos pais dos alunos, como se vê no trecho a seguir: ***“Tenho relação com os pais dos alunos. E a gente acaba tendo relação com os pais dos alunos justamente porque os alunos falam da gente [...]”*** Portanto, tal fala mostra o aluno como sujeito central de sua relação de desejo de ser importante em sua vida, que é uma relação com o Outro, espelhando, nesse processo, uma

imagem que tem de si e que quer dar de si aos outros. Assim, a relação com o Eu/Outro/Mundo estão na sala de aula, na relação entre professor-aluno, como imprescindível no exercício adequado da profissão. Ela deposita no seu relacionamento com os alunos sua motivação e dedicação. Acredita que faz o melhor por eles e que isso a diferencia em sua figura como docente, indicando uma intensa relação com o Eu.

A professora descreve os colegas de profissão em início de carreira como menos motivados: *“Vejo diferenças, eles são menos motivados. Não sei o que está acontecendo, mas, aliás, é uma coisa que me deixa muito triste, professores amargurados, chateados já em início de carreira. Parece que já entram preparados para o pior aluno, para a pior turma, parece que tudo vai ser problema. Pensa que aluno é tudo igual [...]”* *“[...] Sabe, quando professores assim, ficam reclamando, demasiadamente reclamando, já chegando na escola com aquela visão de que tudo está ruim. [...]”*

A professora afirma que no final do ano há um momento de cansaço, mas que não é algo que o professor deva transmitir aos alunos: *“[...] tem que saber é ter paciência. Ele tem que ter consciência disso, que ele também está cansado. É quando o aluno está mais barulhento, mais irritado, mas não é o aluno, é que o professor está mais irritado. É que o professor está, o professor tem que ter ciência disso, de ser um modelo, que ele tem que fazer uma vontade sobre-humana, pra manter a postura, manter a calma, como mediador, mas tem que manter.”*

Essas falas fortalecem a análise de que é forte a relação dos professores com o seu saber profissional, pois não está nas adversidades da profissão, o seu incômodo, mas nas queixas dos colegas que se encontram desestimulados da profissão. Assim, em razão de sua forte relação com o Mundo estar na licenciatura, para ela, é difícil compreender as atitudes dos professores que não mantêm a mesma relação. E um ponto importante a ser notado aqui, que fortalece o instrumento analítico utilizado, se refere ao perfil subjetivo das relações com o Eu, com o Outro e com o Mundo de cada sujeito, condicionantes da atitude e do comportamento que cada um apresenta para com a sua profissão. Como se vê, não está na “ausência ou na falta de algo” a completa explicação para as atitudes e comportamentos dos professores frente à sua profissão, mas na característica do perfil que suas relações com o Eu, o Outro e o Mundo mantêm com o seu saber profissional. Pois, como se percebe, professores sob as mesmas circunstâncias escolares têm posturas distintas no que diz respeito ao seu saber profissional. Ao reforçar os argumentos que descrevem o perfil subjetivo da entrevistada, a última dessas falas expressa um sentimento de não depositar no aluno possíveis responsabilidades de indisciplina. Pelo contrário, a entrevista imputa a si própria essa

responsabilidade e que, somente, ela, com seu exemplo, (“... *ser um modelo...*”), de manter “a postura” de uma professor incansável pode alterar esse estado de coisas.

Ela não percebe diferenças entre os alunos atuais e os alunos do início de sua carreira, afirmando que não houve grandes mudanças. “[...] *Mas desde quando eu comecei a dar aula, há 20 anos atrás, aluno é aluno. Com as mesmas angústias, com as mesmas preocupações. Aí eu não sei. Mas já tinha violência naquela época. Já eram rebeldes, eram violentos sim [...]*” Assim, fica evidente a relação que ela possui com o Eu, visto que ela vai de encontro a um discurso muito corriqueiro de reclamação de que os alunos do passado são sempre melhores do que os do presente.

Ela apresenta um desejo de continuar na carreira docente, pois mesmo sentindo-se cansada, tem vontade de melhorar: “[...] *mas desistir jamais, pelo contrário [...]* quero ir mais a fundo, mais a fundo ainda. Nunca, nunca.”

A sua permanência na carreira mencionada nesta fala está assegurada na relação com o Eu/Mundo apresentada pela professora. O intenso vínculo de desejo que a entrevistada demonstra com seus estudantes, ao acreditar que ela tem verdadeira influência pedagógica e emocional sobre a vida futura dos alunos parece ser um elemento de fundamental importância que justifica a sua permanência na docência. As indicações para essa conclusão aparecem nas suas falas anteriores e são incontestavelmente marcantes nas falas que se seguem: “*Acreditar. Acreditei até hoje que eu faço a diferença na vida desses alunos. Você ajudou, você contribuiu para aquela diferença? Isso é muito bom, eu me vejo assim, realizada... Realizada [...]*” E, quando questionada sobre o que a mantém na carreira, a professora cita vários fatores: “[...] *É por amor mesmo. [...]* Eu acredito que a gente faça muita diferença, muita influência. Eu sinto que eu sou responsável por aquele aluno, nas aulas ele pode modificar, pode mudar o rumo da vida dele [...]”.

A entrevistada mantém um vínculo forte com a profissão. E ela demonstra uma intensa relação com o Mundo quando diz que quer continuar melhorando. A análise baseada na relação com o saber é compatível com a terceira fase de Huberman, na qual a professora **B** está. Entendemos que ela se situa na fase de Diversificação, devido ao vínculo que mantém com a profissão docente e ao fato de buscar diversificar suas ações. Ela apresenta características da fase de Diversificação descritas por Huberman e contrárias à fase de Questionamento, tais como afirmar que não percebe diferenças entre os alunos de anos anteriores com os atuais, e por isso, não se queixa dos mesmos. Ao contrário, ela exemplifica que no final do ano, há um momento de cansaço, mas que não é algo que o professor deva

transmitir aos alunos. Além disso, ela mostra a intenção de manter-se em formação continuada por meio de um curso de mestrado.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA C

A professora C é formada em Ciências Biológicas e atua na atividade docente há 16 anos. Na época da entrevista, a docente estava participando do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação).

A professora relatou que depois de iniciar o curso de Ciências Biológicas ainda prestou vestibular para o curso de Farmácia, no entanto, recuou: “[...] *Eu tentei pedir transferência do curso de Biologia no primeiro período, aí depois eu desisti [...] eu achei que me identifiquei no curso de Biologia e não me identificaria com Farmácia.*” Ela relatou que teve afinidade com a disciplina de Ciências desde o Ensino Fundamental: “*Eu sempre gostei muito de Ciências e Matemática. E da matéria de Biologia no Ensino Médio. Tanto Ciências e Matemática da 5ª a 8ª no Ensino Fundamental, quanto com Biologia no Ensino Médio*”. Assim, é possível verificar uma relação com o Eu em que a entrevistada mostra uma vocação para a docência.

Embora inicialmente houvesse a impressão de que a relação com o Mundo da entrevistada não estivesse na docência e nem em Ciências, as demais falas da professora puderam dissipar as suspeitas. Apesar de ter tentado mudar de curso na graduação, ela recuou e acabou situando-se no curso de Ciências Biológicas. E quando decidiu lecionar Matemática, sua decisão foi tomada por conveniência, já que conseguiria maior número de aulas do que ministrando aulas de Biologia ou Ciências.

Sua opção por licenciatura ocorreu por influência de um professor do Ensino Médio: “[...] *Eu tinha um professor de Biologia que eu amava, adorava ele. [...] e eu me identifiquei com ele. Ele serviu como modelo.*” Aqui é possível verificar uma relação com o Eu de identificação, que incitou o interesse da entrevistada na carreira docente.

Quando questionada sobre os motivos que a levaram a lecionar a disciplina de Ciências, a professora demonstrou sua preferência por Biologia: “*Eu prefiro Biologia. [...] quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a trabalhar com Biologia e Ciências. [...] eu trabalhava com Matemática da 5ª a 8ª [...]*” A docente logo começou a ministrar aulas de Biologia em uma escola particular ao se graduar. Em seguida, começou a dar aulas de

Matemática no Estado e no ano seguinte ministrou as duas disciplinas: [...] *sobravam aulas de Matemática. [...] Então eu pegava o que eles não queriam, eu pegava Matemática.*” Após concurso público, a professora passou a lecionar Ciências e Biologia, atuando dessa forma até hoje.

A docente afirmou que pretende estudar e capacitar-se mais: “[...] *Eu tô fazendo o PDE que é dois anos, o que pro Estado do Paraná equivale a um mestrado. Mas eu tenho interesse em fazer um mestrado mais pra frente. E na área de Educação.*” “[...] *E mesmo depois de todas as elevações, eu continuei me capacitando. [...] Eu acho que você pode aprender só um pouquinho, mas um pouquinho, você sempre leva.*” Aqui, verificamos uma relação Eu/Mundo da professora com sua profissão devido ao interesse da entrevistada em procurar outro curso, além do qual estava participando na época da entrevista, como um possível mestrado, evidenciando o desejo em permanecer na docência e se especializar, já que pretende procurar um curso de pós-graduação na área da Educação.

Quando questionada sobre a imagem que tem de si mesma como professora, a docente cita o conceito que os alunos expressam sobre ela e seu relacionamento com eles: *“Bem, meus alunos falam que eu tenho uma paciência de Jó. [...] Eu faço aula prática. Pego e levo para o laboratório, pra ver alguma coisa. Saio na cidade, e eles gostam disso. [...] e essa parte mais relacionamento com eles, eu também tento ter. Ah, não tá bem? Por que que não tá bem? [...] De repente eu posso ajudar e aí ele melhora. [...] Conteúdo eu acho que eu passo muito bem pra ele [...]”*. Aqui se evidencia uma relação Eu/Outro/Mundo, em que ela cita o que seus alunos dizem sobre sua atuação e demonstra autoconfiança quando fala da diversificação de suas aulas (*“Eu faço aula prática. Pego e levo para o laboratório, pra ver alguma coisa. Saio na cidade, e eles gostam disso”*). Ela mantém preocupação com o aprendizado do aluno e os motivos que o dificultam. O cuidado com a vida pessoal do aluno e com as atitudes docentes em sala de aula sinalizam uma forte relação com o Outro.

Ao ser questionada sobre qual é a imagem que quer passar aos alunos, ela afirmou: “[...] *De repente, eu entendo o que eles têm. De repente eles não estão rendendo pra mim porque eles têm algum problema. Se eles têm algum problema, eu ajudo.*” Novamente, fica explícita uma relação com o Outro, pois sente-se responsável em compreender as limitações dos alunos e prestar-lhes auxílio.

Apesar disso, ela sente diferenças entre os alunos que tinha no início da carreira e os atuais: *“Vixi, água e vinho. Quando eu comecei a trabalhar, os alunos ouviam, faziam, prestavam atenção, entregavam trabalho no dia, estudavam para as avaliações, estudavam mesmo, na raça, viam, prestavam atenção na aula. [...] Hoje, você tem que se*

virar em 10 lá na frente pra chamar a atenção deles. [...]”. Apesar de queixar-se dos alunos atuais, ela não mostra insatisfação com a carreira docente, ao contrário, assume postura diferenciada, como foi possível verificar quando afirmou realizar aulas práticas e também ao afirmar que precisa se esforçar para conseguir a atenção dos estudantes. Isso indica uma relação Outro/Mundo, na busca em diversificar suas atitudes, apesar das diferenças entre os alunos.

Outro problema atual citado pela professora é a desmotivação dos colegas recém-formados: *“[...] a impressão que dá é que dão aulas, não têm experiência, não tentam pegar uma experiência, não perguntam pra ninguém [...] a maioria tá querendo serviço e dinheiro. Parece que já vêm desestimulados, já vêm desmotivados.”*, ao contrário dela, que afirma ter assumido postura diferente: *“[...] quando comecei a carreira, eu queria virar o mundo, queria fazer e acontecer, e com o tempo, você vai perdendo o gás, não é mais daquele jeito, mas você adquire maturidade, uma coisa vinha contribuindo pra outra. [...] hoje não são todos os que gostam do que fazem. Alguns estão ali por causa do salário, claro, eu também estou ali por causa do salário, mas eu tenho que tentar fazer o meu salário ser de verdade. Eu trabalho bem, por isso é que eu tenho o meu salário. [...]”* Sua relação com a profissão é evidente, pois suas queixas dos professores com menor experiência advém de sua trajetória e da importância que a carreira tem em sua vida, devido ao vínculo que mantém na relação com o Mundo.

Apesar de já ter tido problemas pessoais, não deixava isso mudar suas aulas ou sua atitude perante os alunos: *“[...] eu já passei por uns problemas sérios. [...] Eu tive meus problemas, e tava lá na minha casa os meus problemas. Eu ia pra escola e tentava deixar do lado de fora. [...]”*. Assim, é possível verificar que a professora não deposita nos alunos suas frustrações, devido à relação com o Outro/Mundo, mantendo uma postura na profissão. Embora já tenha passado por um momento de crise em sua carreira, a entrevistada não teve vontade de abandonar a carreira: *“Olha, eu já tive um ano [...] que eu tive problemas com a direção de escola [...] eu fiquei com vontade de sair daquela escola, não da minha carreira, não da minha profissão, mas sair da escola que eu tava.”*

Quanto ao que a manteve na carreira, a professora respondeu: *“[...] Amor à profissão.”*. E quando questionada sobre os fatores que a estimulam, evidencia-se a relação com o Outro, ela cita o aluno: *“O aluno nota 10”*, e os fatores que a desestimulam também têm relação com os alunos: *“Os drogados.”* Ela afirma que o aluno é o fator que a estimula ou não: *“O aluno, porque pra mim é o aluno, o que estimula ou não.”* O Outro, depositado no aluno é essencial à sua motivação. E o salário não é um fator que a desestimele: *“Olha, eu*

não tenho do que reclamar [...] O dinheiro dá pra viver. Vivo numa cidade pequena, dá pra viver, me realizei profissionalmente. [...]”

E ela demonstra gostar de sala de aula e não ter interesse por cargos administrativos na escola: *“Eu gosto. Tanto é que eu já tive oportunidades de ir para a direção [...] Eu não quero direção auxiliar. Eu quero a minha sala de aula, que é o que eu gosto.”* Ela afirma gostar do ambiente de sala de aula, o que pode ser confirmado nestas falas: *“Eu gosto é da sala de aula com os meus alunos. Então eu me sinto realizada na profissão.”* A professora se sente preparada pra ministrar aulas apesar das dificuldades que encontra: *“Eu me sinto preparada. Tem horas que você tem desilusões na sala de aula. [...] Tem turmas que não valem à pena, mas tem outras que valem. [...] Mas eu acho assim, pra mim, é o que eu gosto. [...] Tem horas que eu fico frustrada? Fico. Toda profissão é assim. [...]* E ao ser questionada sobre sua carreira atualmente, ela demonstra satisfação: *“Hoje, eu tô contente com a minha profissão, não me arrependo. Não sei fazer outra coisa, é o que eu gosto. E eu gosto é de sala de aula.”* E sente vontade de manter-se na carreira: *“Eu gosto de fazer, de tentar fazer um trabalho bom e tentar fazer a diferença. [...] O que me alegra na minha profissão é isso, é amanhã ou depois, ele me encontrar e me falar: “você foi minha professora”, que lá onde eu moro, eu vejo, eu acompanho e olhar pra ele e falar assim, um pouquinho dele é meu! Isso me anima, me estimula a continuar.”* Além disso, a professora aponta suas emoções como essenciais para a realização da docência: *“Tem que ter amor naquilo que você faz. Você tem que fazer bem feito.”* Apesar das dificuldades pelas quais passou no exercício da profissão, afirmou que se tivesse que optar por outra carreira, não abandonaria a profissão atual: *“[...] Eu acho que hoje se eu fosse, hoje não. Acho que depois que eu me aposentasse eu faria outra coisa, mas hoje eu não queria trocar de profissão [...]”*

As relações Eu/Outro/Mundo da entrevistada estão na carreira docente. Sente-se realizada, numa relação com o Eu (*“eu to contente com a minha profissão, não me arrependo”*), demonstrando satisfação com suas escolhas e segurança com o que faz (*“Eu gosto de fazer, de tentar fazer um trabalho bom e tentar fazer a diferença.”*). A entrevistada tem vínculo evidente com a licenciatura, o Mundo, ao afirmar sua preferência pela sala de aula (*“Eu quero a minha sala de aula, que é o que eu gosto”*). E mesmo após decepções, centra seus esforços nos alunos, o Outro, que julga ter valor (*“Tem turmas que não valem à pena, mas tem outras que valem”*) e (*“um pouquinho dele é meu!”*).

O interesse em variar suas atitudes (aulas práticas ou chamar a atenção dos alunos) é uma das características que colocam essa docente na fase de Diversificação descrita

por Huberman. Apesar das queixas, ela mantém-se na carreira e procura mudar suas atitudes para com os alunos, em vez de abandonar a docência ou buscar nessa queixa uma justificativa para possíveis falhas.

4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR D

O professor **D** é formado em Ciências Biológicas. Ele leciona Ciências e Biologia no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, em escolas públicas e em um colégio particular de ensino. O entrevistado atua há 16 anos na docência. No ato da entrevista estava realizando o PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação).

Quando questionado se teve outras opções além de Biologia na época do vestibular, ele afirmou que pensou em fazer o curso de Farmácia. *“Farmácia eu queria. [...] Gostei, mas não consegui passar não. [...] sempre pensei em entrar em Biologia, como um trampolim para Farmácia. [...] eu gostei do curso e optei por não transferir.* E demonstra não querer mais: *“Não penso mais em Farmácia, eu gosto de lecionar e é meu caminho mesmo.”* O entrevistado foi questionado sobre sua relação com as disciplinas de Ciências e Biologia, respondendo que não tinha muito interesse pela disciplina e que começou a gostar de Biologia devido a um professor que teve: *“Olha, não era minha praia, sabia? Eu gostava mais de História. [...] Eu passei a gostar no cursinho, que eu tive um professor, que me encantou com a forma dele explicar e tudo mais e eu passei a gostar da matéria, aí eu fiz Biologia.”* O professor optou por licenciatura porque ajudava seus colegas a estudar: *“Eu quando fazia o Ensino Médio, eu sempre tive o hábito de estudar muito, e eu gostava de explicar o conteúdo para os meus amigos. [...] quando eu me formei em Biologia, eu nem pensei no bacharelado, eu já terminei licenciatura e fui trabalhar. Já fui dar aulas.”*

A sua relação com o Eu está na Licenciatura. Embora inicialmente não tivesse interesse em Biologia, o professor sempre teve iniciativa para ministrar aulas. Além disso, seu professor de Biologia serviu de modelo e estímulo para iniciar a docência profissionalmente. No entanto, há uma relação com o Mundo em Biologia, curso com o qual se identificou. Tal fato foi evidenciado quando afirmou que ao ter a opção de pedir transferência para Farmácia, preferiu continuar estudando Biologia, mostrando manter boa relação com o curso: *“eu tive desde o começo muita afinidade pelo conteúdo [...].”* Afirma que o curso correspondeu às suas expectativas: *“Correspondeu. Sempre que a gente*

estudava essa parte do corpo humano e a parte de seres vivos. [...] Eu não me frustrei eu gostei.”

Sua escolha em lecionar Ciências se deve a conveniência em conseguir aulas: *“É porque a gente tem a opção de fazer o concurso para Biologia e Ciências, se eu faço Biologia, a gente pode dar aulas cedo e à noite, que é o que a gente encontra por aí. [...] eu gosto da disciplina, mas foi por esse motivo que eu dou aula de Ciências, senão eu teria pegado outro padrão em Biologia.”* O professor não pensa em fazer mestrado ou doutorado devido à falta de tempo e explica que não os procurou tal alternativa devido à necessidade financeira: *“[...] Quando eu me formei, [...] os meus amigos estavam fazendo mestrado e doutorado. E eu não, eu fui fazer concurso, já peguei dois padrões, e na particular. [...] Difícil de encaixar e não tinha coragem de parar de trabalhar, porque eu precisava de dinheiro. [...]”* Mas ele sempre busca realizar os cursos que o governo oferece: *“Tudo. Quase todos que você imagina. [...] Eu vejo esses cursos, é o que eu já faço. É muito bom pra reciclagem, eu gosto de estudar, faz bem pra mim.”*

O professor não demonstra frustrações em suas escolhas, ocorridas por necessidade econômica. Há aqui uma relação com o Eu de necessidade econômica. Mas ele vê valor em realizar os cursos ofertados pelo Governo Estadual, reciclando-se. Ele mostra uma relação com o Eu de valorização pessoal, quando afirma que já realiza o que tem visto nos cursos: *“é o que eu já faço”*). Tal valorização pode ser verificada também em outras falas: *“Eu me sinto realizado [...] eu sou bem quisto pela direção, pelos meus alunos. Biologia, como professor. Então, o que mais eu quero? Acho que eu tô no caminho do sucesso.”*

Ele afirma sentir diferenças entre os alunos do início de sua carreira e os atuais: *“Vejo. Você era amado naquela época. Hoje em dia, você é respeitado em termos, porque, se o aluno quer sair da sala e você não deixa, ele te xinga sem motivo nenhum. [...]”* Mesmo assim, o professor se sente útil definindo a importância de ser professor, como poder fazer alguma coisa pelo outro: *“É poder fazer alguma coisa pelo outro. Acho que não é só dar aula, dar aula é muito fácil pra quem se formou naquilo. [...] As crianças estão lá pra sofrer uma transformação e você tá lá pra promover a transformação, pra que ela aconteça. [...] Se você quer melhorar um país, é pela Educação, é o educador que move tudo. Você tem que fazer o seu papel.”* Mesmo quando tinha problemas com os alunos, ele ainda buscava contornar a situação: *“[...] Nunca mandava aluno para fora, sempre contornava, sempre tentava resolver. Graças à Deus, que muito diálogo, eu resolvia. Em um primeiro momento não. Levava uns dois, três meses eu tentava conquistar o aluno.”*

Apesar das diferenças que encontra entre os alunos de outros tempos e os atuais, ele ainda se sente útil na formação do discente como cidadão. Dessa forma, há uma relação com o Outro (os alunos) em que ele se sente importante, fato que o mantém na carreira, pois como educador, acredita ter um papel fundamental na transformação dos alunos. E quando teve problemas com alguns, em vez de assumir uma postura autoritária, buscava o diálogo para resolver as questões, tentando conquistar a simpatia dos alunos. Essa relação com o Outro é central em sua carreira, pois se esforça para mantê-la.

O professor disse que a vida pessoal não influenciou em sua carreira e, ao contrário, a docência o faz esquecer os problemas: *“Eu acho que não pode influenciar. Sua vida profissional não tem nada a ver com a sua vida pessoal. [...] Eu fico lá em casa eu tô preocupado (com o problema pessoal), quando eu estou na escola, eu não penso (no problema pessoal). Às vezes eu lembro, mas aí estou na sala de aula, e estou envolvido, então eu esqueço. [...]”*. O que o diferencia dos demais professores é a forma como encara as dificuldades que encontra em sua carreira: *“[...] é o jeito da pessoa lidar com a própria vida. Os problemas são os mesmos na escola. As mesmas turmas, os mesmos alunos, os problemas são os mesmos. A diferença é como você lida com o “X” da questão.”* O professor afirma ser estimulado em manter-se na carreira pelos alunos: *“[...] o que mais me estimula é o próprio aluno, que é fazer alguma coisa pelo outro. Acho que a gente tem que fazer alguma coisa pelo outro e a gente tem essa chance todos os dias em sala de aula. [...] se lá no colégio particular eu não recebesse meu salário, passasse por uma crise, não pudesse pagar, eu iria para a escola pelo meu aluno, porque o aluno, tem um compromisso.”* Além disso, o professor afirma que passa por um desgaste diário, mas que isso não interfere em seu ânimo: *“Desgaste assim tem. Porque você se cansa. É que eu dou 16 aulas. E na sua primeira aula você deve estar animado assim como na 16ª aula. Mas é desgaste de cansaço. [...] Eu chego na sala, eu falo o tempo inteiro. Não tem aquele momento que por eu estar cansado eu vou encher o quadro de matéria. Só se for necessário.”* E o salário também é importante em sua vida: *“Eu sempre gostei de dar aulas, você une o útil ao agradável, o salário, que é o que te mantém, e você faz o que gosta de fazer. [...]”*

Novamente, vemos uma relação com o Eu de necessidade econômica, e o salário que o satisfaz. E verifica-se que apesar do fator financeiro ser importante, é secundário, pois afirma que continuaria lecionando, mesmo que não fosse possível receber pelo trabalho, em respeito aos alunos. Ele assume posturas diferentes dos outros professores frente aos problemas que encontra em sala de aula ou na vida pessoal (*“E na sua primeira*

aula você deve estar animado assim como na décima sexta aula.”). É perceptível que sua relação com o Outro está nos alunos: (*“o que mais me estimula é o próprio aluno, que é fazer alguma coisa pelo outro”*). E sua relação com Mundo está na licenciatura, porque a sala de aula é o local onde ele se esquece de seus problemas pessoais, onde ministra aulas, atividade que julga saber fazer. Portanto, as relações deste professor com Eu/Outro/Mundo estão na docência, e tem como figura central, o aluno.

Podemos perceber estas relações, até mesmo quando relata as condições que o desestimulam: *“O que mais me desestimulava até então era essa falta de investimento na Educação. [...] Hoje eu estou estimulado (devido ao PDE). Antes eu estava desestimulado pelo descaso.”* Ainda assim, afirma que tem vontade de continuar na carreira docente, exemplificando sua situação: *“[...] Quer dizer, se eu quisesse sair eu não ia buscar mais um concurso. Passei, e estou com três padrões, dois no estado e um na privada. Mas é a mesma coisa.”* Há uma forte relação com a profissão, de modo que o entrevistado, apesar das más condições da Educação, continua a acreditar na docência, desejando continuar, o que reforça suas relações Eu/Outro/Mundo.

O professor **D** mantém uma relação muito forte com a profissão. Entre os fatores que o estimulam a manter-se na docência estão os alunos. Em seguida, está a satisfação da necessidade econômica, já que o salário que recebe atualmente mantém sua estabilidade financeira, e apesar disso, demonstra que trabalharia mesmo na ausência do dinheiro. É um professor que, apesar das dificuldades encontradas e de fazer algumas queixas aos alunos atuais e às condições do governo, ele se sente responsável pelo futuro dos discentes. E acredita que pode transformá-los, permanecendo por isso na carreira.

Este professor encontra-se na fase de Diversificação de Huberman. Apesar dos obstáculos, ele permanece, confirmando que não deseja parar. Além do mais, não passou por um momento de crise ou questionamento da carreira docente. As relações com o Eu/Outro/Mundo deste professor confirmam as características descritas por Huberman para esta fase da carreira, já que demonstra grande motivação em continuar.

4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA E

A professora **E** possui formação em licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática, atuando na carreira docente há 18 anos. Na época da entrevista a

professora **E** estava licenciada há um mês do cargo de professora, pois estava exercendo a vice-direção em uma escola de Educação de Jovens e Adultos. A entrevistada já havia ministrado aulas no Ensino Fundamental, tanto de 1ª a 4ª série, quanto na 5ª a 8ª série, atuando como professora de Ciências e de Matemática.

A professora **E** relatou que desejava ser professora e optou por Ciências: *“[...] eu tinha intenção de ser professora, então eu procurei o que me interessava mais, o que eu ia melhor na escola, aí eu optei por licenciatura em Ciências.”* Embora a habilitação da docente fosse em Matemática, ela não mostrou um vínculo forte com a disciplina, pois sua escolha foi pautada na maior disponibilidade de aulas, o que pode ser evidenciado na seguinte fala: *“[...] eu escolhi Matemática pelo número de aulas, que na época era mais fácil do que Biologia. Eram menores os números de aulas de Biologia, então foi a questão financeira [...].”* Sua relação com a habilitação escolhida foi uma relação com o Eu de necessidade econômica. Contudo, sua relação com Ciências é mantida, pois, quando teve oportunidade, prestou concurso para professora dessa disciplina. E, mesmo diante das dificuldades encontradas na profissão, ainda acredita que ministrar tal matéria seja valoroso: *“[...] Apesar dessa dificuldade no regular, diferença social, indisciplina, é... mas mesmo com isso, eu acho que vale a pena. Eu não me arrependo por ter optado pela disciplina de Ciências não. Que ainda é gostoso ensinar Ciências.”* Essa relação com Ciências é uma relação com o Mundo que a professora mantém. Como vimos, tal relação não estava em Matemática.

A professora demonstra vontade em especializar-se mais na área de Ciências: *“[...] Eu pretendo fazer mais alguma coisa na área de Ciências, na área de biológicas. Especialização, de repente mestrado. Continuar estudando de alguma forma, mas pode ser até um mestrado na área de Ciências.”* Essa vontade demonstra sua relação com o Eu/Mundo, embutida na disciplina de Ciências. A professora tem um forte vínculo com a Pedagogia. Apesar de ter feito especialização em Gestão Escolar, seu objetivo era o de um cargo pedagógico na escola e não a vice-direção, que abraçou recentemente: *“[...] tive uma especialização em Gestão Escolar, não pensando na direção auxiliar, não pensando na direção, mas em supervisão, em alguma coisa mais pedagógica.”*

Suas relações Eu/Mundo estão em Ciências e em Pedagogia e não em cargos como a vice-direção apesar de ocupá-lo atualmente. Sua decisão em estar como vice-diretora está ligada à conveniência e não às relações com o saber. Tal fato é evidenciado quando a entrevistada afirma que pretende continuar se especializando na área em que atua como docente.

A entrevistada observa diferenças entre os professores jovens e ela no início de carreira. Ela acha que essas diferenças se devem a um despreparo pedagógico: “[...] *é a parte pedagógica. Acho que a maior dificuldade seria o bacharelado, os que fazem bacharelado e depois vão lecionar. Aí por opção, porque falta opção na área deles, eles vão dar aulas.*” Mas ela não considera os professores recém-formados menos motivados. O problema para ela reside nas políticas educacionais vigentes, que desestimulam o jovem professor quando se depara com a realidade: “[...] *É uma pena hoje a política educacional estar como está. Essa questão da falta de controle, de se controlar uma turma, nós temos professores que vão para a sala de aula com uma vontade de dar aula [...] que às vezes acabam desistindo por causa da forma como está. Aí ele entra nessa, de que o aluno não pode reprovar, que tem que passar em massa.*”

Percebemos que para entrevistada os problemas relativos à falta de controle dos alunos, a indisciplina e o insucesso nas aulas têm como responsáveis as políticas educacionais, ou seja, ela deposita a culpa de alguns problemas educacionais em um Outro, que seria, conseqüentemente, responsável pela desistência dos profissionais mais jovens quanto à Educação.

É nítida a importância dos alunos para a professora E, que busca conquistar seus alunos, acreditando que isso garanta o aprendizado: “[...] *Conquistá-los principalmente. Meu maior objetivo é conquistá-los para que eles aprendam.*”. Ela considera importante observar cada aluno individualmente: “[...] *Apesar de você ter 30 alunos dentro da sala, observar cada um é muito importante [...] ao corrigir uma avaliação, dá um retorno para aquele aluno, você tem que ter a sensibilidade de parar e tentar entender aquele aluno.*” A entrevistada mostra dessa forma, uma estreita relação com o Outro. Os alunos são seu foco de ensino. Tal relação é evidenciada em outras falas, em que a professora não coloca nos alunos a culpa pelo fracasso na aprendizagem. Ela acredita que os professores não conseguem utilizar a capacidade dos alunos para fazer com que aprendam: “[...] *É muito triste, o aluno é inteligente, ele é capaz. Ele tem uma mentalidade maravilhosa, mas não estamos conseguindo utilizar essa mentalidade para fazê-lo aprender tudo o que ele tem capacidade de aprender. [...]*” e “[...] *Têm muitos casos que não conseguimos, porque não conseguimos ensinar mesmo.*”

A relação com o Outro está totalmente ligada aos alunos. E sua relação com o Eu de aceitação por parte dos alunos é essencial no exercício de sua profissão. Quando ela afirma que se “*maior objetivo é conquistá-los para que eles aprendam*”, a professora deixa claro que o ato de conquistar um aluno é considerado por ela fundamental para a

aprendizagem. A imagem que tem que passar de si mesma é considerada essencial para que o Outro responda favoravelmente. Além disso, ela não responsabiliza os alunos pelo não aprendido, mas a si mesma. Ela se sente responsável por conseguir aproveitar o potencial de cada aluno.

A relação com o Eu de satisfação pessoal, relacionada à profissão é nítida em várias falas. Ela acredita que as emoções e vida pessoal não devem interferir em sala de aula: “[...] *Eu sempre procuro estar bem para que eu possa chegar na sala de aula e conseguir trabalhar e não deixar meu emocional interferir nas minhas aulas. Eu sempre pensei: eu escolhi como profissão ser professora, eu sempre vou ter que estar bem pra dar as minhas aulas.[...]*”. E se justifica, pautando sua relação com o Outro, representado pelos alunos: “[...] *Porque o meu aluno é o meu cliente. É o que vai estar garantindo a minha vida pessoal.*”

Aqui verificamos uma relação Eu/Outro/Mundo totalmente vinculada à docência. A satisfação pessoal – o Eu – se deve à escolha profissional – o Mundo – da entrevistada e ambas são garantidas pelo sucesso da aprendizagem dos seus alunos – o Outro. Novamente verificamos a importância da imagem que os alunos têm da professora.

Quando questionada se já havia passado por algum momento de crise na carreira, a entrevistada relatou o início da licenciatura, quando ela e seus colegas ministravam aulas em um assentamento, para crianças em situação de risco. Suas dúvidas sobre a continuidade na carreira ocorreram devido à direção local: “[...] *Pra mim, a maior crise na educação foi essa, eu ter que fazer parte de um grupo que estava, entre aspas, se rebelando contra a nossa própria diretora. [...] O maior desgaste foi esse. Ver meus colegas sofrendo. Ver as crianças sendo penalizadas. E foi uma época que balançou bastante. Eu pensei em pedir exoneração do cargo, abandonar aquele concurso.*” Apesar de haver o fantasma de um outro representado por uma diretora, tal fato se dissipou, permitindo sua continuidade na docência.

Quando questionada sobre o que a manteve na carreira docente, a professora citou vários fatores: “[...] *Eu gosto de ser professora. Pra minha família, de onde eu vim, acho que tudo isso. Não sei, acho que é isso, a minha vontade mesmo. Eu sempre tive o sonho de ser professora. Eu tive outros sonhos, mas sempre voltado pra área da educação. Talvez pelo referencial que eu tive. Porque eu vim da zona rural, vivi num lugar onde o diferente de todos nós era nossa professora, porque ela era aquela que ensinava, pra mim era a que detinha mais conhecimento do que nós.*” A visão que a entrevistada tinha da figura do professor como detentor de conhecimento serviu de modelo para a carreira que seguiria,

delineando uma relação de desejo do Eu com o magistério. A Educação é tão valorizada pela entrevistada que, quando questionada sobre os fatores que a estimulam, ela responde: “[...] *eu acho que educar, a educação. Eu acho que você consegue mudar o mundo através da educação, educando o povo [...]*” e o que a desestimula em sua profissão, seria a desvalorização da Educação: “*é as pessoas saberem que a educação é um meio para mudar a sociedade e usar isso contra, e não usar isso a favor. Não contribuir mais pra isso.*” Para ela, a Educação é fundamental para modificar a sociedade e as pessoas que a compõem: “[...] *Estar transformando pessoas. Estar criando cidadãos, cidadãos mais conscientes.*”

Nesse ponto verificamos claramente a relação da professora com a Pedagogia. Devido à importância que a entrevistada dava à profissão docente desde jovem. Isso manteve na professora **E** o desejo de tornar-se professora e assim o consolidou. As relações Eu/Outro/Mundo dessa professora estão claramente na Educação, que pautou sua carreira. E a importância dessas relações é o que a manteve na carreira docente por 18 anos. O conhecimento pedagógico foi valorizado por esta entrevistada desde os seus tempos de estudante e manteve-se ao longo da sua história de vida. Ela não depositou em uma infância modesta motivos para não ingressar em uma carreira acadêmica, ao contrário, suas relações com o Eu/Outro/Mundo já estavam previamente estabelecidas na carreira educacional. O fato de acreditar que a Educação é capaz de mudar as pessoas e o mundo que as cerca faz com que ela coloque muita confiança em sua profissão e mantém sua relação de desejo com a mesma.

Essa professora certamente encontra-se na fase de Diversificação descrita por Huberman. A entrevistada ainda cogita a possibilidade de realizar outros cursos ou uma pós-graduação relacionada à área de atuação. Além disso, ela não se queixa dos alunos ou dos colegas mais jovens, em vez disso, a professora **E** justifica as falhas dos professores recém-formados em sua formação acadêmica e na situação da política educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente trabalho, podemos perceber que existem alguns fatores que justificam a permanência do professor de Ciências. A necessidade econômica, na qual o sujeito mantém-se na carreira devido ao fator financeiro e uma forte relação de desejo com a Pedagogia foram os fatores encontrados nos entrevistados. Características como maior investimento na carreira docente e maior motivação foram encontradas nos professores entrevistados, devido às relações que estes sujeitos mantêm com a docência.

Verificamos que as relações com o saber se mostraram além de instrumentos inovadores e capazes de lançar um olhar em uma perspectiva diferente da que vem sendo até hoje apresentada pelos trabalhos com essa preocupação. Com isso, a leitura baseada no referencial de Charlot (2000) permite entender as fases descritas por Huberman (1995). Este estudo concordou com as características já descritas por Huberman (1995) sobre os professores que se enquadram nas fases de Questionamento ou Diversificação.

É importante ressaltar que o desenvolvimento profissional não é sempre único e contínuo, assim como descreveu Huberman (1995). Para alguns, esse processo pode parecer linear, mas para outros há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque e descontinuidades. E o fato de encontrarmos sequências não impede que outras pessoas nunca deixem de praticar a exploração, ou que nunca estabilizem, ou que desestabilizem por razões de ordem psicológica ou exteriores.

E também é necessário lembrar que a fase de Desinvestimento pode ocorrer já no meio da carreira, sem, no entanto, culminar na desistência da profissão. Listamos aqui apenas algumas relações com o saber profissional que mantêm professores de Ciências na carreira. Obviamente existem diversas relações, as quais se justificam pela trajetória pessoal e profissional de cada indivíduo, sobre os quais não podemos e nem buscamos generalizar, já que o perfil das relações com o Eu, o Outro e o Mundo é idiossincrático.

A resistência do professor na carreira é um objeto de estudo que pode contribuir para a criação de políticas públicas específicas, e levem em consideração os anseios dos docentes e estimulem a resistência e a permanência desses profissionais na licenciatura.

Por meio do conhecimento sobre os motivos que mantêm os professores na carreira, faz-se necessário a aplicação de políticas públicas para esses profissionais. E assim colocar em prática o Plano Nacional da Educação de 2001, que afirma que é preciso criar

condições que mantenham o entusiasmo inicial, a dedicação e a confiança nos resultados do trabalho pedagógico. Acreditamos que é fundamental que os professores possam vislumbrar perspectivas para um desenvolvimento e crescimento profissional, permitindo a continuidade de seu processo de formação. O Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE) é uma forma de educação continuada, que permite a comunicação entre professores da Educação Básica e os institutos de Educação Superior. Acreditamos que esse tipo de proposta do governo possa contribuir, estimulando a formação permanente do professor.

É importante ressaltarmos que nossas intenções não foram de legitimar ou não as intenções, atitudes ou falas dos entrevistados. Nem tampouco acreditamos que um docente deva dedicar-se à carreira durante todo o seu dia. Embora o processo de apreciação utilizar-se de valores, a finalidade de nosso trabalho foi o de buscar as relações com o saber profissional, centradas nas relações dos sujeitos com o Eu, o Outro e o Mundo. Buscamos entender a permanência dos professores de Ciências na carreira docente. Nossa análise busca além do discurso promovido pelo entrevistado, o que há por trás de sua oratória e que justifiquem sua manutenção na carreira docente.

Esperamos que o referencial teórico por nós sugerido contribua para um novo olhar e uma nova significação para a permanência dos professores de Ciências na carreira docente. Uma implicação é que o professor que tiver acesso ao nosso trabalho, seja capaz de conscientizar-se do significado do seu próprio discurso, superando os discursos da falta e da queixa. Essa superação refere-se às relações que o professor tem com o saber, a docência, a Pedagogia, os alunos, os demais docentes, o currículo, a escola e com sua própria prática.

O presente trabalho também pode contribuir para percebermos que o uso do discurso da falta de recursos, de baixos salários e de condições adequadas, somadas às queixas quanto ao currículo, à política educacional e ao desinteresse dos alunos apenas mascaram as relações que temos com o Eu, o Outro e o Mundo. Dessa forma, acreditamos que as relações com o saber podem direcionar a uma reflexão do saber profissional que estão por trás de nossas falas e atitudes.

REFERÊNCIAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-97, 2006.

ASSIS, Alice; LABURÚ, Carlos Eduardo; SALVADEGO, Wanda Neves Cocco. A seleção de experimentos de Química pelo professor e o saber profissional. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2009.

AZZI, Sandra. **Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico**. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.) et al. Saberes pedagógicos e atividade docente. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. São Paulo: Porto, 1994.

BRASIL. Lei n 10172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso em: 3 jul. 2009.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Referenciais para formação de professores. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4 n. 1/2, p. 299-318, 1993.

_____ et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago. 2006.

_____. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, jan./jun. 2002.

BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007.

CALDAS, Andréa do Rocio. Desistência e resistência no trabalho docente: um estudo das professoras e professores do Ensino Fundamental da rede municipal de Educação de Curitiba. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

CAMPOS, Vera Lucia S. Leite; MATA, Vera Lucia M. da. Imagens da profissão professor. **Aleph**, Rio de Janeiro, ano 2, n.9, 2006.

CASTRO, Magali de. Reflexões sobre a profissão docente: antigas professoras falam sobre o passado e o presente da professora primária. In: 28.^a REUNIÃO DA ANPEd, 2005. Caxambu. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/gt08.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2009.

CARVALHO, Anna M. Pessoa de; GIL-PÉREZ, Daniel. **Formação de professores de Ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite. O desenvolvimento profissional de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 397-407, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DRIEL, Jan H. van; BEIJAARD, Douwe; VELOOP, Nico. Professional development and reform in Science Education: the role of teachers' practical knowledge. **Journal of Research in Science Teaching**, Estados Unidos, v. 38, n. 2, p. 137-152, 2001.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GARCÍA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António (Coord.) et al. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

GONÇALVES, José Alberto M. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995. cap. VI. p. 141-169.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995. cap. III. p. 63-78.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez 1999.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995. cap. IV. p.79-110.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995. cap. II. p. 31-61.

KANBACH, Bruno. **A relação com o saber profissional e o emprego de atividades experimentais em Física no Ensino Médio: uma leitura baseada em Charlot**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática), UEL, Londrina, Paraná, 2005.

LABURÚ, Carlos Eduardo; BARROS, Marcelo Alves; KANBACH, Bruno Gusmão. A relação com o saber profissional do professor de física e o fracasso da implementação de atividades experimentais no Ensino Médio. **Revista Investigações em Ensino de Ciências**, v. 12, n. 3, 2007.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. O abandono do magistério: vínculos e rupturas com trabalho docente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002.

LELIS, Isabel. Profissão docente: uma rede de histórias. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 17, maio/jun./jul./ago. 2001.

LEMKE, Jay L. Investigar para el futuro de la educación científica: nuevas formas de aprender, nuevas formas de vivir. **Enseñanza de las Ciencias**, Barcelona, v. 24, n.1, p. 5-12, 2006.

LIMA, Emília Freitas de et al. Sobrevivendo ao início da carreira docente e permanecendo nela. Como? Por quê? O que dizem alguns estudos. **Educação & Linguagem**, ao Bernardo do Campo, ano 10, n. 15, p. 138-160, jan.-jun. 2007.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004.

_____. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação e Sociedade**, ano XXII, n. 74, p. 77-96, 2001.

MAMPRIM, Maria Imaculada de Lourdes Lagrotta. **Implementação ou não de atividades experimentais em Biologia no Ensino Médio: as relações com o saber profissional baseadas numa leitura de Charlot**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática), UEL, Londrina, Paraná, 2007.

_____; LABURÚ, Carlos Eduardo; BARROS, Marcelo Alves. La implementación o no de actividades experimentales em Biología em la enseñanza media y las relaciones con el saber profesional, basadas en una lectura de Charlot. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 7, n. 3, 2008. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART2_Vol7_N3.pdf>. Acessado em 11 nov. 2009.

MARTINS, Carlos Roberto. **Psicologia do comportamento vocacional**. São Paulo: EPU, 1978.

MELLO, Eliana de. **A relação com o saber e a relação com o ensinar no estágio supervisionado em Biologia**. 2007. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MENDES, Jussara Maria Rosa; SANTOS, Fabiane K.; GOMES, Kelinês C. O professor... De quem estamos falando mesmo? **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 3, dez. 2004.

MENEZES, Luis Carlos de (Org.). **Formação continuada de professores de Ciências no contexto ibero-americano**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: NUPES, 1996.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de transformação**. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995.

MONCEAU, Gilles. Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa-ação e profissionalização docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 467-82, 2005.

MONFREDINI, Ivanise. Profissão docente na instituição escolar: historicidade das práticas e culturas profissionais. In: VI SEMINÁRIO DA REDESTRADO, Rio de Janeiro, 2006.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores: entre saberes e práticas. **Educação e Sociedade**, ano XXII, n. 74, p. 121-42, 2001.

MORAES, Roque (Org.). **Construtivismo e Ensino de Ciências: reflexões epistemológicas e metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

NARDI, Roberto (Org.). **Educação em Ciências: da pesquisa à prática docente**. 3. ed. São Paulo: Escrituras Ed., 2003.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.) et al. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p.15-33.

_____. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995.

NUNES, Célia Maria Fernandes. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXII, n. 74, p. 27-42, 2001.

PACHECO, José Augusto de Brito. **Formação de professores: teoria e práxis**. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, 1995.

PASSOS, Julian da Silva. Identidade e formação de profissionais de Letras: a contribuição de Stuart Hall. **Revista X**, Curitiba, v. I, 2008.

PEDRO, Neuza; PEIXOTO, Francisco. Satisfação profissional e autoestima em professores dos 2. e 2. ciclos do Ensino Básico. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 2, n. XXIV, p. 247-262, 2006.

PÉREZ-GÓMEZ, A. J. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; PÉREZ-GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. cap. 11. p. 353-379.

PERRENOUD, Philippe. A formação dos professores no século XXI. In: PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Gather. **As competências para ensinar no século XXI**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. cap. 1. 11-33.

_____. Formando professores profissionais: três conjuntos de questões. In: PAQUAY, Léopold et al. **Formando professores profissionais: quais estratégias? quais competências?**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 11-22.

PIMENTA, Selma Garrido. Didática, didáticas específicas e formação de professores: construindo saberes. In: TIBALLI, Eliandra F. Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (Org.). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 49-56.

_____ (Org.) et al. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

PORTAL EDUCACIONAL ESTADUAL DO PARANÁ. PDE – Programa de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <www.pde.pr.gov.br/modules/noticias>. Acesso em: 1 abr. 2010.

ROCHA, Sandra de Souza Lima; FELLI, Vanda Elisa Andrea. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. **Revista Latino-americana em Enfermagem**, v. 12, n.1, p. 28-35, jan.-fev. 2004.

SALVADEGO, Wanda Naves Cocco; LABURÚ, Carlos Eduardo. Uma análise das relações do saber profissional do professor do Ensino Médio com a atividade experimental no Ensino de Química. **Revista Química Nova na Escola**, v. 31, n. 3, ago. 2009.

SANTOS, Cláudio José. **Um estudo sobre o desenvolvimento profissional de professores de Ciências**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática), UEL, Londrina, Paraná, 2004.

STANO, Rita de Cássia M. T. **Identidade do professor no envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.

SUPER, Donald E.; BOHN Jr., Martin J. **Psicologia Ocupacional**. São Paulo: Atlas, 1975.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VILLANI, Alberto; SANTANA, Dulceval de Andrade; ARRUDA, Sergio Mello. Perfil subjetivo: estudos de caso. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 20, n. 3, p. 336-371, dez. 2003.

ANEXOS

Anexo 1 – Quadro: perguntas básicas das entrevistas

Quadro: perguntas básicas das entrevistas			
Perguntas	Eu	Outro	Mundo
1. Há quanto tempo você atua na atividade docente?	geral		
2. Qual é a sua formação?	x		
3. Houve outro curso de graduação como primeira opção de vestibular?	x		x
Ainda tem interesse nesta opção?	x		x
4. Qual era sua relação com a disciplina de Ciências quando você cursava o Ensino Fundamental?	x		x
E com Biologia no Ensino Médio?	x		x
5. O que o levou a optar pela habilitação em licenciatura?	x		x
6. Como foi sua relação com o curso durante o período de graduação?			x
7. Você pensou em trocar de curso? Quais foram os motivos?	x		x
8. O curso de graduação correspondeu às suas expectativas? Por que continuou?	x		
9. Por que escolheu lecionar Ciências?	x		x
10. Como foi o início de sua carreira como professor? Teve dificuldades? Quais?	x	x	x
11. Depois dessa fase teve dificuldades? Quais?	x	x	z
12. A partir de que momento da sua carreira você pode dizer que passou a ter uma identidade própria como docente? Acha que ela ainda está em construção?	x		
13. Como é a sua carreira atualmente?	x		
14. Tem planos futuros para sua profissão? Quais?	x		
15. Que imagem você tem de si mesmo como professor?	x		
16. Que imagem você espera passar ou acha que passa aos outros como professor?	x		
17. Como é a sua relação com seus alunos?		x	
E como é a sua relação com os pais de seus alunos?		x	
18. Como é a sua relação com os membros da direção, orientação e supervisão da(s) escola(s) em que leciona?		x	
Essa relação influencia suas aulas?	x	x	
19. Qual é a sua opinião sobre a parte burocrática da sua profissão?			x
20. Você realmente gosta de dar aulas?	x	x	x
21. Você sente-se preparado(a) para dar aulas?	x		
22. Você acha que os professores recém-formados são ou estão mais motivados ou mais preparados do que você para ministrar aulas? Por quê?	x	x	x
23. Você faz cursos para manter-se atualizado? Acha que vale a pena?			x
Já fez ou pensa em fazer mestrado e/ou doutorado para melhorar sua carreira docente? Acha que isso influenciou ou influencia suas aulas?			x
24. Observando os alunos atuais e aqueles de quando você		x	

começou sua carreira, acha que eles eram mais comportados do que atualmente?			
25. Em algum momento sua vida pessoal influenciou sua carreira docente? Quais os efeitos?	x		
26. Já passou por algum momento de crise ou de desgaste na sua carreira?	x		
Essa fase passou? (Você acredita que ela chegue?)	x		
27. Já pensou em desistir da carreira docente?	x		
O que o(a) impediu?	x		
28. Você acha que os outros professores com o mesmo tempo de carreira que você passam pelas mesmas dificuldades que você passou ao longo da carreira?	x	x	
Isso seria um aspecto comum na carreira docente?			x
29. O que o manteve na carreira docente até hoje?	x	x	x
30. O que mais o estimula a continuar na carreira docente? E o que mais o desestimula?	x	x	x
31. Qual é a importância de ser professor para você? Se tivesse que optar por outra carreira continuaria no ensino?	x		
32. Você consegue “predizer” como será o fim da sua carreira?	x		

Anexo 2 – Transcrições das entrevistas

Transcrição da entrevista A

Há quanto tempo você atua na atividade docente?

Eu me formei em 89, então oitenta e nove, noventa e nove, dois mil e nove, então... quase 20 anos.

Quase 20 anos...

É.

Sua formação é em...

Biologia.

Quando você prestou vestibular você pensou em prestar para outro curso, em fazer outra coisa?

É... na época em que eu fui prestar vestibular eu foquei muito a cidade em que eu morava, e as condições que eu tinha pra fazer dentro daquela cidade. Então, é ... na minha cidade tinha um campus, só tinha cinco cursos disponíveis e Biologia era assim o que tinha, mais gostava, mais tinha vínculo, então eu tentei fazer meu primeiro vestibular lá, não consegui, aí depois eu fui prestar vestibular fora, aí eu fui pra outra cidade, aí que eu fui tomar ciência de que havia vida fora da minha cidade, né? Aí eu prestei aqui em 85. Aí eu passei, aí depois, eu fiquei estudando aqui. Teve muita mudança de pacote econômico. Plano cruzado, plano cruzado num sei o que, e URV, atrapalhou tudo assim financeiramente a família e eu tive que voltar pra minha cidade e eu prestei novamente vestibular lá em 86 só que dessa vez eu consegui passar, já então em janeiro de 86, já janeiro de 86 aí eu aproveitei as matérias que eu fiz aqui e me formei em 89. Mas o que eu foquei mesmo foi o curso que eu tinha disponível na cidade, né? e Biologia e também um pouco de afinidade que eu tinha uma outra opção que era fazer Línguas né? só que aí inclusive eu tive uma influência, uma professora que eu tinha no segundo grau, antes falava segundo grau, uma influencia assim, uma professora que aconselhou que Letras não era legal que não sei o que e acabei voltando assim pra Biologia.

Como era sua relação com a disciplina de Ciências quando você cursava o Ensino Fundamental?

Eu tenho poucas lembranças dessa matéria no meu estudo, na minha vida tá? Algumas coisas assim que vêm na minha cabeça, são algumas coisas que naquela época podia fazer é coleta de bichinhos, insetários aquelas coisas né? Eu tenho assim algumas lembranças nesse sentido eu tenho assim mais lembranças assim como Matemática, de Música, que os professores foram mais expressivos. De Ciências mesmo, lembro assim aquelas experiências clássicas que a gente fazia, de copo, de vela, mas eu acredito que não fosse assim muito, que contribui muito pro meu pensamento. Eu tenho poucas lembranças de Ciências.

Lembra mais dessas partes experimentais né?

É. Isso.

E Biologia?

Então, Biologia, ela despertou mais no Ensino Médio, que a gente chamava de segundo grau. Então durante o Ensino Médio, o segundo grau, na época que eu fazia antes de 85, o que me chamou a atenção foi eu ter contato com literatura de Biologia. Como eu gostava muito de Biologia, eu ia na biblioteca, eu via aqueles livros, tudo estrangeiro, de bichos cortados, de anatomia humana. Então assim de repente eu me interessei mais por Biologia. Aí eu comecei a avançar no segundo grau. Os professores de Biologia que eu tive, aí sim fez uma diferença boa com assuntos de Genética, com assuntos assim mais de momento né?

Pela curiosidade e por alguns professores?

Ahan, pela curiosidade e por alguns professores que eu tive.

O que te levou a optar por licenciatura?

Então, esse é um outro detalhe, que volta de novo pra minha cidade, né? A minha família é uma família humilde. Não tinha assim condições de investir muito no meu estudo. Eu fiz a... eu optei de imediato pela licenciatura, visando já trabalhar porque o bacharelado... precisar de uma especialização ou então alguma coisa desse tipo. Durante o curso de Biologia, é ainda era possível você decidir licenciatura ou bacharelado depois no segundo ano, terceiro ano, depois, com as matérias optativas. E na época é eu tive alguns professores da graduação, da área de Parasito, por exemplo, que me aconselharam até a não fazer bacharelado porque assim na época todos falavam assim que porque em todos os laboratórios quem assina é o médico,

quem assina ou o veterinário ou o agrônomo, então o biólogo, por exemplo, ele não tem poder de decisão no laboratório. Ele é um funcionário, mas quem assina, quem determina são esses outros profissionais. Então, quer dizer, a gente seria simplesmente um funcionário desses profissionais. E na época não tinha aquela lei federal que do curso de biólogo, da profissão de biólogo. Porque a profissão de biólogo, eu não tenho certeza, mas foi nessa época aí que estava começando a montar a profissão de biólogo, depois de 85, tá? Se eu não me engano, acho que em 87 é que foi regulamentada a profissão de biólogo. Então, na época em que a gente tava fazendo a profissão de biólogo, ainda não tinha sido regulamentada. Então o que contribuiu um pouco assim era a... a... a... emergência de ter que trabalhar a pós-graduação e a perspectiva da educação então de biólogo assim não tem muito, não tem muita é penetrância, porque na época ainda inclusive quando eu vim aqui era muito mais, muito mais expressivo você fazer Agronomia, você fazer Veterinária, fazer Medicina, Odonto, porque o curso de biólogo mesmo era pra colecionar plantinha tal, não tinha aquela expressividade. Então a gente optou mais por dar aula.

O curso era integral ou não?

Integral. A gente pagava na época.

Você acha que o curso de graduação correspondeu às suas expectativas na época? Ou deixou a desejar?

É tem dois pontos, tá? Como... graduação, como... como... é conhecimento é como ampliação do pensamento, foi excelente. Pra mim assim eu passei a ter visão de mundo totalmente diferente, assim passou a ter noção, uma metodologia científica, e a gente passou a ter um pensamento científico a gente passou a analisar coisa que a gente não tinha. Então, como formação pessoal, eu adorei, porque, inclusive até ajuda você a entender coisas assim pra você mesmo, doenças. Aplica na tua vida, na nas pessoas ao seu redor e acaba tendo uma certa atuação nesse sentido tá? Agora, como profissão foi uma lástima. Porque inclusive quando eu me formei eu me inseri ao CRB (Conselho Regional de Biologia) e fui, fiz carteirinha de biólogo, tudo e pagava as anuidades do CRB. Só que depois eu já fui me decepcionando, cortei, eu fiquei, eu tava pagando por uma coisa que eu não usava. Por exemplo, se você, na época, na época, na década de 90, por exemplo, ninguém contrata biólogo pra trabalhar, a não ser instituições universitárias, se você não você lá fora não tinha aquela, por exemplo, coisa na Constituição de 88 que veio de contratar biólogo, pra fazer relatório de impacto ambiental RI, aquelas outras coisas todas. Agora nas cidades grandes, por exemplo, por exemplo, se

contrata biólogo, mas na época não tinha, então foi um desestímulo muito grande. Implantar essa carreira de profissional. Foi tudo assim muito desestimulante... atuar como biólogo nessa fase.

Por que Ciências?

Então, é uma consequência tá? Ciências é uma consequência, porque é... é... é... no Brasil, agora assim é que tá sendo um pouco mais regulamentada essa situação, mas até na década de 90, por exemplo, as Ciências, ela era uma matéria que você fazia é... é como opcional em alguns... por exemplo, Matemática, quem fazia Matemática podia também pegar como, como opcional de Ciências. Então quer dizer fazia a graduação de Matemática, fazia as matérias optativas de Ciências e saía com duas habilitação. É incrível né? Então que nem tem professor de Física, professor de Química, que tem essas graduações de Física e de Química também estão habilitados pra ensinar Ciências de quinta a oitava, na época. Então Ciências, ela é se você for analisar ela é uma disciplina assim, uma disciplina de quinta a oitava que vários profissionais tinha acesso pra poder lecionar. É, engenheiros também lecionavam, é tinha muitos engenheiros formados na época, formados que pegavam Ciências pra poder ministrar. Hoje não, hoje aí já veio a LDB, a nova LDB. Já na LDB de 72, que já fez umas reforminhas tal, que já mudou um pouco essa situação. Então, Biologia... aí quem faz Biologia aí podia ministrar aula de Ciências. E, eu optei por Ciências, por exemplo, o número de vagas nos concursos. Por exemplo, Biologia, se você for ver pra ver quantas escolas oferecem cursos de Biologia em Ensino Médio de Biologia? São poucos. Mas olha quantos oferecem ensino de quinta a oitava? Já é certo? Um número muito maior. Então, é você vai prestar um concurso, você precisa trabalhar, você vai, é o teu diploma serve pra duas situações, você vai tentar aquele que tem mais vagas ou aquele que tem menos vagas? Você entendeu? Então eu prestei dois, tanto pra Ciências quanto pra Biologia e passei nos dois, só que na hora de assumir eu preferi Ciências. Por que? Porque Ciências ela vai oferecer pra você horário de trabalho de manhã, de tarde e de noite. E Biologia normalmente você só encontra a noite, por causa do Ensino Médio. O Ensino Médio é pra jovens, o Ensino Médio, estava na idade de trabalhar, estava trabalhando de dia e a noite ia estudar. Então, reduzia, por exemplo, a situação de carga horária, reduzia também os períodos pra você trabalhar. Então, eu fui assim analisando essas situações de mercado, de colocação de mercado e acabei ficando com Ciências apesar de ter podido pegar Biologia.

Então não ministrava aulas de Biologia?

Eu não ministro Biologia atualmente porque eu só estou com carga de Ciências.

Lembrando o início da sua carreira como foi? Teve dificuldades? Como foi?

Olha eu pessoalmente... pessoalmente é, durante a graduação eu fui um aluno muito modesto, eu fui um aluno bem simples, não fui aquele aluno que tirou nove, dez, oito e meio assim porque naquela época que eu estudei ainda tinha aquele consenso de média 70, que lá atrás se você for ver, fazer uma pesquisa, tinha muito dessa coisa de aluno tirar 80, tirar 90, o ensino era muito valorizado. Então conceito naquela época era maior. A família ficou brava que olha, quando a gente chegava com 60 em casa aí perguntava o que é que está acontecendo. A nota era 89, 85, 90. Então quem tem, quem assim tirava menos de 90 eram aqueles alunos com dificuldade. Se você for fazer uma pesquisa hoje, você vai encontrar isso daí. De repente descambou, de repente a média começou a cair drasticamente. Inclusive, a LDB mudou muito. Era 70, era 70, depois a LDB colocou a média 50. Tudo que aconteceu? Diante disso eu nunca fui aquele aluno de 90, 100. Então, eu sou mais um aluno de 70, 60. Durante a graduação tinham alguns professores que achavam que eu não ia conseguir dar aula. Eu lembro bem de alguns professores de Metodologia, que ficavam comparando, até comentavam que eu não ia conseguir. E depois pra mim mesmo, eu mostrei pra mim mesmo. E é diferente, quando eu comecei a dar aula, uma diretora chegou em mim e falou, a diretora de uma escola que eu trabalhei, que eu acabei de pegar as aulas e assumi as aulas. Então ela disse, passou um tempo ela falou, que quando eu entrei na escola, que eu peguei, que eu fui assumir, ela falou: ih, mais um professor pra, pra dar problema! E depois ela viu que eu consegui trabalhar a turma, consegui ter um bom relacionamento com os alunos, que eu consegui, ela mesma depois veio falar pra mim, que ela tinha tido uma impressão e que depois ela viu depois é... é... ela verificou que não que ela estava enganada, que ela veio me notificar, que estava surpreendida. Então, eu até hoje, até hoje, graças a Deus. Eu consegui me manter.

Depois você teve dificuldades, com metodologia, com comportamento de alunos, com livro didático, com alguma coisa assim? Quais?

Olha, é... é... o ensino de Ciências é uma salada. E realmente temos aí, se for ver e temos realmente muitas coisas para discutir nessas entrelinhas. Ciências, de 5ª a 8ª série, ela é uma disciplina que cada ano ela oferece um conteúdo, por exemplo, 5ª série, ar água e solo, 6ª série, seres vivos, 7ª série corpo humano e 8ª série física e química. É... na própria política do Paraná, teve muita mudança. Teve governos que alteraram drasticamente a ordem desses

assuntos. Teve uma época que Química e Física foi tirada, entendeu? Foi abolida, é colocaram é 7ª série pra passar pra 8ª série e tal, então, teve muita alteração. É, nesses 20 anos que eu estou, aqui o Paraná teve muita alteração, conseqüentemente isso refletiu em livros didáticos. Inclusive aqui teve um professor que fez, que foi chamado, pra poder fazer um livro próprio pra poder atender a política do Paraná, ele fez e agora o livro dele caiu em desuso, por quê? Porque aquele livro que ele fez refletia uma política e agora é outra totalmente diferente. E, e então a LDB. As Leis e diretrizes, os DCEs, os planos curriculares que mudam. Esse ano, por exemplo, nós temos duas diretrizes curriculares propostas pelo Estado, saiu uma e agora já saiu outra que é bem diferente. Assim, não na essência, muda a essência. Mas muda substancialmente. Então veja bem, se o professor for levar à risca. Essas políticas, eu enfrentei muita dificuldade e assim depois muda assim, a questão de escola, muda que os planos político-pedagógicos que as escolas implantam, a realidade de bairros, por exemplo, são totalmente diferentes. Você pega, eu já trabalhei em umas 15 escolas aqui, se eu for falar pra você o jeito que eu trabalho, que eu trabalhei na periferia, na Escola A e o jeito que eu trabalho no colégio B, é completamente diferente. Por que? Porque realidades diferentes envolvem políticas, políticas pedagógicas diferentes e assim vai indo. E Ciências é a disciplina que você tem muita variedade de assuntos. São assuntos que são pautados pela mídia, é por, por temas assim, que surgem na mídia, que surgem, aborto, questões de drogas, homossexualidade, questões de transgenia, questões de alimentação. Então é uma coisa assim que você tem que estar lidando, conforme vai mudando os temas da sociedade você tem que se adequar. É diferente, por exemplo, de algumas matérias que são clássicas. Você tem Matemática, por exemplo, é. Ou então, até por exemplo, História, o conteúdo que está lá atrás no passado, não tem como você mudar, é aquilo. E então, Ciências, ela acaba sendo uma matéria muito momentânea. Você tem que readaptar.

Sempre tem dificuldades então?

Você tem que manter bastante atualização, você tem que ficar bem atento. Questão de informática, por exemplo, né? Em 95 não havia informática. Porque o Windows 95 surgiu em 95, antes não existia informática. Hoje por exemplo, o professor de Ciências, ele tem que estar bem atento às questões de informática. Porque ele, Ciências né? Como ela é uma ciência é assim praticamente todos os lugares da Terra se pratica Ciências. Objetivando o desenvolvimento tecnológico, depois o professor, ele, os alunos, eles estão vendo computador, estão direto na internet, o professor de Ciências tem que estar antenado. Porque uma coisa que descobre ele lá do outro lado do mundo lá, vírus por exemplo, de aves, do

frango lá, então na hora, já no outro dia já está pipocando pra cá, você tem que saber explicar pro aluno. Questão de gue

rras, vacinas. Questão, tufão, lá do outro lado do mundo lá, então você tem que explicar pro aluno no outro dia já está pipocando aqui. Então você tem que estará muito tempo. Então exige bastante atualização do professor.

Passou muitas dificuldades pela carreira, você pode dizer quando começou a estabilizar, a se sentir melhor como professor? Começou em São José do Rio Preto?

Isso, é. Eu comecei lá em São José do Rio Preto, é, lá tinha uma linha, quando, quando eu me formei, tinha uma linha muito forte, de Genética, de Genética e Evolução. E, é quando eu me formei. Então, eu saí com bastante embasamento nessas áreas. É... aí quando eu vim do Paraná. O enfoque aqui no Paraná, por exemplo, é... Londrina por ser uma cidade bastante agrícola. E ter um enfoque agrícola, é, eu já encontrei dificuldade no enfoque da política local, E é lá em São Paulo, por exemplo, as escolas, elas usam uma sistemática diferente do Paraná. Aqui a nota é número, lá é letra, aceito, assim de políticas de reprovação são bem diferentes daqui. Tem política, gestão política, diretor, lá não tem eleição pra diretor, aqui tem, lá um supervisor jamais vai poder assumir uma supervisão, se ele não for é, é especialista. Formado em Supervisão escolar. Ele tem que se formar em Pedagogia e tem que ter a especialização em Supervisão escolar. Aqui há um tempo era cargo eletivo, cargo indicativo. Então, quando eu cheguei aqui no Paraná eu encontrei muita diferença, é muita política pedagógica. Que tinha pessoa que não era pedagogo formado e estava lá na Supervisão apenas pra gerenciar a escola. E também da questão financeira das escolas. Que se a gente for analisar a questão de governo, aqui também era mais rudimentar que a escola que eu trabalhava lá, que quando eu comecei a trabalhar lá, tinha escola lá que tinha laboratório completo. Quando eu cheguei aqui no Paraná, aqui, por exemplo, tinha escola que não tinha nada. Então, eu senti muita diferença nisso também. E até você se adaptar, até você ver. O que que a escola quer, o que que a política local quer, então você realmente...

E quanto tempo levou essa adaptação?

Ah, foi em questão de um ano, dois anos, porque você começa a plantar, é aquela história, a semente você planta e o fruto demora pra vir. O fruto você não joga ele na terra e já vem o fruto. Tem que crescer a plantinha, se desenvolver, pra você ter o fruto. Então, é de um ano ou dois anos.

A partir de que momento da sua carreira você pode dizer que passou a ter uma identidade própria como professor?

Olha, é eu tive assim, é questão praticamente financeira. É mesmo, é no começo, no início quando eu comecei, eram poucas aulas, era, não tinha carga completa, é você tinha que ficar assim em três escolas, três períodos. Então nesse momento você tem bastante... você ganha pouco. Porque é início de carreira, salário é inicial parará, parará, e você vai mesmo por necessidade. Aí depois que você vai ter, você já vai reduzindo a carga horária. Aí então você começa e então a ter um pouco mais e um dia, estabilidade. E daí você começa a ter um trabalho melhor, na escola, com os alunos. Aí também vem a progressão, e... eu não tive vontade de fazer outra coisa, outra profissão, outra linha. Porque depois tem a questão pessoal. Depois vem a questão de casamento, filhos, aí então você que se focar realmente naquilo e seguir né? E também como a minha história de vida é humilde, eu não tinha muita ambição, então perspectiva de dar um passo assim grande. Eu foquei mesmo nessa profissão, E me formei nisso. E fiquei, e fui cobrado. Várias vezes pra tentar ampliar a situação financeira. Essas coisas. Eu não tive chance de melhorar. Tanto é que a minha história, da especialização saiu praticamente, dez anos depois de eu ter me formado. Eu fiz especialização em 98. Eu me formei em 89, então levou dez anos pra eu poder fazer uma especialização.

Fez especialização em que?

Fiz especialização aplicada à saúde. E dez anos depois, e agora, e depois também o governo lançando esse Plano de Desenvolvimento à Educação que a gente está fazendo. Então, foi amarrando a questão financeira com questão pessoal, uma questão pouco na área. Então, eu me decidi mesmo a ficar nessa profissão, de pessoal e familiar.

Quantos anos de carreira você tinha?

Ah, uns cinco, seis, sete. É isso aí, depois que eu já me formei , eu constituí família tudo, aí eu não poderia bobear mais, você questiona essa coisa assim de ficar muito mudar as coisas.

Como é a sua carreira hoje?

Olha, eu gosto de uma certa forma, é a questão financeira, que ajuda um pouco, é financeira, é assim ótimo. É um salário bom. Dá pra você assim ir levando porque a gente comparar com outras profissões. Só que o salário é fruto de 20 anos. E se fosse começar hoje, por exemplo, não seria o mesmo. Hoje a gente praticamente ganha com 20 anos de serviço, 20% a mais de avanço, tem progressão na carreira. Então, se você for ver, começar lá na ponta, é difícil. A

quantidade de aulas, essas coisas todas. Como eu falei. Agora, a gente já está mais estabilizado. E a gente assim procura fazer especializações, pra poder melhorar a carreira. Pra poder solidificar mais ainda. Então a gente tem tempo.

Então, além do PDE você pensa em fazer alguma coisa mais pra frente? Outro curso, um mestrado?

Penso, em fazer sim porque a gente ainda tem metade do caminho para percorrer. E agora eu acho que a gente tem com esta estabilidade. Condições de pensar em progredir melhor. Então, mestrado, ou então fazer um estudo mais paralelo, pra poder atuar de uma outra forma. Então dá pra melhorar.

Você realmente acha que fazer esses cursos vale a pena?

É a gente não pode parar, porque muda todo ano, muda, são situações novas. A gente tem que continuar, continuamente a gente tem que se especializar, tem que deixar o aluno ver, como eu falei. Em 95 não tinha computador praticamente. Hoje nós temos aí situações. Que se o professor não se atentar, o aluno vai falar com o professor coisas de computador, por exemplo, e ele não souber, ignorância dele. Eu, por exemplo, dentro da profissão de professor, na profissão que eu me formei, dentro do Estado mesmo eu saí de sala de aula, eu já trabalhei como técnico em outras áreas, do Estado. Então, você tem chance de você se especializar vai aumentando teu acervo. O conhecimento, e você também tem chance de ir atuando em outros setores.

Você acha que esse tipo de curso acaba influenciando nas aulas? Melhora?

Sim, melhora. Com certeza, porque no começo, em 95 por exemplo na questão dos computadores, que eu trabalhava numa escola, e eu tinha umas aulinhas numa escola particular, e essa escola particular, ela queria montar um laboratório de informática. E me convidou então para gerenciar a construção desse laboratório de informática, mas não que eu tinha condições técnicas pra poder fazer, mas eu que fiquei encarregado de fazer e correr atrás e isso pra mim foi um aprendizado. Entrar em contato com profissionais, fui aprendendo, a fazer todo o processo. E daí o que que aconteceu? Esses conhecimentos que eu fui adquirindo nesse processo, aquilo pra mim da minha atuação, então nas outras escolas, quando começou a ter a questão da informática, eu já tava um passo na frente, preparado pra entender essa transformação, então a gente tem que se preparar sim, porque as oportunidades estão aí, se você não estiver pronta pra abraçar as oportunidades, você perde.

Que imagem você tem de si mesmo como professor?

Olha, essa pergunta é bem complexa. A gente tem que analisar sob vários aspectos, mas eu vou ser assim, bem simples na minha resposta. Eu fui uma pessoa assim na minha criação, sempre uma pessoa humilde, eu tive assim muitos problemas. Durante essa vida toda, batalhei bastante, comecei a trabalhar cedo, eu fui registrado cedo. Eu vi no meu esforço, na minha impressão uma chance de eu me projetar, de eu melhorar, eu assim, ter uma qualidade de vida melhor pra mim. Então eu abracei essa profissão pra eu ter um estilo de vida melhor pra mim, então nesse sentido, ela me trouxe muita vantagem, como eu já te falei, os conhecimentos que eu aprendi eu fui aplicando na minha própria vida, agora eu tive assim algumas dificuldades sim, na questão de falha de graduação. É por exemplo, questões de metodologia, de aplicação de métodos pra você trabalhar com aluno, questões metodológicas que não foram muito bem explicadas na graduação, teorias educacionais. Então eu praticamente, eu gosto muito em mim é que eu tenho muita ação empírica. Então eu gosto muito do meu empirismo. E o meu empirismo apesar de não ser assim, um empirismo que tenha uma base sólida, toda científica, mas o meu interesse, ele é suficiente pra eu ir galgando, pra eu ir aprendendo e melhorando, mas é mérito meu e não da graduação.

Que imagem você espera passar ou acha que passa aos outros como professor?

Então, sim, eu tenho uma história de vida que eu sempre retrato para os alunos que se for pra eu analisar, cabe perfeitamente para os alunos, porque os alunos são pessoas que também têm que percorrer um caminho, os alunos são pessoas que tem que trilhar um caminho, tem que subir uma escada e é um degrau de cada vez. Então, eu retratando a minha vida para os alunos, os alunos vão ter um referencial de que nada você consegue do nada. Você tem que lutar, tem que trabalhar, tem que estudar, tem que ir vencendo as etapas, tem que ir vencendo as barreiras, sempre estudando, sempre aperfeiçoando, e aproveitando as oportunidades, então essa é a minha frase, que eu passo pros alunos. E porque a minha vida foi assim, uma luta própria. Nada foi conseguido por intermédio de autoridades. Essa coisa toda. Então, foi um caminho que eu próprio consegui caminhar, que eles também têm essa mesma chance, essa mesma oportunidade, uma coisa democrática.

Como é a sua relação com seus alunos?

Eu me considero um professor bastante amigo dos alunos. Por que isso? Eu tive amigos na graduação que falavam pra mim, que tinham trauma de professores e eu perguntava por que, eu tinha vários amigos, amigas, que falavam que eu peguei trauma de matemática, porque a

professora de matemática puxou o meu cabelo, que eu não sabia fazer aquilo, que eu sempre me perguntei, por que que um professor agia daquela forma? E eu como sempre fui um aluno que sempre consegui as minhas próprias vitórias, em custos, em esforço, eu percebi que o professor pode contribuir negativamente para o aluno em muitas situações e eu vi também que outros professores podem contribuir positivamente. Então, às vezes o aluno, ele aprende muito mais por si do que por ajuda de professor. Eu fui me criando nesse aspecto, nesse sentido e hoje eu espelho para os alunos assim, ser mais professor amigo do aluno, do que simplesmente um professor, que fica cuspidando na frente do aluno. Eu acho que isso é muito válido porque eu trabalhei em uma escola difícil, eu trabalhei na escola A aqui, que é uma escola de periferia, é uma escola que fica no meio de bairros como o Bairro D, o bairro E, bairro G, bairro H, eu trabalhei 12 anos nessa escola, e nunca tive problema com alunos. E já vi aluno levar arma para a escola, já vi aluno com revólver pra sala de aula ameaçando professor. Eu ia lá e conversava com os alunos, sempre me dei bem, todos os alunos me respeitavam, por quê? Porque eu nunca enfrentei o aluno criticando ele, a situação dele, eu sempre fui um amigo pra tentar ajudar ele a vencer um problema. Lógico que certamente o meu papel como professor, não é um papel, eu como professor eu não sou psicólogo. Eu como professor não tenho formação em Psicologia, eu não tenho formação de social, eu não sou um delegado. Então o que que acontece? Se eu pegar um aluno com arma por exemplo, que na visão do professor, o que que o professor tem que fazer? Chamar imediatamente a polícia e mandar esse aluno preso? Entende? Então é uma pergunta que eu fazia, aí depois lá o que que o aluno ia fazer? Ia tomar um processo, ele ia ser liberado, só que ele ia estar com a ficha suja. Porque hoje a gente sabe que a Justiça... eu sempre adquiri uma postura de sempre melhorar a vida do aluno, sempre questionar a levar ele a entender o por quê. A levar eles a entender. Eu no papel como polícia, lá era muito complicado pra você atuar no papel de polícia. Porque a própria polícia quando ia na escola e via alguma coisa de errada, eles não faziam nada daquilo que a gente queria que eles fizessem. Então qual era a saída pra gente? A gente conhecer o aluno, a gente participar da vida dele, ver o que que a gente poderia melhorar, ali dentro da vida deles. Essa foi uma decisão que eu aprendi muito, questão de drogas, eu como professor de Ciências, eu ia falar sobre drogas, tinha aluno que vinha argumentar, questionar, tinha aluno que vinha e perguntava por que que você está falando isso? Eu falava, usa drogas quem quer. Você tinha que tomar muito cuidado com o que você falava, porque tinha traficante, era uma situação bastante difícil. Então, a experiência que eu tive nessa escola e em outras escolas é que o papel do professor, muito mais vale como profilaxia, muito mais vale como uma medida de imunizar esse aluno, contra as coisas ruins,

do que simplesmente ter um remédio amargo. Porque lá fora quem vai curar esse aluno dos problemas que a gente vai implantar? Então essa foi uma visão que eu tive. O professor planta uma idéia no aluno, o professor pode plantar positivamente ou negativamente. Se você chega pra um aluno com um problema desse tipo, você é um bandido, você é um, você é uma pessoa que não tem recuperação, você é uma pessoa que tem problema, isto ou aquilo. Se você tem trauma, você nunca vai sarar, o que que você está falando pra esse aluno? Que ele não tem jeito e que a vida dele acabou. Não, agora se você pensar positivamente você vai dar amparo pra esse aluno. Você vai mostrar que tem vida lá fora, que aquela situação é circunstancial e que tem retorno. Eu falo isso com bastante experiência empírica e bastante experiência profissional. É uma conclusão que eu cheguei e ninguém me tira que eu estou errado.

E como é a sua relação com os pais de seus alunos?

Então, eu tinha uma amiga que trabalhava com a gente, que eu comecei a freqüentar a casa dela, era uma professora de Matemática, ela tinha 3 filhos, e eu comecei a freqüentar a casa dela pra mexer no computador, eu mexia no computador, tinha uma época que eu vendia computador, e aí comecei a freqüentar a casa dela. E o filho dela se identificou muito comigo, porque eu mexia com computador, ele mexia muito com jogo, livro. Eu vi que o filho dela estava mexendo com drogas e ela não sabia. A própria mãe não sabia. E eu tentei alertar ela e ela não percebia, e não percebeu aquilo que eu estava falando pra ela. Então, é uma coisa que as vezes a gente vê é que professor, tem problema na própria casa e não tem percepção. E agora aquele professor que tem essa percepção, eu acho que eu consegui desenvolver comigo mesmo, a minha prática. Agora, tem casos que tem retorno, assim como você tem retorno do pai. Mas nessa escola, eu to me baseando, a família ela deixa muito a desejar, porque ela manda o aluno pra escola, fala que a gente tem que dar conta do aluno. Nós somos professores e é a gente que tem que se virar, então, por exemplo, tem um aluno que chega lá na escola com o pé cortado de vidro. Por que que você veio na escola com o pé cortado desse jeito? Tinha que ir num postinho fazer um curativo, tem que chamar tua mãe. Não, a minha mãe mandou eu vir pra escola, porque vocês na escola podem cuidar melhor de mim. Porque o postinho do lado da escola, podem me levar lá. Pode ver, família dependendo da escola, tem uma atuação importante. Eu já tive outras escolas que eu trabalhei que os pais foram reclamar da quantidade de perguntas que eu tava dando que minha prova tinha muitas perguntas, onde já se viu uma folha sulfite, um lado impresso inteirinho escrito de perguntas, mas não tudo perguntas, tinha falso e verdadeiro, tinha complete, perguntas, palavras cruzadas, porque eu sou assim, nas provas bem diversificadas. E um pai veio questionar que eu tinha 12 ou 13

perguntas na prova, que onde já se viu, que o filho dele não ia conseguir responder. Tem pais que não sabem o que que ta acontecendo, e aí a gente vai tentar conversar com os pais, e aí principalmente alunos problema que o pai tem que estar, a gente chama. Eu tenho uma metodologia própria que eu carimbo os cadernos dos alunos, eu mesmo desenvolvo umas fichinhas de notificação, eu colo no caderno do aluno, eu carimbo, eu mando assinar. Diversas vezes a escola não adota, mas eu acabo adotando, eu professor na minha própria metodologia, eu mantenho um canal de comunicação com os pais, mas o retorno não é muito bom não.

Como é a sua relação com os membros da direção, orientação e supervisão da(s) escola(s) em que leciona?

Essa relação influencia suas aulas?

Então, como eu te falei, tem uma diferença muito grande daqui com São Paulo, aqui no Paraná, eu tenho uma crítica muito séria com relação à eleição de diretor. Porque a eleição de diretor aqui no Paraná propicia formar é grupos de amigos. O diretor acaba se elegendo através de uma chapa, aonde alguns amigos apóiam. Então tem um lado partidário muito significativo na metodologia, na política pedagógica na escola. Eu acho que não podia ter, acho que devia, se você for verificar isso em outros estados, em outras situações, a eleição de diretor ela pega um lado político que influencia substancialmente no aprendizado, eu tive experiências próprias que eu como professor eu fui preterido, em favor de amigos diretores. Exemplo, distribuição de aulas. Exemplo: projetos de dentro da escola, que a gente é convidado a participar e que a gente é convidado por ser amigo do diretor. Eu por exemplo, professor padrão, professor concursado, com 15 anos de magistério, o professor renegou todo o meu lado técnico como professor e trouxe um professor com ordem de serviço pra tomar as minhas aulas. São coisas assim. Normal. A direção de diretor, eu já vi várias indicações de professor colocar, o diretor colocar na prestação de contas remédio, absorvente, uma série de coisas, que não pode. E o grupo de professores que fala amém, não tem como você ser contra, porque se você for contra, aí o diretor já começa a fechar a panelinha em cima de você e não tem como. Eu mesmo já participei de questões eleitorais na escola, é horrível, porque não existe uma consciência técnica dentro dessas eleições, acaba se envolvendo comunidade, acaba envolvendo coisas alheias à escola, que interferem pedagogicamente na escola. Exemplo, tem uma escola lá no bairro I, uma associação de pais que é muito forte, uma escola de samba que é muito forte, eu fui diretor da escola lá, inventaram que eu ia tomar uma pedaço do terreno do campo de futebol, pra poder fazer laboratório da escola. Então, quer dizer, não tinha nada a ver. O que que aconteceu? A comunidade veio no campo de futebol e

veio interferir. Então o que que é melhor, um campo de futebol ou um laboratório para alunos? Isso era um precedente. Então vamos discutir a situação em si. A questão de direção da escola, ela precisa ser revista e ela, influi muito significativamente na pedagogia da escola sim. Nas minhas aulas inclusive. Laboratório pro professor trabalhar, não tinha mesa, não tinha nada. Diretor, precisa fazer mesa pro laboratório, precisa fazer bancada, a não tem dinheiro, não tem não sei o que. Então, o diretor vai avaliar o teu pedido politicamente, não pedagogicamente. Diretor precisa comprar isso, isso e isso, precisa comprar prancha, precisa comprar a lâmpada do retroprojeto queimou. Ah então, eu vou ver o que eu posso fazer, quer dizer. Quão pedagogicamente é importante aquela lâmpada para o retroprojeto? Se você for da panelinha dele, ele te atende imediatamente, se não for, não vai. Então tem essas coisas.

E quanto aos outros professores, vocês acabam trocando informações sobre os alunos?

Sim.

Isso influencia nas aulas?

Sim. Dependendo da posição, dependendo da opinião de que você acaba formando, na escola em relação à sua própria prática pedagógica, você acaba, os outros professores acabam a te respeitar, a te encarar como um profissional, que tem uma idéia e é significativamente importante. Minha atuação, eu sempre contribuí bastante com as minhas observações. Minhas relações com outros professores sempre foi significativamente muito boa. Eu já tive claro, problemas com alguns professores, mas aí já foge da esfera pedagógica. Por questões pessoais, questões financeiras, questões políticas, pessoas fazendo, uso por exemplo, da escola pra outras coisas, vendas... então você acaba emitindo uma opinião, então acaba desagradando pessoas assim, mas aí, foge da esfera pedagógica, então acaba acontecendo algum desacordo. Tem a cena política, às vezes você tem uma opinião política, de sindicato de APP, de greve de professor, que não condiz muitas vezes com outro, então, você acaba tendo confronto. Mas dentro da escola, pedagogicamente, aprovação de aluno, reprovação de aluno, desenvolvimento de aluno, reunião com os pais, festas juninas, eventos da escola, graças a Deus eu nunca tive problemas.

Qual é a sua opinião sobre a parte burocrática da sua profissão? Tem que preencher papéis. Você se incomoda com isso?

Me incomoda. Eu sempre fui do tipo que me incomodei com isso. Tive problemas no preenchimento de papéis. Por exemplo, corrigir provas. Ciências era uma matéria que a noite

eram duas aulas, agora passou pra três. Então, como eu sou homem, a gente sempre trabalhou a noite, e de dia a questão de distribuição de aulas, as professoras mulheres geralmente acabam pegando aulas durante o dia. Eu pegava aulas a noite, porque quando eu comecei sobravam aulas a noite então eu tive que trabalhar a noite. Então, duas aulas a noite pra ter que forma 40 horas, são 20 turmas. 20 turmas vezes 30 alunos por turma, são 600 alunos. Pra você corrigir prova, fechar livro... imagina então Educação Artística, que não época era uma aula por semana. Tem 30 provas... A maioria das provas dos outros professores era direta, então Ciências teve uma época que era muito exaustivo, era muito cansativa. Ciências era do núcleo comum, tinha que ter provas, é uma matéria que reprova, e além disso, é uma matéria de muita ênfase. E por exemplo, Português, Matemática e Ciências são as três matérias que poxa vida, faz uma diferença grande na hora de você fazer o conselho de classe. Se você é um professor relapso vai transparecer. Nossa, mas Ciências está com essa situação? Então é uma matéria que sempre desponta, como Matemática e Português. Então, Ciências era muito cobrado. Diante disso, do acúmulo de avaliações por causa da carga horária, depois o que que aconteceu? Teve momentos em que eu não dei conta de fechar todas as provas, de livro, então, na minha história, eu já tive problemas sérios com registros sim.

E você acha que essa parte burocrática é desnecessária?

É desnecessária. Por que? Porque precisa ter uma reforma na avaliação do aluno porque você acaba fragmentando a avaliação do aluno. Por exemplo, Ciências avalia por Ciências, Português avalia por Português. E o aluno, ele é um todo. Então, o que que acontece? Eu tenho uma briga muito grande com Conselho de Classe, no final do bimestre e principalmente no conselho final do ano. Porque o professor de Português, ele fez todo o trabalho dele, fecha o primeiro bimestre, fecha o segundo, fecha o terceiro, fecha o quarto. Assim vai com Português, com Matemática,... todos os professores fazem isso, todo esse trabalho. Chega no fim do ano, o aluno está reprovado, aí o Conselho de Classe fala passa. Não dá pra entender um negócio desse. Você se importou com o registro, você se perdeu horas a fim na sua casa. Porque antes não tinha hora-atividade, porque esse negócio de hora-atividade é recente. Nós estamos aprendendo ainda a trabalhar com hora-atividade, porque a hora-atividade é bem recente. Coisas bem significativas, porque agora o Núcleo quer homogeneizar, a questão da hora-atividade que é absoluta. então a hora-atividade nós estamos aprendendo a lidar com ela. Mas até então, é horrível você fazer tantos registros, você fragmentar tantas avaliações e chegar, aprova ele. Então por que que eu me matei com tantos registros, tantas anotações, tantas ocorrências, entendeu? Então, tem coisas que é irrelevante você ficar anotando, aluno

conversa de mais, aluno não sei o que, não pára quieto na carteira, fica jogando aviõzinho, não faz tarefa, precisa fazer esses registros? Precisa, mas eu acho que teria que sintetizar, teria que resumir tudo isso e não ficar tão repetitivo. Porque toda aula é a mesma coisa, o aluno tem um padrão de comportamento, ou o aluno ele trabalha, ou ele não trabalha. A partir do momento que você diagnosticou aquele problema, que aluno não faz tarefa por exemplo, quando o aluno não dá pra fazer tarefa, ele não faz, então toda aula tem que anotar, toda aula. É uma coisa que você detectou um padrão naquele aluno, o certo seria, você fazer amostragens, não ficar toda aula anotando, por exemplo, questão de freqüência. Por que que um professor entra na primeira aula faz uma chamada, segunda aula outra chamada, terceira aula outra chamada, ... pra que isso? O aluno ele não entra na escola? Ele entrou na escola, ele só vai sair lá no final. Então todo professor perde um tempo preciosíssimo em fazer chamada todas as aulas. E até hoje nós vemos isso daí. Então tem coisas que cada professor vai fazer a sua contagem de aulas, cada coisa, pra poder lançar. Existe muita burocracia dessa coisa toda. Então, chega lá no fim, também não tem muito resultado nessa parte burocrática.

Você realmente gosta de dar aulas?

Hum. Olha, eu gosto de dar aula, eu gosto, é que eu comecei a dar aula cedo, praticamente com 14 anos. Lógico, que com 14 anos eu não tinha condições de estar dando aula. Eu sempre fui uma pessoa que sempre esteve ajudando os amigos. Só que ultimamente está tendo muita mudança de paradigma, muita mudança social, cultural, e o tempo está passando. Muita coisa que eu tinha como certo hoje eu tenho que reconsiderar. Então, isso não interfere na questão de eu gostar ou não gostar de dar aula. Eu gosto de dar aula, mas o gostar de dar aula, é eu ver o resultado daquilo que eu almejo. O professor gosta de fazer transformação, só que a gente está se sentindo assim, bastante impotente, bastante sem empolgação diante do que está acontecendo aí. Existem muitas políticas governamentais que estão jogando o aluno pra dentro da escola, mas simplesmente jogando, só para o aluno ficar trancado lá dentro. Então, todos os problemas da sociedade, joga pra escola, então vai pra escola, então joga lá e o professor tem que dar conta. Não é assim. Então, por exemplo, um aluno, comete um ato, comete um crime, comete um delito. O juiz pra não deixar ele preso, ele edita medidas de ressocialização, medidas de não sei o que. Ah, vai pra escola. E chega na escola, esse aluno está todinho embaralhado. Nós não temos um psicólogo, nós não temos um assistente social, nós não temos condições médicas na escola pra poder ter esforço pra melhorar esse aluno. Quem disse que todo aluno é igual? Não existe. Ninguém é igual a ninguém. Além do mais professor de Biologia não pode falar, que é igual. Então o que é que acontece? Chega um

aluno com problemas na escola, o professor vai resolver. Que professor que vai resolver? O professor de Matemática? O professor de Português vai resolver o problema dele? O professor de Geografia vai resolver? O lado humano como eu te falei, a gente pode resolver, sim, o lado humano. Mas e o lado religioso, o lado financeiro e o lado econômico? O lado cultural, o lado social o lado da saúde? Um aluno que chega a cometer um delito grave de homicídio, de estupro, essas coisas, não é um professor que vai interromper esse aluno, tem que ter gente especializada, e nós não somos gabaritados pra isso. Então a gente gosta de dar aula, eu gosto de dar aula, mas dentro da minha possibilidade e quando eu me defronto com situações que não pertencem ao meu conjunto de atividades, eu fico frustrado.

Você sente-se preparado(a) para dar aulas?

Eu me sinto preparado, mas eu não me sinto acabado. Porque a gente não pode dizer que está acabado, eu me sinto preparado pra dar aulas.

Você acha que os professores recém-formados são ou estão mais motivados ou mais preparados do que você para ministrar aulas? Por quê?

Eu gosto de falar também com base empírica. Eu não vou te falar com base científica, com dados, vou te responder com base na minha experiência pessoal. Antigamente, tínhamos uma formação mais sólida, com relação até ao Ensino Médio por exemplo, porque o ensino naquele tempo, essa questão da média era mais exigido. A educação era diferente, eu estudei no Ensino Médio, onde o uniforme tinha que ser de manga comprida, até no punho. Quando o professor entrava na sala de aula, os alunos tinham que ficar em pé. Nossa, quando o diretor visitava a sala de aula, todo mundo em pé. Então, naquele tempo, a gente tinha uma política de ensino diferente. A gente sabia o que era um verbo, o que era um adjetivo, a gente tinha noções. Hoje, você pergunta pra um aluno de faculdade prestes a terminar, não sabe o que que é, são poucos. Tem aluno de faculdade que, eu ouvi professor falando na minha escola, que eu até tirei foto uma vez lá, escrevendo, professor escrevendo cada coisa errada, grafia errada. Eu estou observando que cada vez mais eu estou me deparando com um profissionais com qualificação inferior, porque antigamente era cobrado bastante os professores exigiam bastante. Pode ser que naquele tempo a questão didática, a questão pedagógica eram diferentes, e até com falhas. Mas a questão cultural, a questão do esforço, a questão de aproveitamento daquela época, eu to observando que tem uma diferença significativa da de hoje. Eu estou observando que hoje tem profissionais mais... que já vem construídos, primeira a quarta, quinta a oitava, Ensino Médio, eles já vem assim mais fracos. Eles vem com pouco

gabarito, por exemplo primeira a quarta você praticamente não tem recuperação. Quinta a oitava, você pode reprovar em três matérias, a grafia você vai passando por cima, então a gente vê professores, até aqui mesmo reclamando, que pega provas de alunos que está um absurdo, como que chegou até ali? E cursos assim, renomados. Então eu sinto que tem havido um desleixo nisso tudo. Inclusive eu tenho uma crítica muito grande com relação a isso, que é a questão das competências, que a LDB colocou e o governo do Paraná não aceita falar de competências dentro dos Parâmetros Curriculares do Estado. Por quê? Então existe uma pergunta, que deve ser discutida, se a LDB coloca a questão das competências, e o Paraná não coloca, e quando você for enfrentar a questão das competências, porque você teria que ter coragem de ir, enfrentar a questão das competências ou você não é. Não ficar se importando com estatísticas. A gente teria que rever esta questão de competências.

Observando os alunos atuais e aqueles de quando você começou sua carreira, acha que eles eram mais comportados do que atualmente?

Olha mudou bastante, bastante. Nesses 20 anos eu tive alunos que encaravam o ensino, de uma maneira aí depois veio essa questão de correção de fluxo, de supletivo. Hoje você faz supletivo pela internet. Então isso tudo reflete no aluno, isso tudo cria no aluno, uma noção de que ele tá ali te fazendo um favor. Hoje você tem aluno que não tá nem aí, você pede pro aluno trabalhar, não existe aquela obrigação moral, aquela obrigação cultural de trabalhar. Se ele falar que não vai fazer, você não tem, fazer o que. Você vai buscar outras alternativas, não sei onde da pedagogia pra tentar reverter isso daí. Aí fica aquele grande trabalho do professor em tentar reverter, mas vai ser uma batalha muito grande, mas quem é culpado por tudo isso? A política educacional, porque se de imediato a política educacional, já fizesse uma pressão do aluno, se ele tem o ensino público, que é oferecido pra ele, tinha que ser exigido dele também. No fim exige. Desde que eu comecei até hoje eu tô vendo uma curva decadente no aproveitamento, no interesse, no desempenho dos alunos. Foi gradativo. Do início até agora. Principalmente devido à política educacional, correções de fluxo, EJA, supletivo, cursos de fim de ano. Teve um governo aí, acho que foi em 1996 a 1997, nós reprovamos vamos supor, no fim do aluno, x alunos reprovados. Aí o governo chamou nem mais nem menos os alunos que tinham ficado até então, em tantas maneiras, chamou alguns alunos em janeiro pra fazer uma prova e eles passaram essa prova e os alunos foram aprovados. Isso reflete. Como que você vai trabalhar com o aluno, sendo que o aluno está vendo uma porta aberta, e ele não tem um desempenho adequado?

Em algum momento sua vida pessoal influenciou sua carreira docente? Quais os efeitos?

Sim. Eu por exemplo, eu tenho um problema de visão, eu tenho um olho meu ele tem um problema de desvio, o que a gente chama de vesgo, meio caolho, e na sala de aula, por exemplo, que o aluno pergunta, professor você está olhando pra onde? Aí a gente vai conversa, explica para o aluno a questão de doenças oculares, o cuidado com os olhos. Aí depois ele entende perfeitamente, a situação, questão por exemplo de aparência física, o professor de Ciências barrigudinho. Nossa, mas e aquela questão de alimentação de você... você fala que a alimentação é de um jeito. Não, mas aí você vai entrar no aspecto da genética. Porque ninguém é igual, as árvores não são iguais, as pessoas não são iguais. Existem aspectos fisiológicos, genéticos, mas aquela aparência, aquilo que você traz de pessoal seu, influencia sim em sala de aula. Eu tive várias experiências nesse sentido. O jeito de falar por exemplo. A minha voz por exemplo, não é aquela voz boa, aquela voz grossa, então muitas vezes, você grita, o tom de voz altera. Muitas vezes tem professor lá do outro lado dando aula, que ta ouvindo a minha voz. Problema pessoal. A professor o senhor grita, o senhor fala alto. Uma série de coisas que influencia na tua prática. Mas você tem que depois aparar as arestas, buscar um jeito de trabalhar isso, se enquadrar, se adequar e tocar pra frente, mas tem sim, o tal do perfil que muitas vezes atrapalha.

Já passou por algum momento de crise ou de desgaste na sua carreira?

Essa fase passou? (Você acredita que ela chegue?)

Sim, tive. Eu por exemplo, nessa escola que eu trabalhei, no Ana Molina Garcia, eu trabalhei 12 anos ininterruptamente, nesses últimos tempos, os últimos 12 foi nessa escola. Durante as festas juninas que a gente ia fazer por exemplo, a gente chegava numa tensão muito grande. Porque a comunidade dos arredores vinha pra dentro da escola e a gente sabe como é que a comunidade é extremamente perigosa e tem de tudo. Então a gente, não via a hora de acabar a festa junina, não via a hora dos acontecimentos terminarem bem. Teve vezes que teve tiroteio dentro da escola, teve ameaças, tudo isso por causa do entorno da comunidade, apedrejamento, carros depredados, alunos que roubaram os trilhos da cortina, roubaram televisão, vídeo, rouba isso, rouba aquilo, quebra e faz isso. A gente convive com todo o tipo, morte, aluno um matando o outro, por causa disso, por causa daquilo. Nesses 12 anos, nessa escola, eu tive um desgaste muito grande, que sugou bastante a gente. A questão social da escola, o entorno, os problemas que os alunos levam pra gente. Conversar com aquele aluno, desenvolver alguma coisa. Foi muito grande o desgaste. Eu tive problemas assim, até

emocional, estresse, relacionamento com outros colegas, profissionais na escola, porque você acaba tendo opiniões sobre certas coisas, desgaste.

Foi desgaste ou foi algo que durou um certo tempo?

Então, você acaba se superando porque você procura fazer prevenção, cursos, procura fazer dinâmicas. O governo até propicia estes cursos de capacitação. Você vai discutir, com seus colegas. Teve uma época que eu fui até procurar psicólogo, precisei fazer um *feedback*, ver o que eu poderia melhorar. Ai mistura também o lado pessoal seu, o seu trabalho que acaba interferindo na sua vida. O seu trabalho você acaba levando pra casa, questão de provas, de tempo, de famílias.

Já pensou em desistir da carreira docente?

O que o(a) impediu?

Olha, desistir não, porque é muita coisa em jogo, é trabalho, aposentadoria... desistir não, mudar de profissão, fazer uma troca. Eu tive que trocar de escola, então eu agora to em outras escolas. Precisa renovar, ter aquela renovação, mas desistir da profissão ainda não.

No fundo, no fundo eu estou chegando a uma conclusão, que eu vou ter que desenvolver uma outra atividade pra conseguir caminhar mais ainda, porque a gente ainda tem um tanto de vida, o tempo todo na escola não vai ser possível não. Eu até já estou me preparando pra isso, tentando ver se eu consigo montar alguma coisa, algum negócio, pra poder tocar.

Relacionado ao ensino?

É relacionado ao ensino, porque você pode aproveitar, o *know-how* que você já tem pra fazer. Porque você ficar dentro da escola, da sala de aula, nesse ritmo, é complicado, vai te levar a um desgaste. A maioria dos professores com quem eu to falando, é unânime, não vão conseguir chegar até o fim.

Você acha que os outros professores com o mesmo tempo de carreira que você passam pelas mesmas dificuldades que você passou ao longo da carreira?

Isso seria um aspecto comum na carreira docente?

Sim. Os professores de uma maneira geral, temos muito pontos convergentes em comum. A escola, os alunos, o sistema de trabalho, a clientela, o ambiente de trabalho, as políticas, então tudo acaba convergindo para alguns focos, então tudo fica retratando ali. Eu tive muitos amigos que precisaram fazer um monte de tratamentos psicológicos, que precisaram tirar

licenças, não veem a hora de tirar aquela licença de 3 meses. Tem problemas familiares, fica muito revoltado com os problemas que enfrenta, não consegue resolver, e tem aquele problema na escola, na comunidade, e fica revoltado, não consegue resolver. Então, esses problemas que eu passei eu vejo acontecer bastante ao redor, em outras escolas, com outros professores. Tem bastante.

O que o manteve na carreira docente até hoje?

Olha, como eu te falei, você não pode jogar uma graduação pela janela. Você não pode estudar, se formar, ter um diploma e daí você não exercer. Ainda mais você tendo uma história familiar, humilde que nem eu. Eu fiz minha graduação, comecei a trabalhar e na minha cabeça, os meus 25 anos, vamos tocar pra frente. E você não tem maturidade pra poder falar não eu não quero, eu vou fazer outra coisa. O salário está muito pouco, você não tem como mais, 25, 30 anos, fazer acordo, você tem que ir tocando. Eu fico pensando assim, eu vou ter que me adaptar a uma nova situação, mas lá atrás, você se mantém nos trilhos por causa de família, fatores financeiros, por causa de trabalho, por causa de formação prévia, agora, tem pessoas que, não tem empecilho familiar, que não tem família, não tem filhos, nada. Aí tem condições de rever, de mudar o curso de investir, de fazer.

O que mais o estimula a continuar na carreira docente? E o que mais o desestimula?

Salário. É um salário que no fim do mês está ali. Você vai trabalhando, você paga tuas contas, você planeja, você está ali, o salário, é o seu ganha-pão, com o suor do seu esforço você vai comer.

Compensa?

Compensa porque tem muitas profissões que estão ganhando o equivalente ao que a gente está ganhando, se você observar o plano de carreira, o salário no Paraná, tá melhor do que São Paulo, está melhor do que MG, MT. Eu tenho um cunhado meu que é gerente de banco, ele está ganhando igual eu, gerente do Banco Bradesco. Então se você for conversando com as pessoas. Bancário por exemplo, está ganhando metade do que eu ganho agora. A minha irmã trabalhava na companhia de telefone em São Paulo, se for ver, acabou. Ela tem diploma de economia, tá na rua sem fazer nada. Isso é está fazendo bijuteria, está entendendo? Então você não pode largar o que você construiu e dá pra você ir tocando? Dá. Tem afinidade? Tem. Tem dificuldade? Tem. Só que o principal do trabalho teu é o fim do mês, é o salário pra receber.

Salário não é algo que desestimula então? Pelo contrário?

Olha, atualmente, pelos meus 20 anos de magistério não ta desestimulante não. Comparativamente ele não seria o desestimulante.

Qual é a importância de ser professor para você? Se tivesse que optar por outra carreira continuaria no ensino?

Tem um livrinho que eu li: Professor, agente da Educação. Gostei bastante. Eu gosto de trabalhar como professor porque você fornece, você tem condições de encaminhar uma pessoa, de ajudar uma pessoa, de fazer a diferença. Eu tive muitos alunos que se você entrar no meu Orkut lá, tem uma menina que chama Camila que ta falando uma coisa que eu falei pra ela há 10 anos atrás. Então ela está falando. Nossa, eu lembro que você falava nas suas aulas, que a única diferença entre o professor e o aluno é que o professor tinha nascido primeiro e que estava explicando pra gente o que já tinha visto na vida. É uma coisa que até hoje ela lembra. Eu tive também uma menina negra, que ela estava na sala de aula toda desanimada, toda pra baixo e aí na sala de aula mesmo a gente começou a conversar, aí entra aquela parte do currículo oculto, que é totalmente fora. Aí eu comecei a falar com ela, a trocar idéias, os alunos todos participando, falar sobre a vida, o que é mais importante na vida, aí entrou a questão racial, chegou no fim da aula a menina tava outra. Aí passou algum tempo, ela nossa, professor eu não esqueço o que o senhor falou pra mim. Então o professor, mais vale ele fazer ele fazer diferença na vida do aluno, positivamente, não negativamente, do que você entregar ele pra polícia. Por que qual é o objetivo da policia? Você prender. Mas a polícia, aí teria que recuperar o aluno. Tem que ter a punição? Tem. Mas o simples fato de você ver um aluno com a droga na mão, ou uma arma... agora nós temos a questão do desarmamento, tem que reconsiderar, usar uma estratégia diferente. Você tem que notificar o diretor, olha tal aluno ta armado. Mas vamos supor você ta começando 20 anos atrás, você vê o aluno levando uma arma na escola, o que você faz? Como você vai enfrentar isso? Eu vi isso, e era aluno bom. Como que você vai explicar para um aluno que uma arma é errado? Então, mas vale você fazer a diferença na vida da pessoa você atuar ali, do que você jogar esse aluno e depois vai ser irreversível. Você vê uma ferida no aluno, se você tem condições de ir curando aquela ferida de pouquinho em pouquinho, é melhor do que você mandar pro médico amputar, acho que posso estar errado, mas a princípio, o meu pensamento empírico é esse.

Você consegue “predizer” como será o fim da sua carreira?

Olha, eu agora tenho um pouco dessa visão, porque com certeza não vou conseguir finalizar a minha carreira como professor, não vou ter condições referentes à saúde, a condições pessoais, eu não vou ter condições mesmo. Eu vou ter que terminar a carreira uns 10 anos antes.

Mas será que você não volta?

Não, não volto não. Porque essa situação em sala de aula exige muito de você, é igual jogador de, qualquer atleta. Você tem uma curva que você faz, depois você começa a descender. Um atleta de ponta, vive menos do que qualquer pessoa. O esforço físico, fisiológico dele... Eu também me sinto nessa situação, a minha curva descendente vai ser muito rápida, então eu não vou conseguir me aposentar como professor. Eu não vou conseguir, eu vou ter que sair.

Transcrição da entrevista B**Há quanto tempo você atua na atividade docente?**

18 anos.

Qual é a sua formação?

Formação em licenciatura plena em Ciências e Biologia.

Houve outro curso de graduação como primeira opção de vestibular?

Não.

Qual era sua relação com a disciplina de Ciências quando você cursava o Ensino Fundamental?

Não eu não tinha interesse pelas Ciências porque eu nem tinha noção quando eu estava no ensino fundamental. Mas depois, também no Ensino Médio eu não tinha noção que eu queria fazer alguma coisa relacionada com Ciências. As Ciências foram uma escolha que no último momento, na última hora. Foi mais intuição na última hora. A matéria Ciências.

E com Biologia no Ensino Médio?

Biologia, até quando eu fiz Ciências em dois anos, eu nem pensava em Biologia. Depois que eu já era casada, já tinha dois filhos, aí que eu fui fazer especialização para Biologia.

O que o levou a optar pela habilitação em licenciatura?

Acho que por do mesmo, desde criança brincando, de professora, queria ser professora. Não sei, desde criança eu queria ser professora, eu não sei do que. Mas eu queria lecionar desde pequena.

Como foi sua relação com o curso durante o período de graduação?

Gostei, eu fiz a faculdade em Jandaia do Sul, foi um curso bom, regular. Foi bom e eu gostei, eu assim, foi um curso bom. Apesar que quando eu comecei na prática, na sala de aula, eu via que muitas coisas tinham deixado a desejar, coisas que a gente não aprende na faculdade, mas no geral a faculdade foi boa, ela foi assim, “geralzona”.

Você pensou em trocar de curso?

Não, nunca pensei.

O curso de graduação correspondeu às suas expectativas? Por que continuou?

O curso da faculdade em si? Sim. Hoje, com a visão de hoje, eu acho que ele poderia ser melhor, poderia ser direcionado, aulas melhores preparadas. Mas naquela época não. Enquanto eu estava cursando eu achava que estava bom, eu achava que tava correspondendo.

O que teria faltado, o que poderia ser melhor?

Acho que o preparo, o direcionamento. A didática mesmo, mais geral, uma preparação do professor. A parte pedagógica.

Por que Ciências?

Eu acredito que tenha sido pela formação. Porque, sabe uma coisa natural? É Ciências, sabe? Eu gosto muito de Letras também, de poesia, de literatura, da língua também mas eu não sei dizer por que Ciências... por quê?

Como foi o início de sua carreira como professor? Teve dificuldades? Quais?

Eu não sei se é porque é nato, mas eu não sei, desde a primeira aula, o colégio, sempre foi muito agradável, sempre tinha essas as dificuldades que eu te falei, essas dificuldades didáticas, mesmo, pedagógicas. Até porque eu percebi que ficou faltando na faculdade, mas era uma dificuldade minha de adaptação, aquele que eu tava começando a fazer. Mas sempre foi bom, sempre foi bom.

Teve dificuldades com didática?

Com didática também. Essa foi a dificuldade, sabe? A metodologia e a forma, que foi por descoberta mesmo, porque quando eu entrei na sala de aula, eu nem sabia. Eu entrei, mas não sabia como passar esse conteúdo foi uma descoberta, mas foi por imitação dos meus professores da graduação, do Ensino Médio.

Então, você teve outros professores como modelos?

Isso, foi assim. Eu imitava os professores, como eles tinham me dado aula, como eu tinha aprendido, eu tava repassando, mas eu nem sei, eu nem sabia, se era aquele modelo didático, se aquele era bom, se era o jeito, eu nem sabia, o jeito, demorou...

Quanto tempo?

Acho que uns cinco anos, tentando descobrir como fazer, tentando criar um método. Porque eu não tinha nem a idéia de qual metodologia. Essa metodologia é boa pra isso. Essa metodologia foi por descoberta. Foi por tentativa e erro.

Depois dessa fase teve dificuldades? Quais?

Ai depois estabilizou. A própria prática a gente sai criando.

As dificuldades desaparecem ou elas mudam?

Elas mudam. Desaparecer não, sempre tem alguma dificuldade ou outra.

Mas elas mudam. Se antes eu não sabia como, o que ia passar pro aluno, de que maneira eu ia passar, como ia ser o melhor método. Aí depois o resolvido ficou assim, como atingir aqueles alunos, como que eu vou conseguir chegar naqueles alunos. E adequando... dificuldade sempre tem, ninguém tem a fórmula, nossa, faz isso. Nem é 100%. Então, vai pegando uma experiência aqui, uma experiência lá. Sei lá, vamos indo.

A partir de que momento da sua carreira você adquiriu uma identidade própria como docente e não por imitação ou por tentativa e erro? Acha que ela ainda está em construção?

Eu acho que foi na época que cheguei nas aulas do estado. Foi mais ou menos em 96, por aí. E aí eu acho que já tava trabalhando há mais tempo, já tinha bagagem, aí vai. Nessa época já iam 8 anos de carreira. O jeito da gente.

Você acha que essa identidade já está consolidada ou ela ainda está sendo construída?

Não, não, acho que está sempre em construção. Ela é feita a cada ano, a cada sala de aula, a cada dia, pra cada turma, e te digo até mais, até pra cada aluno. Não é? Você se relaciona de maneiras diferentes. Tem aluno, que você precisa chegar muito perto dele, participar até do dia a dia dele, tem aluno que prefere que não, tem alunos que preferem até que permaneça uma determinada distância, cada aluno é um aluno. Por causa disso, não tem nada consolidado. A gente não tem como, ter uma postura rígida, uma postura certa, e é só assim, assim que é o aluno que tem que se adequar, não é por aí. Tem que ter jogo de cintura, e tem que ter essa sensibilidade de sabe como se portar para cada aluno é diferente um do outro, e a maneira de passar também é diferente. A maneira, até mesmo a maneira, o jeito de falar, é diferente, tem aluno que você pode brincar, rir, tem aluno que você deve até tocar e perguntar

o dia a dia dele, perguntar como ele tá, tem aluno que não, que é uma invasão, cada aluno tem seu limite. Mas construída de maneira definitiva, não.

Como é a sua carreira atualmente?

Nossa. Não tem como dizer... algo muito bom, muito bom mesmo. Eu estou muito feliz com o que eu faço. Eu amo o que eu faço. Eu amo estar na sala de aula. Eu amo o contato professor-aluno, até mesmo pelo lado humano. Até mesmo pelo aluno de periferia, mais carente, o envolvimento é maior. Quanto mais o aluno precisa da pessoa humana, você tem que saber lidar. Nossa, minha profissão, o que eu faço, eu não tenho dificuldades nenhuma, com diferentes escolas. Pode até ser uma escola periférica. Eu até prefiro uma escola de periferia do que uma escola central. Tanto faz uma quinta série ou um terceiro ano do Ensino Médio. Nossa, eu gosto muito. Eu defino como um dos eixos, um dos eixos principais da minha vida.

Tem planos futuros para sua profissão? Quais?

Tenho, terminando agora o PDE, eu pretendo terminar ou antes de terminar e começar o mestrado, e o meu maior sonho seria isso mesmo. Estudar, estudar pra melhorar mesmo o que eu estou fazendo, como eu falei não tem nada consolidado. Cada ano, cada aula tem que ser melhor. Pra isso, tem que estudar, tem que ler muito. Meu objetivo é esse, meu sonho é o mestrado que eu quero começar, com essa função mesmo, como objetivo pessoal e profissional principalmente.

Você já tem pós-graduação?

Tenho pós-graduação em Educação Especial.

Mestrado voltado pra educação?

Tem que ser. Acho que o mestrado voltado para o ensino de Ciências ou Educação. Mas acho que voltado para o ensino de Ciências.

Que imagem você tem de si mesmo como professor?

Boa, muito boa mesmo. Uma professora muito boa, por conta disso, eu sou muito boa, por eu gostar muito do que eu faço, por eu gostar muito dos alunos, por eu me preocupar com os alunos, de gostar dele como pessoas. Por conta disso, muito respeito, muito respeito pelo que eu tenho que passar pra eles. O aluno tem o direito de ter a melhor aula que ele já teve, que trate com educação, mesmo ele não estando num dia muito legal. Ele tem direito, de alguém

que respeite os sentimentos dele, eu respeito tudo isso, eu tento tudo isso. Claro que tem horas que não dá, que a gente tem problema de comportamento. Mas por conta desse respeito como ser humano, eu consigo dar conta direitinho do recado, eu saio da sala de aula e saio realizada. Se o conteúdo foi aceito, se o conceito não foi plenamente aprendido. Se a relação professor e aluno foi bem entendida. Se essa relação foi muito bem cumprida. Eu fico com essa paz no coração. Missão cumprida!

Que imagem você espera passar ou acha que passa aos outros como professor?

É difícil falar da imagem que o outro tem. Mas é seu eu analisar alguns comentários de colegas, de pais, de alunos, levando em conta a hora do intervalo, eu acho que eles têm uma visão boa, devem ter. Claro que deve ter alguém que não gosta, da minha maneira de dar aula, de entender, sempre tem. Não agrado todo muito, mas pelo menos eu tento passar essa imagem não seria nem de boa professora, mas de uma boa pessoa primeiro. O bom profissional vem junto, como boa pessoa passar aquela imagem de boa profissional de que ta tentando fazer o melhor naquele momento. Passar a imagem de boa pessoa, que o profissional vem junto.

Como é a sua relação com seus alunos?

Boa. Geralmente é muito boa. Pra você ter uma idéia, vamos pegar o ano passado como base, e o ano retrasado, levando em conta os dois últimos anos, na sala de aula, nove salas de aula, nenhum problema de comportamento, de relacionamento. No ano passado e no ano anterior também, que eu possa relatar ou contar, que aquilo me estressou, ou aquele aluno tal, teve aquele problema. Não, a maioria tem um relacionamento bom. Claro que deve ter algum que não. Mas a maioria sim, o aluno tem a liberdade de chegar e conversar. Forma-se um vínculo, professor-aluno. Então o aluno não tá nem a fim de fazer aquela atividade agora, mas ele acaba fazendo, porque é a professora que está pedindo. Quando eu peguei licença especial ano passado, os alunos falavam, “ai professora, que saudade”. Por esses motivos eu acredito que os alunos gostam de mim sim, mas é por causa disso, pela valorização do ser humano mesmo.

E como é a sua relação com os pais de seus alunos?

Tenho relação com os pais dos alunos. E a gente acaba tendo relação com os pais dos alunos justamente porque os alunos falam da gente. Então, quando você encontra, eles falam, “você é a professora tal e tal...” então eles comentam, então pelos comentários. E quando tinha um pai que a gente precisava conversar, que as vezes dava problema, não estava estudando, ou com

nota baixa, ou até por comportamento. A educação, o jeito. Tem que pensar, porque eu tava falando pra ele do filho dele, poxa, como eu posso falar do filho dele do jeito que fira menos. Eu me colocava no lugar do pai. Porque tem que falar do filho dele, ai seu filho é isso e isso, um monte de coisas ruins. Vamos falar com jeito, com educação. Vamos falar com jeito, vamos procurar resolver junto e não só acusando. Então até mesmo para os pais dos alunos que precisavam, a gente falava com jeito, com muito cuidado, eu diria até mesmo com muito carinho, justamente pra que o impacto seja o menor possível. Uma boa relação.

Como é a sua relação com os membros da direção, orientação e supervisão da(s) escola(s) em que leciona?

Essa relação influencia suas aulas?

Sempre dei aulas em duas escolas. Vale a política da boa vizinhança, você tem que estar bem com todo mundo Procurei fazer o melhor que eu poderia fazer naquele mundo, se tem alguém que não está contente com algumas coisas...

Não influencia nas aulas. Nas aulas é você e o teu aluno. Mas com relação a professor, supervisor, já teve sim. Idéias diferentes, mas também geralmente eu não bato de frente. Eu posso discordar, mas eu não discordo de maneira profissional. Porque você vai ficar com aquela pessoa o ano inteiro e às vezes, dois anos, três anos, tem que tentar ter a melhor relação possível. Mas, já aconteceu não de cortar relações, mas ter uma posição completamente profissional. Se o lado pessoal está em conflito, tem o lado profissional, tem que lembrar que é para o bem do aluno, acho que é assim. Tem que saber levar, e saber lidar com as pessoas, tem que saber que as coisas são diferentes.

Qual é a sua opinião sobre a parte burocrática da sua profissão?

Olha, eu nunca me preocupei muito com a parte burocrática. Bom, não me incomoda de jeito nenhum. Porque na sala de aula, eu sempre avalio o aluno como um todo, então não é só papel. Muitas vezes o aluno e você, o comportamento dele na sala de aula, naquele momento. Como ele está se comportando na aula. Como que ele ta com relação as atividades que ele está fazendo, e eu sempre segui, sempre deixei tudo registrado, tudo o que o aluno faz, fica registrado, se ele deixa de fazer, está registrado. Nunca tive problema nenhum. Sempre que precisava comprovar alguma coisa, tava lá tudo registrado. Nunca tive problemas, e é aquilo que eu já falei, sempre tem uma adequação cada aluno é um aluno. Cada aluno é diferente. A maneira de avaliar um é diferente do outro. Tem que ter jogo de cintura e tem que saber levar.

Você realmente gosta de dar aulas?

Sim.

Você sente-se preparada para dar aulas?

Sinto, me sinto preparada, se eu não estou preparada com algum conteúdo, eu vou me preparar, porque é aquilo, o aluno merece o melhor do professor. Principalmente no Ensino Fundamental, o professor está ali como exemplo, então ele tem que estar praticamente impecável na visão do aluno. Você está sendo um modelo ali, você tem que ter em mente se você não estiver preparada pra enfrentar a sala de aula, aquilo, o conteúdo, o aluno vai ficar sabendo. E aquilo vai ter influência. Sabe, o professor inseguro sabe? Um professor extremamente estressado por um motivo ou outro, o professor que levar para a sala de aula, o que ele vai causar no aluno, o professor tem que ter em mente o que ele está causando, que conseqüências eu posso estar causando nos alunos.

Então, você se sente responsável pelo aluno?

Todo professor é responsável pelo aluno. Isso é muito sério, um olhar, uma palavra que ele deve dar, uma palavra maldita, isso pode prejudicar o aluno depois, psicologicamente mesmo, mentalmente mesmo.

Você acha que os professores recém-formados, recém-concursados são ou estão mais motivados ou mais preparados do que você para ministrar aulas? Por quê?

Vejo diferenças, eles são menos motivados. Não sei o que está acontecendo, mas aliás é uma coisa que me deixa muito triste, professores amargurados, chateados já em início de carreira. Parece que já entram preparados para o pior aluno, para a pior turma, parece que tudo vai ser problema. Pensa que aluno é tudo igual, que não sei o que. Nossa, sala de aula, de professores, principalmente no intervalo, você ouve cada coisa, cada reclamação. Claro, o aluno tem culpa, o aluno é triste, né? Não vou tirar esse mérito dos alunos, os alunos são tristes, dá vontade da gente sumir com eles. Mas nós temos que ver que nós somos os professores, você é o exemplo, você é o exemplo, você é o dono da brincadeira. E tem aquela brincadeira, siga o mestre! Eles estão seguindo você. O que você for, tudo o que você fizer, vai estar refletindo ali na sala de aula. Então, o aluno é preguiçoso, o aluno é agressivo? É, o aluno está cheio, não pagar com agressividade, não tem um jeito de trabalhar isso, tem que fazer mil coisas, pra passar na cabeça dele. O aluno é bocudo? É, mas tem professor que é também. Não é batendo de frente. Tem problema? Tem problema, mas o professor tem que ter sensibilidade, tem que

ter essa didática mesmo e saber que ele é o professor. Então, muitos já entram assim, muito desmotivados. Parece que já entram sem vontade. Parece que vai começar o ano com problemas. Eles colocam culpa no diretor, na escola, não sei até onde... tudo tem culpa, tudo tem problema. Está na mão de cada um. Mas pelo menos dentro de sala de aula, tá na mão de cada um, cada um tem que fazer sua parte. Na sala de aula cada um está na mão dele.

Você faz cursos para manter-se atualizado? Acha que vale a pena?

Pra mim, quando aparece algum curso, no dia a dia, patrocinado pelo estado, que a SEED dá, agora eu tava meio afastada, fazia uns cinco anos que eu não faço curso fora do estado, mas assim, os da SEED sempre faço. Vale a pena, tem que estar se reciclando. Tem que influenciar, você filtra. Serve, serve. Se não serve você tem que saber porque não dá então. Porque não é tudo que aparece que vai servir, que vai ser bom, se aquilo que você ouviu no curso servir pra alguma coisa, pra eu acrescentar, é válido sim. Vale a pena. O professor tem que estar fazendo, vendo as tendências, buscando, lendo, não pode ficar parado.

Observando os alunos atuais e aqueles de quando você começou sua carreira e os de hoje é diferente?

Olha, eu não vejo diferenças. Eu ouço comentários, aí, não era assim. Não era assim quando eu era aluno. Há 20 anos atrás, há 30 anos atrás, há 40 anos atrás, né? Era outra situação, no país, na escola, na cidade, era diferente. Mas desde quando eu comecei a dar aula, há 20 anos atrás, aluno é aluno. Com as mesmas angústias, com as mesmas preocupações. Aí eu não sei. Mas já tinha violência naquela época. Já eram rebeldes, eram violentos sim, tem sim. Um ou outro se sobressai na violência, na rebeldia. Mas é tratável, tem como tratar, tem como contornar, tem como resolver. Não sei, se eu sou uma pessoa de sorte. Mas eu acho que sou uma pessoa de sorte. Eu não vejo diferença não. Eu vejo mais diferença, não sei, mas não vejo diferença gritante... Os alunos de 20 anos atrás não eram nem mais calmos, nem eram menos violentos, não sei.

Em algum momento sua vida pessoal influenciou sua carreira docente? Quais os efeitos?

Bom, influenciou sim. Já influenciou no sentido assim de um ano sem trabalhar por conta de mudanças, mas um ano mais ou menos, pra sair de um lugar, só isso, que eu fiquei um ano sem trabalhar pra morar no estado do Mato Grosso. Mas de resto não influencia muito não. Filho, marido, não.

Já passou por algum momento de crise ou de desgaste, cansaço na sua carreira?

Ah, sim, principalmente no final do ano. Principalmente no fim do ano, está o pó, está cansado, não podemos nem ver aluno na frente.

Isso chega a ser um momento de crise?

Então, não, não pode ser um momento de crise. O professor está cansado. A primeira coisa que tem que saber é ter paciência. Ele tem que ter consciência disso, que ele também está cansado. É quando o aluno está mais barulhento, mais irritado, mas não é o aluno, é que o professor está mais irritado. É que o professor está, o professor tem que ter ciência disso, de ser um modelo, ele tem que fazer uma vontade sobre-humana, pra manter a postura, manter a calma, como mediador, mas tem que manter. Pode acontecer de um dia ou outro rodar a baiana, não perder a estribeira, tudo tem jeito, tem que se controlar, tem que dar um jeito. Se está muito pesado, pára, pede uma licença, dá um descanso, depois volta pra sala de aula, com os ânimos estabelecidos, com fôlego novo. O que não pode é deixar o cansaço, deixar o estresse falar mais alto. Não é? Daí é pior.

Nunca pensou em uma situação assim?

Nunca.

Já pensou em desistir da carreira docente? Nem nos momentos de cansaço?

Nunca, nunca. De jeito nenhum. Quando o cansaço é muito grande, eu descanso. Peço licença, vai descansar, vai cuidar da cabeça, vai cuidar do corpo, daí você volta. Mas desistir jamais, pelo contrário, jamais, pelo contrário, de jeito nenhum. Pelo contrário, quero ir mais fundo, mais a fundo ainda. Nunca, nunca.

Você acha que os outros professores com o mesmo tempo de carreira que você passam pelas mesmas dificuldades que você passou ao longo da carreira?

Isso seria um aspecto comum na carreira docente?

Olha, bom. Eu não posso falar pelos outros. Eu não sei o que passa na cabeça deles. Mas assim, pelo convívio, mas pelo que eu vejo, dificuldades tem em todos os lugares. Pelo que eu vejo, pelo que eu ouço, essas dificuldades tem em todos os cantos, em todos os lugares, e as vezes a diferença em como a pessoa lida com isso. As dificuldades estão em todo o lugar e em todo momento. Sempre tem obstáculos, sempre tem que transpor.

O que te manteve na carreira docente até hoje?

Ai, muitos fatores. Muitos. Não tem noção. É por amor mesmo. Eu acredito, e um professor aqui da universidade me chamou de romântica, de utópica. Eu acredito que a gente faça muita diferença, muita influencia. Eu sinto que eu sou responsável por aquele aluno, nas aulas, ele pode modificar, pode mudar o rumo da vida dele. Não só minhas aulas, mas as de todos. Através das atitudes dos professores. Eu acredito muito, eu acredito muito mesmo que a solução de muitos problemas que a gente vive estão dentro da escola, que a educação está ali na mão dos professores. Eu acredito mesmo que o professor pode fazer diferença na vida dos alunos. Eu acredito mesmo.

O que mais o estimula a continuar na carreira docente?

Acreditar. Acreditei até hoje que eu faço diferença na vida desses alunos.

E algo te desestimula?

Não, dar aula não. Tem coisas que me deixam triste. Sabe, quando professores assim, ficam reclamando, demasiadamente reclamando, já chegando na escola com aquela visão de que tudo está ruim. Isso me deixa triste, mas desestimulada de jeito nenhum, não me desestimula não. Eu estou sempre pronta, pro outro dia, eu estou sempre pronta para a sala de aula, para o aluno.

Qual é a importância de ser professor para você? Se tivesse que optar por outra carreira continuaria no ensino?

Ai, estaria. Eu acho, até descobri isso esse ano, no PDE, se eu tivesse que optar seria alguma coisa na área de Psicologia assim, e voltado para a Educação também, pra uma psicóloga em uma escola, uma coisa assim. Tudo relacionado ao ensino.

Você consegue “predizer” como será o fim da sua carreira?

Eu imagino sim. Muito feliz, muito realizada. Feliz, realizada, olhando pra trás e tarefa cumprida. Quando hoje eu encontro alunos de dois, três anos atrás ou você vê aquele aluninho que era lá da periferia, e hoje está lá trabalhando em um caixa de supermercado, isso pra mim, pra gente pode não ser nada. Mas pra gente pode ser uma grande evolução. Você ajudou, você contribuiu para aquela diferença? Isso é muito bom, eu me vejo assim, realizada, realizada. Quando eu olho e vejo o que já foi feito e vejo que cursos, quanto tempo, é um tempo curto ainda, eu já me sinto realizada. O que eu mais quero mesmo é me realizar, é melhorar. Quero

fazer um mestrado. Quero ir atrás de um doutorado, quero ser uma professora cada vez melhor. Eu quero. Então, eu só vejo coisa boa. Então, não tem como eu olhar pra trás e ver coisas ruins de estar aqui. Eu tento pelo menos, eu tento plantar coisas boas, porque no mínimo, no mínimo, se o aluno não aprender nada de Ciências pelo menos, nada, o que eu acho difícil, se ele não aprender nada, nada, talvez ele aprenda a ser mais humano com a gente, pelo menos, ele aprende a falar um pouco mais baixo, de repente ele aprende que ele não precisa ser agressivo. Alguma coisa ele vai aprender, alguma coisa vai ficar, e eu acredito nisso, que eu to aqui pra isso. Eu me vejo realizada. Eu me vejo em fim de carreira realizada, eu espero e aguardo essa sensação de tarefa cumprida. Tenho certeza, praticamente, assim. sabe? Porque eu tento cumprir essa tarefa com amor, não sei, dedicação, eu gosto eu sou boba assim mesmo. Tem gente que gosta, eu gosto.

Transcrição da entrevista C

Há quanto tempo você atua na atividade docente?

16 anos.

Qual é a sua formação?

Sou formada em Ciências Biológicas, pela UEL.

Houve outro curso de graduação como primeira opção de vestibular?

Ainda tem interesse nesta opção?

Eu até pensei, mas depois quando eu fiz Biologia, eu tentei Farmácia na UEL, aí eu comecei a fazer Biologia, daí eu gostei do curso de Biologia. Eu tentei pedir transferência do curso de Biologia no primeiro período, aí depois eu desisti, eu não tentei mais pedir transferência interna, porque eu achei que eu me identifiquei no curso de Biologia e não me identificaria de Farmácia. Eu não voltaria para o curso de Farmácia, eu me identifiquei com Biologia.

Qual era sua relação com a disciplina de Ciências quando você cursava o Ensino Fundamental?

Eu sempre gostei muito de Ciências e Matemática. E da matéria de Biologia no Ensino Médio. Tanto Ciências e Matemática na 5ª a 8ª no Ensino Fundamental, quanto com Biologia no Ensino Médio.

O que o levou a optar pela habilitação em licenciatura?

Na época, eu não sei... eu sempre ouvia quando era criança, sempre meus pais falavam assim, que a mulher tinha que ser professora e sei lá, eu tinha um professor de Biologia que eu amava, adorava ele. Professor, que ele dava aula, brincando, e eu me identifiquei com ele. Ele serviu como modelo. Tanto é que depois eu encontrei com ele e ele falou, você foi escolher a minha profissão? Eu falei, por sua causa! E depois eu fui tentar fazer Farmácia. Aí não deu, eu fui fazer Biologia, que era a matéria que eu gostava, sempre fui muito bem em Biologia.

Como foi sua relação com o curso durante o período de graduação?

Ai, eu achei que foi eficiente. Eu gostei do curso. Na época, a gente reclamava de algumas coisas, ai falta isso, falta aquilo, mas depois que eu saí, eu achei que foi muito bom, precisa, pra gente dar valor no que a gente aprendeu aqui. Eu achei, que eu me senti preparada para o

que eu estava fazendo. E eu via colegas meus formados em outros lugares, que não tiveram a preparação que eu tive. Então, eu valorizei o curso que eu tive. Eu achei que eu saí melhor preparada.

Você pensou em trocar de curso? Quais foram os motivos?

Não. Depois que eu entrei em Biologia, não. No primeiro semestre só que eu tentei, porque as disciplinas eram semestrais, aí no segundo semestre eu tive a oportunidade, aí eu não quis mais. Tinha vaga e eu não quis mais fazer transferência interna. Eu gostei do curso.

Por que escolheu lecionar Ciências?

Eu prefiro Biologia. Aí quando eu consegui o concurso, com habilitação em Ciências, então eu comecei a trabalhar, me surgiram aulas de Biologia, mas eu passei no concurso do Estado de Biologia e Ciências, que eu nunca tinha dado aulas de Ciências anterior ao concurso. Aí quando eu prestei o concurso, eu passei nos dois padrões, em 93, antes as duas provas eram no mesmo dia. E eu passei no concurso de Biologia e Ciências. Então, quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a trabalhar com Biologia e Ciências. Quando eu comecei a trabalhar em Ciências só depois do concurso e anterior, eu trabalhava com Matemática na 5ª a 8ª Porque não sobravam aulas de Ciências, sobravam aulas de Matemática. Porque todos queriam pegar aulas de Ciências e não queriam pegar de Matemática, aí sobravam aulas de Matemática. Então eu pegava o que eles não queriam, eu pegava Matemática.

Como foi o início de sua carreira como professor? Teve dificuldades? Quais?

Tive. O primeiro ano que eu me formei em janeiro de 91, em janeiro de 92 eu peguei o meu certificado. Eu peguei em janeiro. Em fevereiro, eu consegui aula em colégio particular. Quer dizer, mal saí da faculdade, já consegui aula em colégio particular de Biologia. Passou um tempo, aí passou um ano inteiro pra eu conseguir aula no Estado, em novembro foi eleição e aí que eu fui conseguir a substituição de um professor candidato. Daí eu consegui aulas de Matemática. Foi assim que eu abri meu contrato. E aí no ano seguinte eu peguei 16 aulas só de Biologia, depois no outro ano eu peguei Matemática e Biologia. Daí, o governo me chamou, eu passei no concurso de 93, e o governo me chamou em fevereiro de 96. Daí até hoje eu trabalho com Biologia e Ciências. Daí, eu não peguei mais aulas de Matemática. Fiquei com Biologia e Ciências.

Depois dessa fase teve dificuldades? Quais?

Não. Eu estudei muito. A gente quando sai da faculdade, acha que sabe tudo, mas quando você pega conteúdo e vai para a sala de aula, você vê que você tem que estudar muito. Metodologia e conteúdo específico. Porque quando você chega na sala de aula, você vê que só conteúdo não é suficiente. Você tem que saber uma forma de trabalhar com o aluno. E daí você vai na tentativa e erro e você erra mais do que acerta. Então você tem que escolher uma metodologia, pra você poder trabalhar. Fiquei uns dois anos. No primeiro ano eu acho que eu já cresci muito. O primeiro ano eu acho que já foi uma experiência, assim que não sei, que a gente sai com muita garra da faculdade. Eu me virava em dez, mas eu tinha que fazer aquilo. Estudava e trabalhava. Então eu acho que em dois, três anos eu já consegui pegar o jeito da coisa e encaminhou, mas dizer que eu tinha dificuldades em dar aula eu não tinha. Dificuldades em chamar a atenção do aluno, em prender a atenção dele? Nem no começo eu tinha dificuldade de segurar a atenção do aluno. Eu tinha dificuldade talvez em achar uma forma de trabalhar em que ele aprendesse mais e melhor. Mas, a sala de aula estava em ordem, os alunos prestavam atenção, então, aí o primeiro ano foi desse jeito. Aí eu peguei uma metodologia e fui seguindo, devagarinho, a gente vai mudando, vendo coisas melhores, a gente vai atualizando, né? E estou me atualizando de novo.

A partir de que momento da sua carreira você pode dizer que passou a ter uma identidade própria como docente? Acha que ela ainda está em construção?

O primeiro ano foi muito difícil. Até tinha um professor que eu gostava muito em quem eu tentava me espelhar, meus professores, os professores que davam aula na escola, que eu comecei em colégio particular. Então, professores que davam aula na escola onde eu trabalhava, então eu perguntava pra eles, como você faz isso? Como você faz aquilo? Como você age dessa forma? E eles iam passando, porque já tinham uma bagagem que eu não tinha. Aí eles explicavam o que dava certo e o que que não dava. Certo, eu vou fazer assim. Então aquele primeiro ano foi decisivo. Eu não tinha vergonha de pedir ajuda. Eu achava dificuldades, eu perguntava. Tinha gente da mesma área, tinha gente de áreas diferentes. Mas a minha identidade, de professora mesmo, eu tenho um espaço garantido, eu tenho uma escola garantida foi com cinco anos quase. Eu criei meu espaço. Fique numa escola só. Porque senão você não tem identidade, ninguém te conhece. Acho que o professor quando ele muda muito de escola, ele não tem identidade e o aluno não conhece o professor, não conhece o estilo dele, não sabe como ele é. A partir do momento que você fica em um colégio, um ano, dois anos, três anos, você cria uma identidade os alunos te conhecem. Então, é diferente você

trabalhar quando você sabe como é o colégio, os alunos te conhecem, a direção te conhece. Agora quando você fica mudando de colégio em colégio, nunca cria uma identidade. Cada escola tem uma forma de trabalhar. Eu acho que o professor adquire assim uma estabilidade quando ele permanece em um lugar. Porque a clientela dele é uma clientela semelhante, mesmo patamar. Quando você muda de escola você pega centro, pega periferia, você, em cada lugar tem que trabalhar de uma forma diferente. Então, eu achei que quando eu me estabilizei, pra mim em termos de conteúdo, em termos de metodologia e mesmo o próprio trabalho, foi por volta dos cinco anos, quando eu fiquei em uma escola três anos e eu acho que eu consegui. E eu gostei. E hoje faz dez anos que eu trabalho na mesma escola, 40 horas. Então eu acho que eu tenho uma identidade maior, porque eu trabalho há dez anos na mesma escola.

Como é a sua carreira atualmente?

Olha, eu não tenho do que reclamar, porque alguns falam, ah, o professor ganha pouco! Ah, mas eu não acho que a diferença não é o salário. Podia ganhar melhor? Podia. Porque quando eu comecei a trabalhar, trabalhava em colégio particular, pagava um pouco menos que o Estado e a gente trabalhava igual. Então não é o salário. Hoje, eu to contente com a minha profissão, não me arrependo. Não sei fazer outra coisa, é o que eu gosto. E eu gosto é de sala de aula. Então, eu já fique em cargos uma época, mas eu não gosto. Eu gosto é da sala de aula com os meus alunos. Então eu me sinto realizada na profissão. Hoje tem aluno bagunceiro? Tem, isso é o que deixa a gente as vezes meio triste. Você tem um aluno excelente. Mas aqueles alunos excelentes acabam camuflando aqueles que não têm interesse, que te desestimulam. Mas eu não tenho do que reclamar. O dinheiro dá pra viver. Vivo numa cidade pequena, dá pra viver, me realizei profissionalmente. Hoje eu to estudando de novo, to fazendo o PDE, esse ano eu to afastada da sala. Então eu não tenho do que reclamar. Agora, o aluno dá trabalho? Dá. Mas que profissão hoje que não dá trabalho? É o fato de você entender, tem horas que você tem que entender, tem horas que você tem que brigar e vamos lá. Tem que ter amor naquilo que você faz. Você tem que fazer bem feito.

Tem planos futuros para sua profissão? Quais?

Olha, eu tenho 16 anos de carreira. Eu estou fazendo o PDE que é dois anos, o que para o Estado do Paraná equivale a um mestrado. Mas eu tenho interesse em fazer um mestrado mais pra frente. E na área de Educação. Com relação à escola, a gente vive fazendo capacitação, o tempo todo, uma hora um curso, uma hora outro. No meu caso eu não precisava de elevação

de nível mais, mas eu fazia. Tem gente que só faz pra elevação de nível. Já fazia quatro, cinco anos que pra mim não tinha mais elevação de nível, tinha curso eu fazia.

Você faz cursos para manter-se atualizado? Acha que vale a pena?

Já fez ou pensa em fazer mestrado e/ou doutorado para melhorar sua carreira docente?

Vale a pena. Você podia ter feito mais. Mas o pouco que você aprende já ajuda. Influencia nas aulas. Tem gente que fala, ah, mas aquele curso foi uma porcaria! Mas uma coisinha ou outra você sempre aprende. Que você está crescendo. Você tem que fazer, deve estar sempre se capacitando pra você melhorar. De repente, a pessoa chega em final de carreira, faz isso, faz aquilo, se desestimula e se entrega. Eu estava em final de carreira, eu não tinha terceiro nível, eu fazia todos os cursos. Fiquei cinco anos assim. Agora, tem o PDE, graças a Deus passei, estou fazendo, é uma capacitação. E depois do PDE tem capacitação pra elevação de nível. Então, eu nunca perdi uma capacitação. E mesmo depois de todas as elevações, eu continuei me capacitando. Eu acho que o segredo tá aí. Eu acho que você pode aprender só um pouquinho, mas um pouquinho, você sempre leva.

Que imagem você tem de si mesmo como professora?

Bem, meus alunos falam que eu tenho uma paciência de Jó. Assim, eu tenho muita paciência, com conteúdo, ah, não entendeu? Vamos de novo. Eu faço aula prática. Pego e levo para o laboratório, pra ver alguma coisa. Saio na cidade, e eles gostam disso. Não vou dizer assim uma professora nota 10, mas uma boa professora. Assim, tenho muita paciência com eles. Levo muito em conta como eles são, tipo de cada um. Às vezes eu não sei o que ele tem, aí eu pergunto, e uma resposta, eu pergunto pra quem conhece, ah, o que aconteceu com fulano? Eu acho que eu sou muito compreensiva. Contorno. Se eu vejo que o aluno não está bem, eu tento chegar nele de alguma forma. Mas em termos de conteúdo eu me saio bem e essa parte mais relacionamento com eles, eu também tento ter. ah, não está bem? Por que que não está bem? Vamos descobrir? Está acontecendo alguma coisa? Tem algum problema? Acontece com todo mundo? Acontece comigo? Se acontece só comigo, vamos resolver. Eu tenho consciência. Tem que ter o professor, está mal comigo, então tem que descobrir por que. Não está bem comigo? Então não é com todo mundo. Então vamos lá ver. De repente, tem um problema. De repente eu posso ajudar e aí ele melhora. Eu acho que nesse ponto eu sou muito compreensiva. Olho muito o aluno, como ele está no momento. Conteúdo eu acho que eu passo muito bem pra eles, não vou falar que é 10, mas...

Que imagem você espera passar ou acha que passa aos outros como professor?

É essa a imagem que eu quero passar pra eles. De repente eu entendo o que eles têm. De repente eles não estão rendendo pra mim porque eles têm algum problema. Se eles têm algum problema, eu ajudo.

Como é a sua relação com seus alunos?

É boa. Encontro meus alunos direto. Alguns me chamam de tia, embora eu dê aula pra eles no Ensino Médio, eles me chamam de tia. Eu acho assim, eles me conhecem há quantos anos? Tem aluno que eu dou aula há dez anos. Que eu peguei lá na quinta série e que eu vou ver ele lá no terceiro ano do Ensino Médio. Então é uma pessoa que me conhece desde a quinta série, há oito anos. Então ele já conhece. Ai, a senhora vai dar aula pra mim? Eu digo, vou. E a impressão que eu quero passar pra eles é tranquilidade, assim compreensão, e tentar passar a matéria da melhor maneira possível e me preocupo quando não tá entendendo, por que que não está entendendo. Tento passar pra eles também conhecimento de vida, que a gente tem mais do que eles. Então, a gente leva um texto pra eles sobre melhoria de qualidade de vida, pra estimular, porque as vezes eles são muito incrédulos com o futuro, eles não têm esperança de futuro. Aqueles alunos que, por exemplo, turma do noturno, uma das mais difíceis de trabalhar, porque eles vêm desestimulados por causa do trabalho, tem outros que não trabalham nem nada e vêm mais desestimulados do que aqueles que trabalham. Então têm turmas, que parece que eles não têm uma expectativa de futuro. Então eu tento falar pra eles que cada um faz o seu futuro. Eu trago textos que envolvem essa parte, os que motivam, motivação, ou eu vejo um notícia que eu vi no computador, na internet, e eu levo, eu li isso. É interessante, vamos discutir isso. Só quinze minutinhos da aula a gente discute isso e passou. É bom, pra eles terem uma esperança.

E como é a sua relação com os pais de seus alunos?

O aluno começou a se comportar de maneira diferente, ai eu peço pra chamar os pais, e quando eu posso, eu comento, o que é isso? O que que está acontecendo? Chamo o pai, chamo a mãe. A nota não tá legal. Aí eu chamo o pai pra perguntar o que que está acontecendo. Eu sempre chamo. Se o aluno reprovou, o pai dele sabia muito bem que ele ia reprovar. Porque eu chamei primeiro. E outra, eu coloco na lista de chamada, tal atividade, e o aluno assina embaixo que ele não fez. E eu chamo o pai pra ele assinar junto. O pai viu, olha, seu filho perdeu 20 pontos, 30 pontos, 40 pontos, 50 pontos porque ele não fez. Ah tá. O pai vem, no outro bimestre eu chamo novamente. Então, quando o filho acabar reprovando, o pai

tem consciência do por quê o filho ta reprovando. O pai é chamado na conclusão do primeiro bimestre, na conclusão do segundo, na conclusão do terceiro e depois no quarto. Então, o pai assina junto. Então, ele tem consciência de como é que ta o filho dele. Então se ele puder, se ele tiver consciência e ajudar em casa, o filho dele vai melhorar. Ele vai cobrar. É um caso ou outro quando acontece. E às vezes o comportamento, ele fica agressivo, está fazendo muita bagunça, atrapalha os outros. Eu chamo o pai. A gente conversa. A gente vai na supervisão, conversa. Eu não sou muito a favor de deixar a supervisão falar com o pai. Então, quando o pai vem na escola, gosto de eu falar, porque eu sei o que está acontecendo. E sempre com o filho junto. Porque se ele falar, ah, não é verdade! Eu quero ver ele falar na minha cara que não é verdade. E se a supervisão falar, vai dizer, mas o professor está errado. Eu gosto assim. Quando eu chamo o pai pra conversar, eu chamo junto com o filho. Se o filho tiver algum problema, ele tem direito à defesa. Não, a professora ta mentindo, eu também tenho direito à defesa. Está mentindo? Então está aqui. Chamo o colega, ah, é verdade. Também nunca tive um aluno que tivesse coragem de falar na cara do professor que era mentira. Geralmente eles concordam. Então, se falar, geralmente tem quem falar que é mentira. Então, eu tento fazer isso. Todo bimestre dá trabalho, tem que fazer registro lá no final, mando chamar o pai. Porque quem está passando o problema sou eu, não é a direção nem a supervisão.

Qual é a sua opinião sobre a parte burocrática da sua profissão?

Não me incomoda. Pelo contrário, se for pra melhorar e fazer aquele aluno melhore, eu preencho quantos papeis for possível. O aluno está faltando demais? Eu já aviso. Eu faço chamada todos os dias. Olha, o fulano faltou dois dias seguidos, três dias seguidos. O que que está acontecendo? Então, preciso preencher, ó ta doente? Então essa consciência, que está faltando três vezes seguidas, eu não dou aula três dias seguidos. De repente, ele faltou a semana. Fulano está faltando. Ó, está doente, está com algum problema? Converso com os colegas. Ah, está doente. Quanto a isso, eu não me incomodo de preencher papel. Eu faço o que tem que fazer. Eu gosto de eu conversar com o pai do aluno. Porque que a supervisão e o pai do aluno vamos poder resolver se for o caso.

Como é a sua relação com os membros da direção, orientação e supervisão da(s) escola(s) em que leciona?

Essa relação influencia suas aulas?

Tem só que com relação... quem cuida dessa parte é a supervisão. No começo, tinham reuniões, e ah, o pai falou isso. Eu não estava lá pra me defender. Ou então, ah, o pai vai falar

o que o aluno falou. E já teve escola do supervisor falar o que não é verdade. Era dor do aluno, tem escola assim. O supervisor pode estar junto, o diretor, eu não me importo. Mas eu gosto de conversar com o pai. Porque se o pai falar, mas o pai falou isso, quem vai falar que é mentira? Aí chega o pai em casa e o pai vai falar, mas isso não é verdade. Então, de uns anos pra cá eu converso muito com o pai e o aluno juntos, e direção, supervisão, quem quiser. Mas o aluno e o pai juntos, pra evitar conversas. Então, pra gente é melhor. O aluno faz uma coisa, você fala outra e ninguém fica sabendo. Você é responsável pelo que você faz. Aquilo vai ter reflexo em outras turmas. Eu tenho um nome a zelar, então eu gosto de conversar com o pai e com o aluno. Pode estar a direção, eu não tenho problema com a direção não. Depois lavra alguma coisa. Porque eu quero ter o direito à defesa e ele ter direito à defesa, é uma coisa justa. Eu acho. Eu já passei por isso. Eu falo uma coisa, o pai fala outra, a supervisão fala outra e fica o dito pelo não dito. Ninguém esclarece, eu fico achando que o pai está errado, o pai fica achando que eu estou errada e ninguém resolve nada. Ficou por isso. Morreu ali. Não acho que eu tô errada, não é bem assim essa história. Eu tenho um nome a zelar, eu falo uma coisa, o aluno fala outra, então, vamos juntos. Agora, fala na cara, é mentira ou é verdade? Aí se eu tiver errada, eu tenho que assumir o meu erro. Não tenho vergonha de assumir. Não, fiz, fiz, tá. Agora, fulano fez, não tenho vergonha de assumir, o erro que é meu e o erro que é dele. Eu acho que a gente tem que ter essa consciência pelo menos. Eu posso estar errada, mas é assim, eu aprendi a ser assim no decorrer da carreira. Eu já trabalhei em muitas escolas, uma diferente da outra, tem escola que ficou o dito pelo não dito. E assim eu sei que ta resolvido.

E com outros professores, vocês trocam informações sobre as aulas, sobre os alunos?

Olha, eu acho assim, na profissão tem muita inveja. Muitas vezes um quer fazer assim, o outro comenta. Eu gosto de falar ah, hoje eu fiz assim e deu certo. Mas tem outros que não gostam de falar e guardam pra si. E tem gente que gosta de falar. As vezes eu acho que o professor tinha que conversar mais. Tinha que ter hora-atividade junto na mesma área. Mas por causa de horário isso nunca funciona. Porque por exemplo, colocar os professores de Ciências naquele horário, que é o correto, que é o que a lei manda, mas horário nunca dá certo. Você discute problemas, você vê na matéria. O que eu fiz dá certo, o que eu fiz ajuda, mas tem gente que segura o que faz.

Você acha que isso influenciaria nas aulas?

Influenciaria. Porque eu acho assim, eu fiz uma coisa que deu certo, eu passo pro outro. Deu uma coisa certo, vamos passar. Mas tem gente que segura só pra ele. Agora de conversar a respeito de aluno, é comum. Ah, fulano está assim com você? Está. Na hora do recreio, as vezes uma aula vaga, que você está ali com a pessoa. Tem aquela hora-aula, de outra área, você pergunta, fulano está assim com você? melhorou? A gente troca informações, pra poder, pelo menos a gente sempre pergunta. Às vezes eu não estou vendo, eu vou na supervisão e está acontecendo alguma coisa. Pergunto quando eu vejo um aluno que não está bem comigo pra ver se é só comigo. Se é com todo mundo, daí é diferente. Se não é diferente, vou descobrir se é comigo, se é com a matéria, se as vezes eu falo de uma forma que ele não ta entendendo. Agora se é com todo mundo, acho que todo mundo tem que descobrir qual é o problema, às vezes é em casa o problema. Aí eu pergunto, e o professor responde, ah, ele é meu vizinho, está com isso e com isso, daí a gente contorna, releva certas coisas, pra gente poder melhorar. Então isso eu faço muito. Então, troca de informações, a gente não tem esse espaço pra ter essa troca de informações. Deveria, mas a gente às vezes troca mais com outras disciplinas, porque a sua hora-atividade bate mais com outras disciplinas, então você conversa, às vezes até uma metodologia que dá pra usar. Principalmente na mesma área.

Você realmente gosta de dar aulas?

Eu gosto. Tanto é que eu já tive oportunidades de ir para a direção, direção auxiliar. Eu não quero direção auxiliar. Eu quero a minha sala de aula, que é o que eu gosto. Quando eu tive que ir pra essa cidade aonde eu estou, eu tive que ir pra documentação, porque não tinha vaga para professora, tinha vaga para documentação. Que era cargo político. Não tinha vaga. Eu fiquei três anos na documentação até abrir uma vaga pra mim. Quando abriu eu saí e não quis mais. Aí ano passado de tanto que o pessoal falou pra ir pra direção auxiliar, vai, vai, fui. Não adianta, não é a minha praia, não é isso que eu gosto. Eu gosto da sala de aula com o meu aluno. Tem hora que a gente se estressa, tem hora, que eu fico nervosa, eu saio revoltada da sala de aula, mas é o que eu gosto.

Você sente-se preparado(a) para dar aulas?

Eu me sinto preparada. Tem horas que você tem desilusões na sala de aula. Que você pega turmas que você sai de lá achando que é a pior pessoa do mundo. Eu acho assim, têm turmas e têm turmas, e têm turmas que é uma benção. Tem turmas que você sai assim, meu Deus, eu não ensinei nada. Eu não consegui nada. Nessas horas dá um desespero. Se eu tivesse outra

opção eu largava. Mas daí você tem as outras turmas que valem a pena. A gente reclama que os alunos são barulhentos? São. Já tem problemas de calos nas cordas vocais por causa disso. São barulhentos? São. Tem turmas que não valem a pena, mas tem outras que valem. E outra, a gente também, esses trabalhos a gente tem que trabalhar. De repente, tem melhores, têm outros que não é. Mas eu acho assim, pra mim, é o que eu gosto. Tem hora que eu me frustro com algumas coisas? Tem horas que eu fico frustrada? Fico. Toda profissão é assim. Toda profissão se frustra. Um dia, uma hora, só que vamos retomar e vamos embora de novo. Pode ser que aquela turma nunca consiga o resultado que eu queria? Pode. Mas eu também não posso por na minha cabeça que eu sou culpada de tudo aquilo. Isso eu aprendi. Hoje eu aprendi. Tem coisas que são problemas meus. Antes eu sentia assim, será que eu não consigo, mas não era eu, a maioria não conseguia. Então não era só você. Era um problema da maioria. Então, hoje eu não fico tão preocupada como antigamente. Hoje eu me preocupo quando eu vejo que é só comigo, mas quando eu vejo que é com a maioria, eu tento fazer a minha parte. Eu vou contornar de outro jeito, pra ver se melhora, talvez eu vou lá e pergunto, o que eu vou conseguir fazer. Quando eu passei pela sua sala você tava conseguindo fazer tal coisa. Vai lá e faz. Eu vou lá e faço. Porque eu tinha ano retrasado. Porque eu tinha uma turma a noite, no primeiro mês de aula, eu saía pesada. Eu me sentia acabada, porque eu saía da sala de aula e não conseguia dar aula. Eu falava, falava, fazia aula prática e ninguém se interessava. Daí eu saía um dia mais frustrada que o outro. Daí um dia eu vi a professora dando aula lá. Aí eu pensei como é que com eles ela ta fazendo? Daí eu peguei depois, e assim que eu encontrei a professora, eu perguntei, o que é que você fez naquela sala? Eu não consigo. Eu trabalho desse jeito, aí ela explicou, tem que ser em grupo, individual não, tem que ser em grupo. Pega e dá um trabalho, um texto pra eles discutirem, abre. Só em grupo, um ajudando o outro e você cobrando e andando. Não é uma sala normal. Eu não conseguia também. Falaram pra eu fazer assim e deu certo. Só em grupo. Ia trabalhar com texto, que tinha trabalhado com outra turma e era assim, funcionava, noturno. Porque se você fosse dar aula, falar muita coisa, eles estavam cansados, então, eles não rendiam. Era muito apática e aí eu vi retorno. Mas tem turmas que não vai, não vai. Você tenta de um jeito, tenta de outro, tenta de outro. Eu aprendi a tirar um pouquinho das minhas costas. Sou eu, sou eu. Tem que tirar um pouco das costas da gente. Tem que ver que as vezes o sistema não ta funcionando, não sou só eu, só eu. É o sistema, é o lugar onde ele vive, é o lugar de onde ele vem. É a situação social que ele vive. Então não sou só eu. Eu posso ver a minha parte, a outra parte eu não posso. Hoje eu tenho essa consciência. Quando eu comecei a trabalhar eu fiquei em parafuso porque eu achava que eu tinha que resolver. E hoje eu vejo que eu não tenho que resolver os problemas do mundo.

Eu tenho que resolver dentro da sala de aula, dali pra fora, não é problema meu mais. Então, separei essa parte da minha vida. Trabalho, vamos trabalhar junto, belezinha, normal, mas e tentar resolver o que está errado lá dentro. Mas eu não me sinto mais tão mal quanto eu me sentia antes. É raro eu sentir isso numa turma. Acontece. As vezes passa dois, três anos sem eu sentir nada disso. Mas as vezes acontece esse tipo de coisa. São alunos agressivos, rebeldes, chegam na sala de aula drogados. É complicado trabalhar com alunos assim. Hoje ele ta excelente, amanhã ele está derrubando tudo, até bater em você. Não é probleminha, é problema.

Observando os alunos atuais e aqueles de quando você começou sua carreira, acha que eles eram mais comportados do que atualmente?

Vixi, água e vinho. Quando eu comecei a trabalhar, os alunos ouviam, faziam, prestavam atenção, entregavam trabalho no dia, estudavam para as avaliações, estudavam mesmo, na raça, viam, prestavam atenção na aula. Era uma benção. Era assim, 16 anos atrás, era uma benção. Hoje, você tem que se virar em 10 lá na frente pra chamar a atenção deles. Antes com pouca coisa você chamava a atenção deles. Essa mudança no começo foi aos poucos, mas de uns cinco anos pra cá foi explosiva. Em cada ano que passa você se assusta, porque a coisa é pior. Isso tá piorando, a gente comenta, e os outros que tem mais tempo que eu, contam. Então de uns cinco, seis anos pra cá, explodiu. Em cada ano, por exemplo eu fique esse ano fora da sala de aula, ano que vem eu vou sentir a diferença. A mudança é muito grande.

Mesmo com os alunos tendo hoje televisão, internet, mais informações do que tinham antes?

Não. Porque o aluno tem o acesso à internet, mas pra jogar, pra conversar. Então, você vê lá, eles estão na *lan house*, as vezes eu dou uma olhadinha. Na sala de aula eles falam é de jogo, conversa, coisas assim na internet. Eles não vão procurar uma notícia, um conteúdo, um conhecimento. E não é assim, é falar é 20% não, é a maioria que não procura na internet conhecimento. Eles estão na internet procurando joguinhos, lazer. Conversam muito MSN, muito Orkut, coisas assim. Falar que eles estão procurando muito conteúdo, muito conhecimento, não estão. Tanto que é que eles ficam o dia inteiro na *lan house*. Vocês gostam tanto de internet, então eu vou pedir uma coisa pra vocês procurarem na internet. A desculpa é que eles não têm computador, não têm internet em casa, não têm dinheiro. Mas se você passa, estão lá na frente jogando, estão conversando com alguém no MSN. Então, o computador ajudou? Depende, da maneira que você olhar. Eles são espertos, conhecem computador em

tudo. Se você perguntar de informática pra eles, eles te dão um show, só que eles não estão procurando informação, eles não estão procurando melhoria, joguinho, é conversa. Então, o computador, no final pode ser uma arma, como pode ser uma coisa boa. Eu acho assim que os alunos ficam horas. Você chega lá eles estão no computador há horas. Eu sei que eu tenho filhos, você chega lá eles estão com MSN três, quatro pessoas conversando ao mesmo tempo. Eles são capazes de ficar ali três horas, quatro horas. Mas se você perguntar você já fez o seu trabalho, não! Isso é dentro da minha casa, não é lá fora. Isso é na minha casa, tenho dois adolescentes. Ah, mas não ensina? Eu to ensinando, eu to orientando, mas eles são assim. Por mais que você fale. Claro, controle o tempo, controla o uso do computador. Mas isso é hoje. Então os novos alunos hoje, eles têm a internet? Têm, mas não é pro estudo. Tem um ou outro que usa? Tem. Mas é a minoria. Eu já tive alunos que procuram mil e uma informações na internet e pra você discutir na sala de aula é uma benção. Mas isso é uma porcentagem muito pequena. A maioria hoje usa a internet e o computador pra conversa, lazer, brincar, joguinho, esse tipo de coisa, não como um material de estudo, não como uma pesquisa, nada. E outra, quando é pesquisa é até triste de ver porque eles vão lá copiam, colam e entregam pra você. Nem leu. Então eu acho sim, eles pedem dinheiro pro pai pra fazer um trabalho, eles vão lá imprimem e o resto do tempo o que eles ficam fazendo? Jogo e brincadeira. Talvez hoje que chegou nas escolas os computadores, hoje quem sabe, com TV *pen drive*, só ano que vem que eu vou trabalhar dentro da escola no laboratório de informática que eu vou ver. Então dentro da escola, de repente, porque meu projeto é com essa parte de laboratório. Dentro da escola tudo bem. Mas se você falar pra ele usar na vida dele, dentro da casa dele, não estão comprometidos com a aprendizagem não, no computador e na internet não. É raro. É aquela minoria que sempre foi boa a vida inteira, e é uma minoria, que gosta de procurar, de entender, de perguntar. Mas eu tive sala assim, que 90% é jogo, MSN, Orkut. Acho que até piorou, então pra ele fazer um trabalho ele lia, resumia, hoje ele nem resume mais. Hoje eu peço trabalho manuscrito, não aceito trabalho impresso, pois eles vão ter pelo menos o trabalho de copiar e ler, ou ao menos de copiar, senão, nem escrever eles treinam. É errado, eu acho, com a tecnologia que nós temos, né? Se eu falar assim, pode ser impresso? Pode. Chega lá copiou, colou, me entregou. Não copiou nada. Então eu acho que tem aluno que dorme na sala de aula porque ficou até de manhã na internet, porque ficou até três, quatro horas da manhã na internet. Mas o que você tava fazendo na internet? Eu tava conversando com fulano, com sicrano. Mas você conhece? Não, é lá do nordeste, é lá de Natal, é do Rio Grande do Sul. Só que ele nunca viu na vida dele. Ele encontrou na internet e fica lá conversado. Então, chega na sala de aula e ainda dorme. Porque ele não dormiu, ninguém controlou ele,

ninguém deu horário pra ele dormir. Nossa, chega na sala de aula, você vai perguntar, ah, ficou na internet. Ai, eu fiquei na internet até uma hora da manhã. Então, eu acho assim, fica alienado. Não joga bola. Pra aqueles que tem um computador em casa, é raro aquele que vai jogar bola, que sai na rua brincar, e fica o dia inteiro na frente do computador. E isso, numa sala de 30, tem seis que têm computador em casa, cinco estão assim. São poucos que os pais controlam, não você vai ficar até tal hora, depois você vai estudar. Controla o horário dele pra ele estar ali. É raro o pai que faz isso. Teve um aluno que o pai correu pra escola com o menino passando mal, foi, levou para o posto, estava com pressão baixa, foi ver. Por quê? Não tinha jantado, ficou até quatro horas no computador, o pai tinha feito levantar cedo e ir pra escola, estava passando mal de sono e tava na sala de aula dormindo e não se alimentou direito. A internet para esse tipo de aluno, piorou, a aprendizagem era pra ser nota 10, mas não é.

Você acha que os professores recém-formados são ou estão mais motivados ou mais preparados do que você para ministrar aulas? Por quê?

Vejo muita diferença. Professores recém-formados a impressão que dá é que dão aulas, não tem experiência, não tenta pegar uma experiência, não pergunta pra ninguém, é que se dá, não todos, nota dez o trabalhinho que faz com os alunos. Bonito o trabalho. Mas eu te falo que a maioria tá querendo serviço e dinheiro. Parece que já vem desestimulados, já vem desmotivados. Eu quando comecei a carreira, eu queria virar o mundo, queria fazer e acontecer, e com o tempo, você vai perdendo o gás, não é mais daquele jeito, mas você adquire maturidade, uma coisa via contribuindo pra outra. Agora eu vejo, eles já estão começando sem garra, eles já não tem aquela vontade, se fez, fez, se não fez, não fez, não vai tentar descobrir o que tá acontecendo. Não tentam procurar uma coisa diferente pra fazer. Eu acho que já estão vindo pra escola, não digo todos, mas a grande maioria já estão vindo desestimulados, de repente estão ali e não gostam do que estão fazendo, porque hoje não são todos os que gostam do que fazem. Alguns estão ali por causa do salário, claro, eu também estou ali por causa do salário, mas eu tenho que tentar fazer o meu salário ser de verdade. Eu trabalho bem, por isso é que eu tenho o meu salário. Mas eu vejo que a cada ano que passa, eles estão vindo menos preparados e mais desmotivados. Eu acho que eles chegam sem conhecimento de nada, bem perdidos. Não sei se hoje a gente tem mais experiência e vê isso e antes a gente não tinha tanta experiência e não via isso. Sei lá, a impressão que dá é fui lá fazer o meu trabalho, fiz e acabou. Não tem compromisso com a escola, um compromisso com aquilo. Os professores mais antigos, a gente percebe um compromisso com a escola. Não

eu vou ajudar a escola. Eu vou fazer pela escola. Então, pensa no todo. E os professores novos não, vão lá, dão a aula deles, e pronto, não têm compromisso com a escola. De fazer uma atividade dentro da escola. A direção chama, não quer fazer, não ganho pra trabalhar no final de semana, não ganho pra fazer isso, meu horário é tal, então hoje, eu to vendo isso. Acho que hoje tem uma falta de compromisso do aluno, que está chegando na faculdade com a mesma falta de compromisso. É uma mudança de estilos, que está vindo, que já está chegando na sala de aula. O nosso aluno não tem mais compromisso, ele chega na faculdade, do mesmo jeito. Estava vendo uma professora, que falou, me reconheceu, e disse, que época boa de dar aula! Época gostosa! Aqui na faculdade. Hoje, você pensa que eu dou aquelas aulas que eu dava antes? Não, eles não querem saber de nada. Então tem horas que eu fico até desestimulada com isso, ela me falou. Então eu acho que essa clientela, que ta vindo desse jeito, chega aqui não muda, não ta vendo isso aqui como uma profissão, e ele sai daqui, ele sai despreparado, ele não ta saindo, ele entra sem a consciência de que aquilo vai ser a profissão dele, então ele tem que ser bom naquilo, disso vai depender o futuro dele. Se ele leva naquele oba, oba, naquela brincadeira, quando ele chegar lá, ele precisa e não tem. Ele precisa do conteúdo que ele deveria ter aprendido e não tem. E ele também não tem vontade de procurar. Eu acho que hoje lá na escola que a gente vê que foi fruto do que foi passando. E na faculdade, eu comentei com ela, e os nossos melhores alunos entram lá. Estão assim? Imagine se chegasse na faculdade aqueles que têm os problemas maiores na escola, como é que seria? Eu até fiquei assim, você já pensou nisso, como é que é o aluno que nós temos lá? Se aqui você ta desse jeito, os nossos melhores vem pra cá. Eu fico pensando nisso, e de repente, eu acho que essa falta de compromisso, vem aí, na faculdade, que é profissão, não tem compromisso. Não ta estudando como deveria, não está se preparando pra uma prova, nada. Daí ele chega lá, e que profissional que ele vai ser, desse jeito aí também. E aquelas, os bons vão ficando. Tem professor novo lá, que é um show, mas é raro, de cada 10 é uns dois e olhe lá. Tem uns que a gente fica contente de ver, tem uns que você vai oferecer uma ajuda e não quer nem saber. Nem pede, se oferece, não quer também. Então, ele não tem compromisso.

Em algum momento sua vida pessoal influenciou sua carreira docente? Quais os efeitos?

Tem, sempre tem. Embora eu já passei por uns problemas sérios. Eu na sala de aula eu fazia assim, mesmo não tem como falar que não interfere. Eu tive meus problemas, e estava lá na minha casa os meus problemas. Eu ia pra escola e tentava deixar do lado de fora. E trabalhava, e nunca fui de descontar problemas em alunos. Ele não tinha culpa daquilo. Mas de repente, deixou a desejar, não de ser estúpida, bruta, porque acho isso horrível, eu sempre

tentei deixar lá fora e às vezes eu me sentia bem porque esquecia o que tinha lá fora. Na hora que eu chegava lá fora, eu lembrava que não estava bem. Mas eu tentava fazer ao máximo, me esforçar ao máximo pra esquecer o que tinha lá fora e não levar lá pra dentro, tentava ao máximo, só que as vezes você deixa a desejar, porque você não teve tempo de preparar o que você queria, né? Mas levar o problema, pra descontar em aluno? Eu não aceito quem faz isso. Eu não gosto de professor que hoje está ótimo e amanhã tá virando a escola de ponta cabeça. Eu não tenho culpa, nem o aluno tem culpa do que aconteceu na casa dele. Trabalho da escola fica na escola e trabalho de casa fica na minha casa. Então eu penso assim. Agora, as vezes eu posso ter deixado a desejar, porque naquele horário, de repente, não podia estar lá, de repente, eu tinha que ir para o conselho, e naquela hora eu não podia estar lá. Aí eu acho que eu posso ter deixado a desejar. Pode ter sido uma vez ou outra, mas eu também sempre evitei. Aí eu poderia ter preparado, mas eu não tive o tempo pra preparar aquilo. Agora, eu sou contra quem leva pra sala de aula o problema e desconta no aluno a raiva dele de dentro de casa. Isso eu sou contra. Eu posso até ficar quieta. Brincar mais na sala quando eu to bem, eu gosto de brincar com os alunos e o dia que eu não estou bem eu não brinco, e o dia que eu estou mais quieta eu não gosto de ofender ninguém, porque eles não têm culpa dos meus problemas e eu gosto de deixar eles lá em casa. Se é na escola o problema, o problema é lá na escola, eu não vou levar pra minha casa pra brigar na minha casa. E se é na minha casa, eu não vou brigar na escola. Não é todo mundo que consegue. Tem dia que eu consigo, tem dia que não, mas é o que eu tento fazer. E eu acho que os alunos não têm culpa dos problemas de ninguém, às vezes eu fico mais quieta, professora, está quieta? Ah, hoje a professora não está bem, está com dor de cabeça, mas dentro da minha aula. Mas descontar no aluno não. Por exemplo, tem gente que explode com aluno, e o coitadinho fica só olhando sem saber por quê. Não concordo. Como eu tenho meu filho, não gostaria que fizessem isso com ele.

Já passou por algum momento de crise ou de desgaste na sua carreira?

Essa fase passou? (Você acredita que ela chegue?)

Olha, eu já tive um ano, que eu fiquei assim. Foi um ano que eu tive problemas com direção de escola. Daí aquele ano, foi um ano que eu fiquei com vontade de sair daquela escola, não da minha carreira, não da minha profissão, mas sair da escola que eu tava. Porque a cabeça não batia, não tinha jeito. Aí não ia, não ia, aí sim. Sempre influencia nas aulas, porque gera um problema dentro da escola. Mas era um problema geral, não era comigo, era com 90% da escola. Foi um ano que quem elegeu a direção foram os pais de alunos, que os professores e funcionários não chegaram a 10% dos votos. E foi voto dos pais. E não falava a mesma língua

dos professores, então, prejudicou as aulas. Acho que todo mundo trabalhou desestimulado, não fui eu que perdi, foram os alunos, foi a escola. Daí no outro ano, a gente tentou, o pessoal mais antigo ia nas reuniões, vamos gente, vamos tentar relevar, vamos conversar, vamos tentar o diálogo. Mas enquanto não passou aquela fase, foi um ano, aí a diretora saiu, aí ela ficou afastada. Aí depois de um ano ela voltou, aí ela voltou diferente. Acho viu o que na cabeça dela ela errou e a gente também viu o que errou. Mas teve um ano que eu ia trabalhar com vontade de ficar em casa. Chegava pesada na escola com vontade de não trabalhar. E mal ou bem influencia, porque o problema está dentro da escola, não está na tua casa, do lado de fora. Lá dentro, o tempo todo você está sob tensão, o tempo todo está... aí vem fofoca, vem problema, vem tudo, um ano. Foi só aquele ano. E achei interessante que ela ficou afastada só um ano, e aquele ano que ela ficou afastada, ela voltou diferente, maleável, não linha dura, que não tinha diálogo com ninguém. Daí acho que ela viu onde errou, nós também demos espaço. Um acabou confiando no outro, e passou-se dois anos, três anos lá e acabou. Mas aquele ano foi um ano difícil, mas dentro de escola. E foi por isso, porque professores e funcionários foram contra e não conheciam. Era uma pessoa linha dura demais, que não entende ninguém, que não tem coração, e os pais por causa de política, elegeram a pessoa. Final de eleição, aquela coisa e elegeram a pessoa. E daí nós já sabíamos que ia ser daquele jeito. Então foi um ano que prejudicou todo mundo, professor, aluno, tudo, direção, só, foi a única vez. Pra mim foi a única vez e eu nunca tinha vontade de desistir, da minha profissão não, tinha vontade de mudar de escola. Não tinha outro município pra eu poder ir, só por isso, mas falar que outras coisas, não.

Você acha que os outros professores com o mesmo tempo de carreira que você passam pelas mesmas dificuldades que você passou ao longo da carreira?

Isso seria um aspecto comum na carreira docente?

Eu acredito, porque em termos de profissão, desde o começo da carreira, épocas diferentes, dificuldades diferentes, mas ela sempre vai passar por coisas parecidas, eu acredito, porque no decorrer é muito tempo, são muitas gerações que vão passando, são muitas mudanças. E hoje é muito acelerado, hoje por mais que você se capacite, você está sempre correndo atrás. Hoje é diferente. Quando eu comecei parecia que não, que era sempre a mesma coisa. Hoje não você corre, corre, e por mais que você corra, está sempre lá na frente, não alcança. Então, eu acho que hoje a dificuldade é maior. Mas eu acho que todo mundo tem as dificuldades em épocas diferentes, mas elas são semelhantes, mas todo mundo tem. Num dia está triste, no outro dia é o outro, no outro dia está contente, aí foi lá e deu certo. Outro dia está triste porque

fulano respondeu, porque fulano maltratou, são semelhantes os problemas, as mesmas gerações, as diferentes. Problemas todos têm. Num dia está melhor, num dia ta pior, mas todo mundo tem.

O que o manteve na carreira docente até hoje?

Eu gosto, mas tem hora assim que os alunos nos deixam assim mais eufóricas. Amor à profissão.

O que mais o estimula a continuar na carreira docente?

O aluno nota 10.

E o que mais o desestimula?

Os drogados.

Mais é sempre o aluno, o mais estimulante e o mais desestimulante?

O aluno, porque pra mim é o aluno, o que estimula ou não.

Qual é a importância de ser professor para você?

Importância? Eu gosto de fazer, de tentar fazer um trabalho bom e tentar fazer a diferença. Por exemplo, encontrar um aluno meu daqui, como já encontrei, e ele olhar pra mim e dizer: oi, você foi minha professora. Eu estou fazendo tal coisa, eu me formei em tal coisa. Tem aluno que é médico, tem aluno que é farmacêutico, professor. Tem aluno que eu dei aula, quando eu olho de repente, está lá comigo na sala de aula dando aula, ali junto, e estagiário meu. Então o que me alegra na minha profissão é isso, é amanhã ou depois, ele me encontrar e me falar, você foi minha professora, que lá onde eu moro, eu vejo, eu acompanho e olhar pra ele e falar assim, um pouquinho dele é meu! Isso me anima, me estimula a continuar. Daí quando eu vejo aquele aluno que não deu em nada, eu falo ó, a aula que eu dei pra ele foi a mesma que eu trabalhei com o outro, mas o outro fez, subiu, cresceu, aproveitou as oportunidades que a vida deu. E o outro não aproveitou nenhuma. Então, o que me anima, é ver aquele aluno que deu certo. Um pouquinho dele é meu. Daí um pedacinho dele vai lembrar de mim em algum lugar. Quando ele me encontrar na rua, ele vai falar, ah, você foi minha professora, eu te adorava! Ah, eu fiz Biologia por tua causa. Já tive cinco alunos meus, têm três fazendo Biologia agora, um ano, um ano e pouco agora. E eu já encontrei aluno meu que disse, eu fiz Biologia por tua causa. Outro dia em Mauá, há quanto tempo, ele me falou já

faz cinco anos que eu dou aula de Biologia. Então tem esse professor que eu adorava, excelente professor, ele não dava aula, ele cantava.

Se tivesse que optar por outra carreira continuaria no ensino?

Eu acho que não, eu acho que hoje se eu fosse, hoje não. Acho que depois que eu me aposentasse eu faria outra coisa, mas hoje eu não queria trocar de profissão, seria fazer o que eu gosto. Se fosse relacionado hoje, aí eu vou sair da educação, mas eu vou fazer alguma coisa relacionada a ela. Não sei.

Você consegue “predizer” como será o fim da sua carreira?

Acho que eu teria a sensação de dever cumprido, de ter feito a diferença na vida de algumas pessoas. De ter feito o melhor que eu pude fazer.

Transcrição da entrevista D

Há quanto tempo você atua na atividade docente?

16 anos.

Qual é a sua formação?

Em Ciências Biológicas.

Houve outro curso de graduação como primeira opção de vestibular?

Farmácia eu queria. Sempre gostei da área de Farmácia. Gostei, mas não consegui passar não. Aí, Biologia me encantava, porque Farmácia e tudo. Eu tentei, mas sempre pensei em entrar em Biologia, como um trampolim para Farmácia. Aí eu tive a intenção de fazer a transferência interna na época. Aí eu gostei do curso e optei por não transferir.

Ainda tem interesse nesta opção?

Não penso mais em Farmácia, eu gosto de lecionar e é meu caminho mesmo.

Qual era sua relação com a disciplina de Ciências quando você cursava o Ensino Fundamental?

Olha, não era minha praia, sabia? Eu gostava mais de História. Talvez porque 6ª série tem muitos nomes de plantas e aquilo, aquilo outro. E 7ª série eu gostava de corpo humano. Então, tinha séries que eu gostava e tinha aquelas que não. Agora, História foi sempre uma disciplina que eu sempre gostei, do começo ao fim, sabe? Então assim, se eu fosse me reportar àquela época, eu poderia dizer que eu não seria professor dessa matéria. Eu passei a gostar no cursinho, que eu tive um professor, que me encantou com a forma dele explicar e tudo mais e eu passei a gostar da matéria, aí eu fiz Biologia.

Então esse professor de Biologia serviu como modelo?

Como modelo, com certeza.

O que o levou a optar pela habilitação em licenciatura?

Eu quando fazia o Ensino Médio, eu sempre tive o hábito de estudar muito, e eu gostava de explicar o conteúdo para os meus amigos. Então, eles não tinham facilidade. Aí eu chamava eles pra estudarem em casa, eu explicava pra eles e eu achava que isso melhorava o meu

ensino. Então, eu sempre senti uma necessidade muito grande de ficar explicando conteúdo para os outros. Então, eu sempre gostei. Tinham vezes que a gente ia na escola, de semana, final de semana, eu pedia uma sala pra direção, e a gente ficava explicando no quadro para o pessoal, pra mais de cinco, 10 alunos. Então, assim, eu sempre gostei de dar aulas. Por exemplo, quando eu me formei em Biologia, eu nem pensei no bacharelado, eu já terminei licenciatura e fui trabalhar. Já fui dar aulas.

Como foi sua relação com o curso durante o período de graduação?

Muito boa. Eu sempre brinquei porque eu sempre fui o último do curso, na segunda chamada, e só eu me formei. Era um sistema de créditos, que eu entrei em 88, aonde você reprovava em uma matéria, ela era crédito pra outra. Então amarrava o teu curso. Então, eu me lembro que eu não reprovava, eu conseguia levar. E os meus colegas iam reprovando, aí no mínimo uma reprovação na matéria atrasava um ano o curso, que aí dava a maior confusão, porque você tinha que pegar a matéria se tivesse vaga pra ela. Então, aí chegavam os alunos novos pra pegar essa matéria, e aí não sobravam vagas para outra. Então, quando eu me formei eu me formei com 20 veteranos. Só eu me formei do curso. Então, era assim, eu estudava bastante, eu tive desde o começo muita afinidade pelo conteúdo, os professores sempre falavam que eu ia muito além, transcendia, queriam que eu fizesse estágio com eles. Mas, aí eu não reprovava, e o curso era integral, cedo e a tarde fazendo, então, não dava para fazer estágio. E eu aproveitei muito bem o curso. Eu gostava da área da Biologia, sobretudo as áreas da Anatomia, Histologia, Microbiologia.

Você pensou em trocar de curso?

Não.

O curso de graduação correspondeu às suas expectativas? Por que continuou?

Correspondeu. Sempre que a gente estudava essa parte do corpo humano e a parte de seres vivos. E o curso ofertava. Então, estava tudo de encontro, eu gostava. Eu não me frustrei eu gostei.

Por que escolheu lecionar Ciências?

É porque a gente tem a opção de fazer o concurso para Biologia e Ciências, se eu faço Biologia, a gente pode dar aulas cedo e à noite, que é o que a gente encontra por aí. Então eu já tinha um padrão em Biologia. Aí, eu prestei, um novo concurso, e como eu tinha colégio

particular de manhã, eu não tinha opção, eu por exemplo, eu ia ter que parar com o colégio particular. Porque eu dou aulas à noite com o padrão de Biologia, então eu não ia poder colocar mais um padrão à noite de Biologia, eu ia ter que colocar de manhã, e aí, então tinha todas as tardes livres. Então, eu ia ter que largar um curso, né? Teria que largar o particular. Então, aí eu prestei Ciências, então eu tenho um padrão de Ciências à tarde, um padrão de Biologia à noite e tenho o particular de manhã. Então, assim, eu gosto da disciplina, mas foi por esse motivo que eu dou aula de Ciências, senão eu teria pegado outro padrão em Biologia. Porque eu sendo professor de Biologia, eu posso dar aula de Ciências, eu poderia pegar aula extraordinária de Ciências, mas eu preferia fazer o concurso. Que aí eu sou obrigado a pegar aulas de Ciências, porque daí se eu pegasse de Biologia, eu poderia pegar metade das aulas de Biologia e metade de Ciências. Mas eu ia ter que pegar metade de Biologia, aí ia me dar choque de horário, mesmo que fosse metade.

Como foi o início de sua carreira como professor? Teve dificuldades? Quais?

Você sabe que não? Eu me encantei tanto pelo seguinte, acho que quando eu fui fazer estágio numa escola, os alunos gostaram tanto de mim, que eu saí, eles deram problemas pra professora titular de sala. Então, ela se arrependeu de me chamar, ela quis que eu fosse dar estágio pra ela, e eu cheguei lá, e ah, professor novo, que leva um monte de coisa nova, e aí eu criei um problema pra ela. E aí, eu acho que foi uma situação que foi somando. Eu fui a primeira vez, eu me senti bem, aí a segunda vez eu me senti em casa, aí cada vez que eu ia, os alunos gostavam de mim. E aí “novão”, novas idéias, a cabeça e tudo, eu nunca tive dificuldades. Naquela época, os alunos eles não judiavam tanto dos professores, porque hoje ta muito difícil trabalhar, porque naquela época não, os alunos se aproximavam bem mais de você, então isso facilitou. Eu acho que eu uni o útil ao agradável, eu gostava de dar aula, me senti bem, fui dar as primeiras aulas me saí bem, e os alunos tinham uma receptividade maior. Então deu tudo certo.

Não teve problemas com metodologia, por exemplo?

Não eu não tive problemas. Eu acho que eu era assim, eu usava mais as metodologias da época moderna, que eu não escrevia só no quadro, eu levava coisas, levava pra aulas práticas, aí eu pegava e fazia dinâmicas, coisas que o professor não fazia. Então, eu acho assim, e essa parte de metodologia, foi tudo tranquilo.

Então, você não passou por uma fase de tentativa e erro? E de dificuldades?

Não, não precisou, eu acho que eu só tive acerto. Não tive dificuldades.

A partir de que momento da sua carreira você pode dizer que passou a ter uma identidade própria como docente? Acha que ela ainda está em construção?

Ai, eu sempre tive uma. Acho que até antes de eu me formar, eu já tinha uma. Porque eu sempre achei que era pra eu seria professor. Mesmo que eu fizesse um curso que não fosse da licenciatura, eu acho que eu ia estar dando aula em uma universidade e tudo, de outra área.

Como é a sua carreira atualmente?

Eu posso dizer assim, que no começo é difícil. Você entra e demora uns 15 anos pro seu salário entrar em um patamar bom, e tudo mais. E eu to ganhando no estado praticamente o que eu ganho no particular, que é um dos melhores colégios que pagam. Então, no outro eu tenho um padrão de três anos, eu ganho pouco ainda. E é assim, quem diz que salário não traz satisfação é mentira. Porque o desgaste é grande e se o salário não trazer satisfação não adianta. Então como o salário está razoavelmente bem, eu queria ganhar muito mais. Então, como eu acho que eu to ganhando razoavelmente bem, então eu acho que eu me sinto num momento pleno da minha carreira. Participando do PDE, porque você ta fora de sala e recebendo ainda pra isso, então eu to me sentindo muito bem, valorizado.

Tem planos futuros para sua profissão? Quais?

Eu acho que não, que não tem mais o que crescer. Eu acho que nessa carreira, você ta trabalhando praticamente não tudo o que você quer dar, porque assim eu trabalho em periferia, no período noturno, com infantis também, com periferia, onde tem um monte de problema social, tem lugar com empresa, problema social, tem gente que leva drogas pra escola. Então quer dizer, hoje em dia você não usa todo o seu potencial em sala de aula. Então não tem muito mais o que fazer, você procura dar tudo de si, mas você é muito mais psicólogo em sala, lidar com os problemas e tentar lidar, infelizmente, a educação está meio falida na rede pública, a gente que trabalha na rede particular percebe. É diferente, anos-luz na frente. Só que a gente está vendo uma coisa que é legal, o governo estadual ta investindo, na TV *pen drive*, sabe, com laboratório em sala de aula, tirando a gente da sala pra fazer cursos, pra depois tentar modificar. Eu acho, eu acho que agora eu to estimulado, que essa tecnologia que está tendo. Eu acho assim, que é uma coisa pra respirar. Certo, mas achar que tem muita coisa diferente pra fazer, acho que não tem muito mais pra fazer. Não tem muito mais o que fazer.

Não que a gente vai ficar na mesmice. O conteúdo que tem que trabalhar é esse mesmo, você tem que adequar a realidade à sala de aula e assim pra frente. Então, eu tenho especialização em Ensino de Ciências. Pra fazer mestrado e doutorado, e dar 54 aulas por semana, eu vou ter que largar, senão eu não vou fazer com qualidade, tá? No momento, eu não penso justamente por excesso de trabalho, porque eu tenho que trabalhar no sábado também em colégio particular. Então toda vez que eu fui ver pra puxar disciplina, eu nunca tive disponibilidade pra fazer. Hoje, eu acho que está difícil. Quando eu me formei, meus amigos todos os meus amigos estavam fazendo mestrado e doutorado. E eu não, eu fui fazer concurso, já peguei dois padrões, e na particular. Eu acho que naquela época, eu acabei indo pra licenciatura, deixando mestrado e doutorado pra lá. Difícil de encaixar e não tinha coragem de parar de trabalhar, porque eu precisava de dinheiro. E não tinha bolsa pra um mestrado e um doutorado, como muitos amigos meus tinham. Então, não tinha como eu largar um emprego como o meu, sólido, um concurso no estado, um colégio particular, então hoje eu não consigo ver possibilidade de eu fazer.

Você faz cursos para manter-se atualizado? Acha que vale a pena?

Tudo. Quase todos que você imagina. Por exemplo, que nem assim, os outros cursos são ofertados durante o dia, à noite, ou nos finais de semana. Mas os cursos que a SEED oferece, eu faço todos, até pedem pra cancelar curso. Por exemplo, uma disciplina eu fiz inscrição, saiu de africanidades, eu fiz inscrição, de indígenas eu fiz inscrição, aí disseram que não podia fazer três. Só dois, então eu faço tudo o que eles ofertam, sabe? Eu gosto de fazer cursos, eu gosto de fazer as atividades, sabe? Eu acho que isso aí não te “emburrece”, você tá sempre indo atrás. Mas fora isso aí não dá. Que nem agora estava fazendo 120 horas de curso, que é uma das etapas, eu já tô com 180 horas. E tem colega meu que não tem nem 30 horas de curso, até aparecer curso pra eu fazer. Vale a pena, como vale. Sabe não muda a aula, porque eu já tenho uma metodologia nova, assim sabe? Eu só vejo que reforça o que eu já faço, sabe? Que me dá subsídio pra trabalhar o que eu sempre trabalho. Uma dialética, uma avaliação progressiva, contínua, que valorize várias inteligências múltiplas. Eu vejo esses cursos, é o que eu já faço. É muito pra reciclagem, eu gosto de estudar, faz bem pra mim.

Que imagem você tem de si mesmo como professor?

Eu me sinto realizado, porque eu vejo assim, eu estou no colégio particular, e meu colégio é um colégio muito bom e lá a gente vê um monte de gente querendo fazer concurso para o estado, justamente pra ter uma coisa estável, porque na rede privada, você tem emprego e de

repente, pode não ter de uma hora para outra. E na rede pública você tem uma garantia, embora você ganhe um pouco menos. Então eu me sinto realizado porque eu tenho dois padrões no estado e um colégio particular. E nos dois colégios que eu trabalho e no colégio particular, eu sou bem querido pela direção, pelo meus alunos. Biologia, como professor. Então, o que mais eu quero? Acho que eu estou no caminho do sucesso.

Que imagem você espera passar ou acha que passa aos outros como professor?

Eu acho que sim, sabe por que? Porque eu falo pra eles assim, vocês, principalmente os da rede pública. A criança do privado tem um monte de possibilidades que os outros não têm. E eu falo assim, eu sempre estudei em colégio público, eu corri atrás, eu estudei, fui primeiro da turma, já tenho minha casa, já tenho todas as condições que eu preciso para viver bem, sabe? Eu durmo tranqüilo, eu sei que meu salário tá lá no final do mês. Então, eu acho assim, que se eu pude fazer tudo isso, vindo de uma relação, é assim, financeira baixa, porque meu pai não podia me dar muita coisa, então, eu procuro dar esse exemplo pra eles, porque eles são capazes. Tanto que eu já tive aluno meu que já se formou, licenciatura, e hoje trabalha comigo. É professor também. E tá bem, tá feliz. E eu passo isso pra eles. Dois, três, cinco anos depois, e aí eles falam, eu lembro das suas aulas, lembro daquilo, você sempre ficou na memória. Então, eu como eu tive professores que eu guardei na memória, até hoje eu me lembro, meus alunos falam isso de mim, quando me encontram. Cinco, dez anos depois.

Como é a sua relação com seus alunos?

Eu acredito assim, para os alunos de cinco, dez anos atrás, é uma relação de uma empatia muito boa. Para os alunos de hoje, eles não são mais receptivos, do colégio particular, sim, mas do colégio estadual, não. Eles têm uma birra de estudar, eles não querem estudar. Eles te olham assim, você tá ali obrigando eles a alguma coisa. Esses de hoje, eu tenho certeza que daqui dois, três ou quatro anos, eu vou encontrá-los, eles não vão dar valor, talvez eles dêem valor, porque lá na frente, de repente, a água vai bater lá no pescoço, não têm uma formação, vai sentir a falta. Acho que eles não vão fazer referência na época não. Infelizmente, porque eu vejo que o aluno hoje, tá muito alienado. Ele não quer mais estudar. Isso reflete a situação social do Brasil, eu acho.

Então você vê diferenças entre os alunos de quando você começou e os de hoje?

Vejo. Você era amado naquela época. Hoje em dia você é respeitado em termos, porque, se o aluno quer sair da sala e você não deixa, ele te xinga sem motivo nenhum. Bate o sinal, sai

metade da sala, volta devagarzinho do jeito que quer. A lei do Estatuto da criança e do adolescente não pune, eles não podem nem levar suspensão. E tem aluno que precisa levar suspensão, tem aluno que precisa ser expulso, não pode. Hoje você tá dando aluno que atrapalha, e deixa o aluno bom de lado.

Eles são menos motivados, tem menor desempenho?

Comparados aos de outra época, muito menos motivados.

E outros recursos como a internet, não ajudam?

Esses recursos, como a internet, tem de um ano pra cá. Tem colégio que nem começou. Tem colégio que não está nem com as TVs colocadas. Acredito que mais uns dois, três, quatro anos.

E como é a sua relação com os pais de seus alunos?

Na rede particular sempre. Porque eles pedem pra você ligar pra eles, eles pedem pra você ligar pra escola. Então, eles tem uma cultura diferente, talvez porque pague caro, dê mais valor. Agora, em escola pública, é só na entrega do boletim. Eles respeitam muito o professor. Olha, eu entendo, eu não gosto de estudar mesmo. A gente faz todo o esforço com ele em casa, mas não tem jeito, sabe, o que o senhor puder fazer pra ajudar tá bom. Eles meio que entregam pra Deus. Eles não estão conseguindo dominar os filhos em casa. Aquela célula da família, ela não tá mais acontecendo. Hoje as crianças, eles mandam no pai, na mãe, eles batem nos pais. Eles jogam pra escola, eles não tem mais o que fazer. Eles deixam a escola responsável por educar, por formação de caráter. Tudo, tudo é a gente.

Como é a sua relação com os membros da direção, orientação e supervisão da(s) escola(s) em que leciona?

Muito boa. Eu acho assim, se você faz o trabalho, bem. A direção e a orientação só agradecem, porque é menos trabalho pra eles. Eu tenho colegas lá que dão muitos problemas. Não tem uma didática boa, os alunos pintam e bordam. Você dá aula na sala do lado e é uma bagunça, você não consegue dar aula. Então, eu acho que eu tenho uma relação boa. Porque, primeiro, eu acho que eles me vêem um pouco diferente, não porque eu seja muito diferente deles. Mas porque eu venho de realidades mais diferentes deles e eles entendem. Eles acham até legal um professor de escola particular trabalhar junto com eles. Até usam como exemplo em sala de aula. Olha, o professor aqui trabalha em colégio particular. Então, eu desde cedo,

eu sempre me vejo desse jeito. Uma empatia muito boa. Sou amigo pessoal das pessoas da direção, uma relação boa enquanto equipe de ensino. Enquanto professor, tem muitos professores que são seus amigos mesmo, que estão do seu lado. E tem muito professor que é invejoso. Toda classe tem, que é mesquinho, que ta na profissão por estar, por bico. Ele meio que vê seu trabalho e atrapalha, mas tem os que ajudam. Eu considero um relacionamento bom, não é um relacionamento ótimo.

E fora da sala de aula, você acaba trocando idéias sobre os alunos?

Olha, eu não fico falando sobre alunos, a menos que seja necessário. Tem professor que só fala de aluno o dia inteiro, 24 horas por dia. É do aluno que não dá trabalho. Eu sou assim, eu to lá na sala, eu to trabalhando, eu vou para o recreio, ou eu estou em outro momento, eu quero lazer pra minha cabeça. E eu não vejo os alunos como eles vêem. Eu acho que a gente era até pior do que eles, não sei. Eu acho até que o professor é pior do que o aluno. Porque por exemplo, o professor está dando palestra, metade está conversando. E nós temos a consciência do que é certo, do que é errado. Mais da metade já saiu pra ir embora. Então, quer dizer, eu tento olhar para o aluno com um olhar, que ele ta lá, ele quer ir embora, ele não quer ficar assistindo aula. Então, você olha um pouco diferente. Eu sei que não é certo. Mas, eu não fico reclamando. Mas no conselho de classe, tudo o que tem que falar, a gente fala sim.

Isso influencia sobre as aulas, esses comentários?

Não. Tanto que se o professor ta metendo a boca no aluno lá, se eu me dou bem com o aluno, eu até falo assim, comigo não dá problema nenhum. Normalmente, aqueles alunos que são bem bagunceiros com outros professores, comigo se dão bem. Eu não tenho problemas com os alunos. Agora, eu já tive problemas sérios com alunos. Alunos que enfrentavam, que falavam palavrões, e contornava. Nunca mandava aluno para fora, sempre contornava, sempre tentava resolver. Graças a Deus, que muito diálogo, eu resolvia. Em um primeiro momento não. Levava uns dois, três meses eu tentava conquistar o aluno.

Qual é a sua opinião sobre a parte burocrática da sua profissão?

Não, eu não me importo. Eu acho que também faz parte. Por exemplo, digitação de notas, preenchimento de livro-ponto. Eu acho que isso faz parte. Muitos colegas reclamam que isso não é função deles nem nada. Tem que vestir a camisa, eu acho que não tem que ficar reclamando. Tem que fazer, tem que fazer. Não me atrapalha em nada não.

Você realmente gosta de dar aulas?

Gosto muito.

Você sente-se preparado(a) para dar aulas?

Graças a Deus.

Você acha que os professores recém-formados são ou estão mais motivados ou mais preparados do que você para ministrar aulas? Por quê?

Talvez na vontade de trabalhar, não. Mas no que eles enfrentam em sala de aula hoje, é bem diferente. Porque eu peguei uma fase boa para dar aula e eles estão em uma fase crítica. Então, eu vejo eles bem desanimados com a profissão. Eles chegam pensando em alguma coisa. Eu acompanhei uma mudança gradativa, então eu procuro não sofrer. Se eu chego lá e o aluno não quer estudar, eu não fico mais brigando, como eu brigava antes. É preciso que eles se conscientizem da importância do estudo para eles. Eu cobro deles, mas eu não fico mais brigando. Eu fazia muito antes, eu queria que ele levasse mais a sério. Mas o aluno do noturno, por exemplo, ele trabalhou o dia inteiro, até as 18 horas. Ele tem duzentas faltas que ele tem direito pra não reprovar, ele vai ter as duzentas faltas. Então, ele entra, sai, volta, mata aula, vai pra Exposição, fica duas semanas sem vir pra aula, quando vem, já perdeu as aulas, aí ele fica patinando na matéria. Ele mesmo não se orienta. Aí, você vai ficar brigando com ele? Obrigar não vai adiantar. Brigar pra estudar? Não adianta. Ele é adulto. O pessoal da quinta série é mais imaturo, então tem que brigar com eles. Eles são mais receptivos. Só que os professores novos, coitados, eles tãõ pegando uma crise muito grande na Educação. Eles sofrem muito em sala de aula, porque tem muita violência hoje. Tem menor infrator na sala de aula, que o juiz manda. E ele parte para a agressão física e ele pode realmente te matar. Não está longe disso. Você está vendo alguns casos. É aluno que não vale a pena enfrentar, porque ele bate boca com delegado. Pessoa que já ficou presa várias vezes. É complicado.

Em algum momento sua vida pessoal influenciou sua carreira docente? Quais os efeitos?

Eu acho que não pode influenciar. Sua vida profissional não tem nada a ver com a sua vida pessoal. Graças a Deus eu nunca passei por situações muito conflitantes na vida pessoal. Nós nunca fomos ricos. Meu relacionamento com a minha esposa sempre foi um relacionamento muito bom e de certa forma eu tenho um problema pessoal com um familiar, mas isso entristece, mas eu acho que quando estou na escola, eu acho que é bom, porque eu acabo esquecendo. Eu fico lá em casa eu estou preocupado, quando eu estou na escola, eu não

penso. Às vezes eu lembro, mas aí estou na sala de aula, e estou envolvido, então eu esqueço. Se acontecer alguma coisa no futuro, pode ser que sim, mas como eu nunca passei por isso, eu não posso dizer, talvez realmente interfira, mas eu só posso dizer se eu passar por isso.

Já passou por algum momento de crise ou de desgaste na sua carreira?

Desgaste assim tem. Porque você se cansa. É que eu dou 16 aulas. E na sua primeira aula você deve estar animado assim como na décima sexta aula. Mas é desgaste de cansaço. Cansaço assim que não compromete a minha saúde. Mas cansaço tem. No começo a gente tem um pique, com 21, 22, 23 anos você tem um pique, com 40 anos já não tem o mesmo pique. Não é fácil não. Eu acho essa profissão nossa muito difícil, 24 horas só mente, mente, mente. Muitas provas pra corrigir, então, a gente cansa sim, tem muito desgaste. Mas acredito que esse desgaste não está interferindo ainda na minha profissão. Eu chego na sala, eu falo o tempo inteiro. Não tem aquele momento que por eu estar cansado eu vou encher o quadro de matéria. Só se for necessário.

Já pensou em desistir da carreira docente?

Nunca.

Você acha que os outros professores com o mesmo tempo de carreira que você passam pelas mesmas dificuldades que você passou ao longo da carreira?

Isso seria um aspecto comum na carreira docente?

Sim, todos passam. É o mesmo sistema. Todos passam pelo mesmo lugar, é o mesmo laboratório, os meus problemas que eu enfrento, os outros também enfrentam. Só que o teu problema é do tamanho que você acredita que ele seja. Se você acredita que o seu problema vai ser solucionado sem desespero, você vai conseguir resolver. Tem pessoas que transformam seus problemas em coisas muito grandes. Isso é o jeito da pessoa lidar com a própria vida. Os problemas são os mesmos na escola. As mesmas turmas, os mesmos alunos, os problemas são os mesmos. A diferença é como você lida com o “X” da questão.

O que o manteve na carreira docente até hoje?

Eu sempre gostei de dar aulas, você une o útil ao agradável, o salário, que é o que tem mantém, e você faz o que gosta de fazer. Eu nunca pensei em parar. Tanto que eu tinha dois padrões e um colégio particular. Eu tive que exonerar um padrão, isso no começo da minha carreira, que eu não dava conta, tinha que fazer um bom nome no colégio particular. E agora,

coisa de quatro anos atrás, eu fui atrás de novo, prestar o concurso de novo, pra ir atrás de outro padrão. Quer dizer, se eu quisesse sair eu não ia buscar mais um concurso. Passei, e to com três padrões, dois no estado e um na privada. Mas é a mesma coisa.

O que mais o estimula a continuar na carreira docente?

Isso que a gente ta fazendo (PDE), isso estimula muito a gente a continuar. Porque você sair da sala de aula, receber o seu salário e o governo investir na sua aprendizagem, é um estímulo, é uma reciclagem. Então, isso já é um estímulo muito grande. Mas o que mais me estimula é o próprio aluno, que é fazer alguma coisa pelo outro. Acho que a gente tem que fazer alguma coisa pelo outro e a gente tem essa chance todos os dias em sala de aula. É ais pelo aluno mesmo. Eu trabalho em escola particular, eu tenho outra visão, por exemplo, se lá no colégio particular eu não recebesse meu salário, passasse por uma crise, não pudesse pagar, eu iria para a escola pelo meu aluno, porque o aluno, tem um compromisso. Ele quer passar no vestibular ou outras coisas. Eu iria mesmo sem receber, eu tenho esse compromisso. Na rede pública, eu quero que ele tenha condições, e ele não tem chance nenhuma na vida se ele não estudar. Então, eu acho que na rede pública eu tenho mais compromisso ainda que na rede particular. Porque na rede particular, o aluno vai ter a empresa do pai pra tocar, na rede pública não. Acho que é meu aluno mesmo que me estimula.

E o que mais o desestimula?

O que mais me desestimulava até então era essa falta de investimento na Educação. Porque não adianta você remar contra a maré. Você não tem investimento, não adianta. Agora, com esse investimento, eu to estimulado. Eu estou em um momento de auge. Não esperava que isso acontecesse. Tecnologia, investimento no professor. Hoje eu estou estimulado. Antes eu estava desestimulado pelo descaso.

Qual é a importância de ser professor para você?

É poder fazer alguma coisa pelo outro. Acho que não é só dar aula, dar aula é muito fácil pra quem se formou naquilo. Você sabe todo o conteúdo, muitas vezes você dá 10% do que você sabe, dependendo do aluno que você tem. Lá você tem a oportunidade de fazer alguma coisa pelo outro. As crianças estão lá pra sofrer uma transformação e você ta lá pra promover a transformação, pra que ela aconteça. Valorização do professor é justamente essa. A importância do professor é essa, uma coisa que seja diferente para o aluno, que ele não passe somente pela escola, que ele mude enquanto pessoa para poder exercer sua cidadania. Se você

quer melhorar um país, é pela Educação, é o educador que move tudo. Você tem que fazer o seu papel.

Se tivesse que optar por outra carreira continuaria no ensino?

Nunca pensei nisso. Eu sei que eu gosto de trabalhar com aula, eu gosto de aula. Então, contato com pessoas. Se eu fosse para outra função, eu ia pra uma função de lidar com pessoas. Porque é isso que eu sei fazer.

Você consegue “predizer” como será o fim da sua carreira?

Olha, eu acho que existe a tendência natural de você ir cansando, você vai, quer se aposentar com 60 anos, 30 anos de magistério. O desgaste físico não tem como deixar de lado, cansa mesmo. Eu só espero que eu tenha força, a mesma vontade, o mesmo estímulo. Olhando os colegas de profissão que estão pra se aposentar, muitos estão mais estimulados do que os que estão começando a carreira. Então, eu espero que eu esteja como eles, com essa força, mesma vontade, o mesmo pique. Acho que eu vou estar com a sensação de dever cumprido. Acho que eu já tenho essa sensação, pelos corredores, eu vejo alunos que estão fazendo Biologia. Nossa professor, estou fazendo Biologia por sua causa. Eu falo assim, isso é dever cumprido.

Transcrição da entrevista E

Há quanto tempo você atua na atividade docente?

Bom, incluindo minha experiência em Ensino Fundamental, de 1ª a 4ª série, está com 18 anos.

Qual é a sua formação?

Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática.

Houve outro curso de graduação como primeira opção de vestibular?

Ainda tem interesse nesta opção?

Tive, mas eu optei por Ciências, porque era o que mais me interessava. Dentre as opções que eu tive na época, a que mais me interessou, foi Ciências. Na realidade, eu tinha intenção de ser professora, então, eu procurei o que me interessava mais, o que eu ia melhor na escola, aí eu optei por licenciatura em Ciências.

Qual era sua relação com a disciplina de Ciências quando você cursava o Ensino Fundamental?

E com Biologia no Ensino Médio?

Gostava bastante.

Como foi sua relação com o curso durante o período de graduação?

Foi bom, deixou algumas coisas a desejar, que depois eu tive que buscar sozinha, estudar, fazer aperfeiçoamentos, mas, no geral, foi bom. Tive excelentes professores na área de Ciências. Faltaram mais conhecimentos específicos.

Você pensou em trocar de curso? Quais foram os motivos?

Não. Só precisava que tivessem mais informações a respeito dos assuntos que eu estudava.

Aí, você escolheu se especializar?

Aí, eu tive que correr atrás, leituras. Tanto é que para prestar o concurso eu tive que estudar bastante.

Quando você começou a lecionar, começou com que disciplina?

Eu comecei lecionando 1ª a 4ª série, com todas as disciplinas, mas as que eu me dava melhor, era Ciências e Matemática, que eu gostava mais de preparar mais aquelas aulas, até gostava mais de estudar para dar aquelas aulas. Eram as aulas que eu mais gostava, me interessava e buscava. Depois eu fiz a graduação e comecei com Matemática em Ensino Médio, mas na primeira oportunidade que tive, peguei Ciências de 5ª a 8ª.

Por que escolheu lecionar Ciências?

Porque eu tenho afinidade, gosto. Me identifiquei muito com Biologia. Só que na época eu não fiz habilitação em Biologia, eu escolhi Matemática porque era uma questão... na região onde eu morava, eu ia ser professora, eu escolhi Matemática pelo número de aulas, que na época era mais fácil do que Biologia. Eram menores os números de aulas de Biologia, então foi a questão financeira, mas sempre me interessei por área biológica.

10. Como foi o início de sua carreira como professor? Teve dificuldades? Quais?

Tive que estudar muito pra dar aula. Foi bom, mas tive que estudar muito. Ah, a maior dificuldade... não me lembro. A maior dificuldade na verdade, foi a compreensão. Era zona rural, os alunos tinham mais dificuldade. Aí, preparava a aula seguindo o planejamento e quando chegava lá, tinha que trabalhar bem devagar o conteúdo, até para que eles compreendessem. Então, talvez fosse isso a dificuldade maior, fazer eles conseguirem dar conta do mínimo da disciplina.

Você se espelhou em alguém para dar aulas?

Não, na verdade eu me espelhei em alguém que era uma professora de Ciências, que era muito exigente, porém, era muito, é uma das professoras que me levou a me interessar por lecionar Ciências. Lembrando da forma como era e claro, tentando melhorar alguma coisa que eu não gostava, de algumas atitudes que ela tinha, principalmente, a exigência. Mas ela eu tive como inspiração.

Teve alguma fase por tentativa e erro? Tentava e não dava certo?

Ah, sim. Trocar, mudar a forma de metodologia. Se não dava certo, buscava outra. Sempre buscando.

Como é a sua carreira atualmente?

Eu estive em sala de aula até o mês passado, com a disciplina de Ciências de 5ª a 8ª, no regular e Matemática. E aqui nesta escola J, eu trabalhei até o ano passado com a disciplina de Ciências. Apesar dessa dificuldade no regular, diferença social, indisciplina, é, mas mesmo com isso, eu acho que vale a pena. Eu não me arrependo por ter optado pela disciplina de Ciências não. Que ainda é gostoso ensinar Ciências. É uma das disciplinas que eles mais se interessam na escola, depois de Educação Física. Eles se interessam bastante, desde que você estimule também.

Tem planos futuros para sua profissão? Quais?

Olha eu, pretendo ainda me especializar ainda mais. Eu tenho especialização, em nível de pós, em Matemática e Gestão Escolar. Eu pretendo fazer mais alguma coisa na área de Ciências, na área de biológicas. Especialização, de repente mestrado. Continuar estudando de alguma forma, mas pode ser até um mestrado na área de Ciências.

Você faz cursos para manter-se atualizada? Acha que vale a pena?

Eu fiz uns cursos na UEL, de extensão, acho que eu fiz uns três. Aos sábados. E os cursos que o governo oferta também. Sempre me mantenho atualizada até pra conseguir, pra poder ministrar as aulas. Eu sempre busco o que está acontecendo. Participei de congresso na área. São coisas que me interessam. Eu aprendi muita coisa, a me conhecer através da Biologia. Então, é algo que eu acho que você tem sempre que estar atualizada, porque a Ciência muda muito. Você dá uma aula, conseguir fazer com que os alunos aprendam e se interessem, você também tem que estar injetando coisas novas, trazendo coisas que estão sendo divulgadas na mídia, ainda mais com conhecimento de coisas pra eles. Vale a pena, influencia nas aulas. Lógico que aí, a gente tem que ter sensibilidade, porque a gente está em sala de aula. Eu, por exemplo, o governo ofertava alguns cursos de formação continuada e uns eu podia fazer, outros não. Então eu optei por fazer aos sábados na universidade.

Que imagem você tem de si mesma como professor?

Olha, eu me considero... uma boa professora sim. Diante das dificuldades e tudo, eu acho que eu me considero uma boa professora de Ciências.

Que imagem você espera passar ou acha que passa aos outros como professor? É essa a imagem que você acha que os alunos e os outros professores têm de você?

Ah, eu acho que sim. Os alunos... acham que eu sou exigente, no começo eles sofrem um pouco para... a gente tem aquele período de adaptação. Mas eu tenho um exemplo, eu assumi uma turma de 5ª série em uma escola do distrito e no começo é tudo muito difícil. Até pela questão de dificuldades mesmo. Uns mais pela questão social deles e outros porque estavam vindo da 4ª série, tinham a professora que dava todas as disciplinas, e eu comecei com Ciências, mas como era uma turma muito boa, era uma turma menor, no começo então, eu exigia muito e eles respondiam. Sempre que eu exigia muito, eles respondiam. No dia em que eu me despedi deles, minha maior tristeza foi ter que deixá-los, é como se eu tivesse de certa forma... não traindo eles, eu estava com aquele sentimento de culpa. Porque eu consegui conquistá-los, consegui fazer com que eles se entrosassem melhor na aulas, buscassem estudar mais. E foi uma das coisas que eles escreveram quando eu saí. Choraram e escreveram que apesar de eu ter sido muito exigente, brava com eles, que apesar disso, que eles aprenderam muita coisa. O brava que eles consideram é eu ser exigente. Buscando rever minhas avaliações, retomando conteúdo com eles. Assim, de aprendizagem, eles aprenderam bem.

Como é a sua relação com seus alunos?

Olha, eu consigo, eu não posso dizer que eu seja aquela professora boazinha, mas eu consigo me relacionar. Eu dou abertura pra conversar, pra questionar. Eu acho que tenho um bom relacionamento. Nunca tive casos, sempre conseguir resolver com eles. Conquistá-los principalmente. Meu maior objetivo é conquistá-los para que eles aprendam.

E como é a sua relação com os pais de seus alunos?

Eu tinha contato com os pais dos alunos. O aluno que está dando trabalho, sempre procurar conversar com o pai, quando o pai vem. E com dificuldade de aprendizagem, pedir para os pais estudarem juntos. Olha, seu filho precisa que você dê uma atenção maior, seu filho é inteligente, mas ele está com uma certa dificuldade. Talvez ele precise estudar um pouco mais, se concentrar mais, dar uma lida no conteúdo em casa. Eu acredito se não for assim, não funciona. Mas não falar: olha, seu filho está indo mal. Não. Mostrar para o pai o quanto é importante ele estar junto com o filho. Mesmo que o pai seja analfabeto, mas só o fato dele sentar ali com o filho, e perguntar: tem tarefa de Ciências hoje? Lê pra mim o que você está

estudando. Explica pra mim o que você está aprendendo. Então, isso me ajuda bastante. Lógico que não resolve todos os problemas, mas, na maioria dos casos eu sempre resolvi bem.

Isso acaba ajudando nas aulas?

Ajuda. Nossa, muito! Eu vou dizer que todos aqueles pais que vêm para a escola quando a gente chama, e conversando com eles, lógico que com jeito, com certo tato pra conversar com os pais, resolve, melhora. Têm casos que a melhora é muito grande, têm casos que é mais lento, mas têm casos que é evidente. O aluno, ele se sente mais útil, ele se sente mais valorizado. A autoestima do aluno melhora. Ele vai buscar estudar mais, ele vai procurar mais. Ele vai ver que não é só porque a professora está preocupada, que o pai também está. Que o grande problema dos alunos irem mal na escola, é essa falta de contato com a família. Da família com a escola, da escola com a família.

Como é a sua relação com os membros da direção, orientação e supervisão da(s) escola(s) em que leciona?

Acho que a relação é boa. Eu tenho retorno. Atualmente eu estou na vice-direção desta escola. A diretora fez o convite diante da maioria da escola e a partir do momento que eu aceitei... E eu nunca quis ser diretora, nem vice, nem nada. Nunca pensei em sair de sala de aula. Apesar de eu ter tido que trabalhar muito, eu tive que trabalhar com 50 horas aula, mas eu tive que deixar porque não agüento, nenhum ser humano agüenta. Mas, por questões mesmo financeiras. Aí, parei, e sempre gostei de sala de aula. Hoje, eu já consegui trabalhar menos. A partir do momento que eu não queria, mas até pelo próprio bom relacionamento com as pessoas, e foram pedindo, aceita, aceita. Eu falei, bom, se me vêem com essa capacidade de eu estar auxiliando, então aí eu me pergunte, por que não? Eu tive a chance de de repente estar ajudando, eu aceitei. Mas também tive uma especialização em Gestão escolar, não pensando na direção auxiliar, não pensando na direção, mas em supervisão, em alguma coisa mais pedagógica. Não na direção quando eu fiz a especialização. Mas quando eu vim pra cá, faz um ano que eu estou na vice-direção. Pelo retorno que as pessoas dão, parece que está tudo bem. Mas eu tento colocar muito a minha experiência de vida. O que eu aprendi, o que eu vi que deu certo. E ajudar. Uma vez que eu escolhi ser professora, então eu tenho que dar o melhor de mim. Eu acho que o que faz a gente ser um bom profissional, é isso.

Como professora, você e os outros professores acabam conversando sobre determinados alunos?

Muito. Você não consegue dar aulas sem interagir com outros colegas, a respeito de determinados alunos. Isso influencia nas aulas, até no tratamento. Por exemplo, eu sou sua professora, mas por uma simples atitude minha, cria uma antipatia com relação a mim que sou sua professora. E eu não percebo isto. E aí fica. Aquela aluna vai ficar arredia. Inconscientemente, eu criei nela essa imagem da pessoa, da professora ruim, da professora intransigente, pela postura que eu costumo tomar, o meu jeito de falar. E muitas vezes eu descobri que em conversas com outros professores, tal aluno, como é? Ah, comigo ele vai bem. E eu não ter percebido aquela qualidade naquele aluno, aquele lado bom, aquele lado dócil, às vezes, ele estava sendo arredo comigo. Bom, se ele está sendo arredo comigo, o problema realmente é comigo. Então, tentar conquistá-lo, e isso sempre ajudou, essas conversas com outros professores. No começo da profissão, eu era muito insegura com relação a isso, mas a partir do momento que eu fui vendo, que você vai amadurecendo, você percebe que não, que você tem que levar muito em consideração o que os outros dizem. Lógico que você não tomar uma atitude na primeira vez, sempre procurar observar. A observação é muito importante. Apesar de você ter 30 alunos dentro da sala, observar cada um é muito importante. Às vezes a gente tende a tratar todo mundo igual, e às vezes, ao corrigir uma avaliação, dá um retorno para aquele aluno, você tem que ter a sensibilidade de parar e tentar entender aquele aluno. Mas uma coisa que me ajudou muito como professora, foi eu ter feito magistério. Tive a sorte e o privilégio de ter professoras de magistério muito boas também. A parte de Psicologia da Educação me ajudou bastante. Não a da faculdade, mas a do magistério. Eu tive uma excelente professora, ela era psicóloga e onde eu descobri esse lado muito bom que é você observar, interpretar esse aluno, as atitudes. Um aluno que se recusa a fazer uma atividade que você propõe e ele se recusa, porque sabe que você quer que ele faça. Estou me referindo ao aluno mais jovem. Porque nos Jovens e Adultos, é outro perfil de aluno e a gente precisa ter outro tato com ele.

Qual é a sua opinião sobre a parte burocrática da sua profissão?

Pra mim é a parte mais chata. Sempre foi a parte mais chata pra mim. Mas você não consegue, se você não tiver essas coisas muito bem registradas, muito bem detalhadas, muito claras. Porque o que fica é o que está escrito. Eu sou muito da oralidade, mas é necessário. Uma das coisas que sempre me ajudou com relação a pais, com relação a pais que entram com recurso porque o filho não passou de ano. Hoje está mais livre. É um problema muito sério avaliação.

Quando eu estava no Ensino Médio com o regular, eu ter tudo escrito, tudo anotado, observado. Pedia para o aluno escrever, o mais rebelde, por não ter feito determinada atividade, você tem que ter o cuidado de pedir para ele assinar. Olha você não fez essa e essa atividade, eu vou ter que anotar na minha pauta, tudo isso, você está ensinando para o aluno que ele tem que ter compromisso, que não é a sua palavra, não é de repente, ah, mas você não deu, você não entregou o trabalho, eu nem precisei mostrar pra ninguém isso. Mas só o fato de você perceber que você levava as coisas mais organizadas, já levava ele a ter mais compromisso. Eu encontro meus alunos, muitos na graduação e parece que a gente acaba fazendo parte, positivamente.

Você realmente gosta de dar aulas?

Gosto. Eu gosto. Eu gosto de ser professora.

Gosta da sala de aula mesmo?

Eu só não gosto da forma como as políticas educacionais conduzem, como o sistema em geral conduz, como eles querem que aconteça. Mas ainda assim, eu gosto de dar aula.

Você sente-se preparado(a) para dar aulas?

Eu me sinto. Eu já trabalhei com todos os níveis, com dificuldades. Teve momentos de eu falar e perguntar: o que que eu estou fazendo aqui? A princípio, no primeiro dia, em determinado lugar. Eles me receberem. Porque no começo da sua profissão, você se sujeita a estar em determinadas situações por questões burocráticas. Você não é concursada, mesmo que você seja concursada, você tem estágio probatório, numa classificação geral você fica lá embaixo, e foi. Eu nunca deixei transparecer que estava abalada com a situação. Eu sempre tentei fazer isso. Em estar em determinados lugares em que eu fui a quarta professora no ano, ou no início do ano, ou terceira professora do ano. Isso é ruim, porque o aluno precisa ter vínculo com o professor. E se eu sou a quinta, eu sou mais uma a passar por eles. E nesse sentido de ser mais uma, é muito difícil você conquistar. Mas graças a Deus eu consegui levar até o final. E ainda bem que eu gosto. Ainda bem que eu consegui. Mas às vezes você nem sabe como. Você pega às vezes turmas muito difíceis, com alunos já tido como marginais. E dá certo. Não digo melhorar, porque no outro ano ele vai ter outro professor e vai ter todo o problema de novo. Eu gosto sim. Eu acho que ser professora você tem que gostar. Porque ser professora, senão você não consegue ensinar, ficar ali, se estabelecer.

Você acha que os professores recém-formados são ou estão mais motivados ou mais preparados do que você para ministrar aulas? Por quê?

Vejo muitas diferenças. Acho que todo mundo... não sei se talvez... eu vejo muita dificuldade por parte de alguns recém-formados em conseguir trabalhar de uma forma, dar conta de ensinar, da disciplina, de conseguir com que os alunos participem. Na minha época, os alunos respeitavam mais, o professor era mais respeitado, era mais valorizado pelos alunos. Hoje, existe uma cultura, eu acho, que começa a mudar. Mas um pouco por parte desses professores, é muita imaturidade, inexperiência, falta de preparo. Eu trabalhei com colegas, excelentes pessoas, mas que tiveram dificuldades porque fizeram bacharelado e na hora de ir pra licenciatura, que o magistério me ajudou. Que é a parte pedagógica. Acho que a maior dificuldade seria o bacharelado, os que fazem bacharelado e depois vão lecionar. Aí por opção, porque falta opção na área deles, eles vão dar aulas. Eles encontram essas dificuldades. Em termos de motivação não. Nós temos excelentes professores com licenciatura, nessa escola nós temos. É uma pena hoje a política educacional estar como está. Essa questão da falta de controle, de se controlar uma turma, nós temos professores que vão para a sala de aula com uma vontade de dar aula, com uma vontade, mas, que às vezes acabam desistindo por causa da forma como está. Aí ele entra nessa, de que o aluno não pode reprovar, que tem que passar em massa. Eu sofri e sofro muito como professora com isso. Porque aí que eu falo pra você da estrutura educacional do país tal como está. Vale a pena educar. Vale a pena ensinar de verdade. Vale a pena fazer com que os alunos aprendam de verdade e não ir avançando anos e de repente, os alunos não serem capaz de interpretar, de utilizar o que ele aprendeu na vida de uma forma que faça diferença na vida dele como cidadão. Têm muitos casos que não conseguimos, porque não conseguimos ensinar mesmo.

Observando os alunos atuais e aqueles de quando você começou sua carreira, acha que eles eram mais comportados do que atualmente?

Muita diferença. É muito triste, o aluno é inteligente, ele é capaz. Ele tem uma mentalidade maravilhosa, mas não estamos conseguindo utilizar essa mentalidade para fazer ele aprender tudo o que ele tem capacidade de aprender.

E a internet?

Nem a internet. Nem resolve. É muita informação. Mas nada sistematizado. O aluno precisa de alguém que conduza. Porque tem muita informação e o aluno não sabe fazer a diferença, se aquilo realmente, ele não sabe organizar, mas se ele tiver que responder algo ordenado de

alguma forma, ele vai devagar e não vai conseguir. E mesmo a criança precisa de disciplina, de organização. Primeiro, que os pais não organizam mais, não estão dando mais limites, nem organização. Mas o conteúdo organizado é importante para que ele aprenda. Pra eu conseguir ensinar, eu enquanto professora, eu tenho que ter uma certa... mesmo que eu utilize. Porque Ciências eles interferem muito: ah porque eu vi tal, coisa. Eu vi tal coisa. Você tem que estar encaixando tudo aquilo dentro do que ele está vendo, não deixar de ouvir o que ele está falando, mas tendo que organizar. Porque tem muita coisa que a criança vê sozinha, que o pai não tem condições de discutir e ele vai discutir em sala de aula. E a gente tem que estar muito bem informado pra se você não puder dar a resposta agora, você organiza, olha, a gente precisa ver melhor isso, mas tem que estar organizado. Organização para que eles aprendam. E como você tem muitas diferenças em sala de aula, você tem alunos que têm estímulo de leitura em casa, têm alunos que têm estímulos, tem internet em casa e têm alunos que não têm nada disso e tudo na mesma sala de aula. Têm alunos que você tem que parar a aula para atender os que estão com muitas dificuldades e o outros ficam desestimulados, porque eles querem novidades, eles querem... mas, são poucos. Alguns têm internet e não estão utilizando para o conhecimento.

O maior problema é a indisciplina?

A falta de limite é um problema hoje. O ser humano precisa de limites. E aquele ser humano que não teve limites em casa, acaba tendo que o professor dar limites para ele. E é aí que esbarra, o bom professor que sai com o conhecimento maravilhoso na sala de aula da faculdade, ele chega e esbarra nessa questão. Como é que ele vai ensinar, se o que os alunos precisam para aprender, eles precisam para aprender, eles precisam se concentrar, eles precisam ter disciplina e eles não têm. E você não tem como não dar a disciplina para eles. E você não tem como não dar a disciplina para eles e fica aquele problema.

Em algum momento sua vida pessoal influenciou sua carreira docente? Quais os efeitos?

Influencia. A vida pessoal sempre influenciou na minha carreira. Eu dou graças a Deus por isso. O que que é vida pessoal nesse sentido? Eu sempre procuro estar bem para que eu possa chegar na sala de aula e conseguir trabalhar e não deixar meu emocional interferir nas minhas aulas. Eu sempre pensei: eu escolhi como profissão ser professora, eu sempre vou ter que estar bem pra dar as minhas aulas. Porque o meu aluno é o meu cliente. É o que vai estar garantindo a minha vida pessoal. E sempre tive como exemplo. E sempre influenciou. E as minhas atitudes fora da sala de aula, no meu dia a dia sempre influenciaram nas minhas aulas.

Minha vida pessoal. Meu comportamento enquanto pessoa. Até porque eu comecei a lecionar em uma cidade muito pequena e onde só tinha um colégio, é o colégio em que eu estudei, em que os meus sobrinhos estudaram. Todo mundo se encontrava na igreja, na praça, na escola e eu aprendi a ser assim. A minha vida pessoal influenciaria nas minhas aulas sim e sempre influenciou. Até esse respeito enquanto professora começou porque eu comecei a dar aula muito nova para alunos quase da minha idade, adolescentes, jovens. Tanto é que meus alunos de terceiro colegial, tem professores de Biologia, de Matemática, que foram meus alunos, que foram minha primeira turma, quando eu estava na graduação. Eu sempre tive isso como norte na minha vida. Não dava para ser diferente. A minha vida pessoal sempre influenciou, mas sempre muito positiva.

Já passou por algum momento de crise ou de desgaste na sua carreira?

Já passei. O pior momento de desgaste foi porque eu estava em uma escola de periferia, de 1 a 4, numa zona de assentamento. Foi muito difícil eu conseguir dar aulas, conquistar uma turma de 3 série. Eu fui a quinta professora deles, em maio mais ou menos. Eu tive apoio e foi muito bom. O meu maior problema foi quando uma direção de escola e não foi só comigo, eu entrei em crise por isso. Tanto é que depois a diretora foi destituída do cargo. Houve interferências. Foi muito triste, doeu muito, porque nós, eu mais alguns professores e comunicar nossa chefia maior. Pra mim, a maior crise na educação foi essa, eu ter que fazer parte de um grupo que estava, entre aspas, se rebelando contra a nossa própria diretora. Por atitudes que ela havia tendo, várias. Nós ficamos muito sensibilizados, porque a gente tava dando sangue em um lugar que era de risco, que eram crianças abusadas sexualmente, crianças de todo o tipo que você imagina de violência, eles sofriam. A maioria das crianças. Pra mim o meu maior desgaste. Pra mim, eu faço um balanço de toda a minha vida profissional. O maior desgaste foi esse. Ver meus colegas sofrendo. Ver as crianças sendo penalizadas. E foi uma época que balançou bastante. Eu pensei em pedir exoneração do cargo, abandonar aquele concurso. Pra mim, se eu tivesse que fazer isso, ia ser uma frustração muito grande, mas graças a Deus, não precisou. Continuamos, houve interferência. E eu saí quando fui removida de lá, por direito mesmo, por aquela questão... Não época eu pensei em parar por causa disso. Na época, não foi a minha atividade em sala de aula. Não foi um problema enquanto eu professora e o aluno. Foi por uma questão, porque não iriam tomar uma atitude. Foi provado que a pessoa tinha problemas psicológicos e aí... Foi difícil, porque até nós, o grupo, tínhamos que estar lá todos os dias, dar aulas, atender bem as crianças. Foi a única vez que passou.

O que te impediu de desistir?

O que me impediu de desistir, nesse momento, o financeiro não... acho que não... talvez... minha independência, porque foi meu primeiro concurso, eu quis, eu estudei, eu fui aprovada. Mas, principalmente, porque eu não desisto muito fácil das coisas. Acho que o principal foi isso, porque eu sempre tentei levar até as últimas. Desde que eu não estivesse prejudicando alguém. Se eu estou sendo útil para aquelas crianças, por que eu vou desistir? Então, sempre pedindo pra Deus dar o discernimento. Se eu quis ser professora, se eu prestei um concurso, estou dentro legalmente, estou dando conta e o problema estava visível, que não era eu. Então acho que não foi um só fator, foram vários.

Você acha que os outros professores com o mesmo tempo de carreira que você passam pelas mesmas dificuldades que você passou ao longo da carreira?**Isso seria um aspecto comum na carreira docente?**

Acho que uma hora ou outra todo mundo passa. E eu acho que muita gente não tem estrutura psicológica pra agüentar. Feliz aquele que nunca passou. Mas eu acho que todo professor, em algum momento, ele passa por algum tipo, talvez uns menos, outros mais, mas encontra desafios muito grandes.

O que a manteve na carreira docente até hoje?

Pois é. Você perguntar o que me manteve? Eu gosto de ser professora. Pra minha família, de onde eu vim, acho que tudo isso. Não sei, acho que é isso, a minha vontade mesmo. Eu sempre tive o sonho de ser professora. Eu tive outros sonhos, mas sempre voltado pra área da educação. Talvez pelo referencial que eu tive. Porque eu vim da zona rural, vivi num lugar onde o diferente de todos nós era nossa professora, porque ela era aquela que ensinava, pra mim era a que detinha mais conhecimento do que nós. Era isso. E eu tive isso como um exemplo e foi indo. Consegui. Se estabeleceu. Uma frustração talvez, eu não digo uma grande frustração é ainda não ter conseguido, mas eu não tive coragem ainda nem de tentar, foi o mestrado. Mas isso, talvez pelas oportunidades que eu tive. Eu vim de uma família de 13 irmãos, 11 homens e 2 mulheres, e eu quase a raspa do tacho. E minha irmã muito inteligente, ela era bem mais velha. A opção que ela teve de estudar foi o Ensino Médio, já era adulta e fazer o curso de corte e costura. Meus irmãos, até o ensino de 1ª a 4ª. De 5ª a 8ª já foi mais difícil, já foi uma conquista dos meus irmãos. Ou eles davam a todos a mesma chance, ou não, todo mundo ia ficar como estavam. E tiveram os que se destacaram. Teve um irmão mais velho, resolveu ele mesmo ir buscando os caminhos e meu pai permitiu. Ele saiu pra estudar.

E eu sou a segunda na família a fazer graduação. Também fui buscando as brechas que tinha. Porque sendo filha mulher, eu ia ser a última a ter chance de estudar, até porque era difícil. Porque eu tenho 41 anos. Aqui pode ser normal. Mas no mundo em que eu vivia, era meio complicado. Eu saí pra estudar. Fiz vestibular escondida do meu pai, então foi assim. Eu prestei o vestibular e você perguntou se eu tive outras opções, eu tive muitas. Mas as que eu tive, eu escolhi. Por interferência de uma professora, uma amiga que fez minha inscrição. Eu fui e prestei vestibular. Quando saiu o resultado, eu fui falar para o meu pai e meus irmãos falaram: olha passou no vestibular! Meu pai falou: como minha filha, que nós vamos fazer agora? Pai, eu só fiz por fazer, se der bem, se não der. Eu tive que ficar esperando para fazer a 5ª série eu tive que ficar um ano aguardando pra eu poder estudar. Quando eu percebi que tinham esquecido que eu queria fazer 5ª a 8ª série, eu fiz chantagem em casa que eu queria estudar. Quando eu prestei o vestibular e eu passei, começou aquela luta pra eu fazer vestibular. Filha mulher, eu sonhava em fazer magistério. E fazer magistério não dava, porque era longe de casa, ir de ônibus, de carro. Tinha trator, mas priorizava para o trabalho porque tinha que manter aquele monte de gente. E então quando eu fui para a faculdade, meu pai começou a ver. Por isso eu falo: minha vida pessoal sempre influenciou na minha vida profissional. Eu sempre tive que ter uma certa conquista, e conquistar aos poucos. Porque para o meu pai filha sair de casa, sem estar casada, para estudar não era possível. Então vem toda essa questão. Então eu prestei concurso na minha cidade, e comecei lá. Sempre tive excelentes pessoas trabalhando ao meu lado, observando. Quando eu vim pra cá, meu pai me deu o maior apoio. Aí eu já estava com 27 anos. Lá na cidade eu já lecionava. Então foi isso, isso tudo me fez, fez eu me manter e valorizar. O que é mais difícil pra você conquistar, você valoriza mais, talvez falte isso hoje em dia, ter objetivos nos outros.

O que mais o estimula a continuar na carreira docente?

Olha, eu acho que educar, a educação. Eu acho que você não consegue mudar o mundo através da educação, educando o povo. O que mais me estimula é isso.

Alguma coisa te desestimula?

Olha, o que me desestimula ainda, é o que eu falei agora, as pessoas saberem que a educação é um meio para mudar a sociedade e usar isso contra, e não usar isso a favor. Não contribuir mais pra isso.

Qual é a importância de ser professor para você?

Estar transformando pessoas. Estar criando cidadãos, cidadãos mais conscientes.

Se tivesse que optar por outra carreira continuaria no ensino?

Estaria. Eu acho que lidar com pessoas, estar ensinando alguém é muito bom. Você vê a pessoa aprendendo com você. Eu não consigo ensinar um aluno, se ele não se abrir pra aprender. Você vê, a minha aluna, por exemplo, que se formou em Biologia, ou a que se tornou matemática. E a que se tornou bióloga, ela foi fazer Farmácia, que tem a ver com Biologia. Eu talvez se eu pudesse, eu faria ainda um curso voltado para a saúde para ajudar ainda pessoas. Porque eu gosto muito da parte de Ciências e Biologia, da parte que ensina pessoas a ter qualidade de vida. Descobrir a questão alimentar, como funciona o organismo. Pra mim influenciou. Eu era uma adolescente obesa e me transformou pelas aulas de Biologia que eu tive. Pra você ver como a parte biológica funciona. Eu nunca tomei remédio pra emagrecer e foi com as aulas de Ciências e Biologia. Mais pela professora de Ciências de 7ª série, que é a que eu falo que me influenciou. Nas aulas de nutrientes, o que você deve ingerir, cada grupo, tal. A minha vida pessoal influencia a minha vida profissional.

Você consegue “predizer” como será o fim da sua carreira? Como você vai estar se sentindo?

Eu pretendo pensar como eu penso agora. Apesar das dificuldades, diante de tudo o que eu falei pra você. Pode ser que eu esteja errada, mas acho que não, é ter contribuído sim, dessa forma, pra educação das pessoas. Vou ter aquela sensação de dever cumprido.